

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC
Departamento de Comunicação Social – DCSO
Curso de Jornalismo**

Érika Alfaro de Araújo

**O LUGAR DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE
DOS PROGRAMAS JOGO ABERTO E GLOBO ESPORTE SÃO PAULO**

Bauru – SP

2018

Érika Alfaro de Araújo

O LUGAR DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DOS
PROGRAMAS JOGO ABERTO E GLOBO ESPORTE SÃO PAULO

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru – SP
2018

Érika Alfaro de Araújo

O LUGAR DA MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO: UMA ANÁLISE DOS
PROGRAMAS JOGO ABERTO E GLOBO ESPORTE SÃO PAULO

Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura (orientador)

Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi

Ms. Carolina Bortoleto Firmino

Bauru – SP

2017

DEDICATÓRIA

À minha mãe, por ser a mulher mais importante da minha vida. E às mulheres que lutam e lutaram por um mundo melhor para todas nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, a pessoa mais especial da minha vida, por sempre acreditar em mim, estar ao meu lado em cada fase da minha trajetória pessoal e acadêmica, fazendo o possível e o impossível para que eu conseguisse alcançar os meus sonhos, valorizando a minha educação e me permitindo ter acesso a tudo o que foi necessário para chegar até aqui.

Ao meu pai, por fornecer toda a estrutura para a minha formação, por colocá-la em primeiro lugar e por compartilhar comigo seu amor pelo esporte e pelo nosso time do coração.

Ao meu irmão, por, desde criança, apoiar e incentivar minha paixão pelo esporte, além de estar sempre ao meu lado. À minha cunhada, Agda Rosa, pela doçura e parceria de sempre.

Ao meu namorado, André Aguiar, pela força, pela ajuda e por ser meu porto seguro em meio a tantas incertezas.

Aos meus amigos, Bruno Ribeiro, Fabio Toledo, Rafael De Luca e Rodrigo Correia, por esses quatro anos de companheirismo. E, em especial, à minha querida amiga Juliana Borges, por trilhar esse caminho comigo, compartilhando dúvidas, aflições e sucessos. Agradeço também aos meus colegas de trabalho e aos meus amigos da vida toda, pela torcida e pelo suporte.

Ao Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura, pela paciência, confiança, orientação e por apoiar cada etapa desse estudo.

À Profa. Dra. Maria Cristina Gobbi e à doutoranda Carolina Bortoleto Firmino, por aceitarem participar dessa etapa, por meio da composição da banca examinadora, e serem uma inspiração para mulheres que desejam seguir a carreira acadêmica.

A todos os professores que marcaram a minha vida, emprestaram um pouco do seu conhecimento e contribuíram para a minha vontade de buscar cada vez mais.

À Universidade Estadual Paulista, pelo espaço de aprendizado.

À equipe do Jogo Aberto, pela recepção; Marcelo Silveira Campos e Leandro Reale, pela viabilização das entrevistas. Meu agradecimento a cada um dos entrevistados, Carla Canteras, Cássio Barco, Charles Mills, Cida Santos, Marco Aurélio Souza e, em especial, Renata Fan, pela atenção.

EPÍGRAFE

“A educação é o poder das mulheres”
(Malala Yousafzai)

RESUMO

A presente monografia tomou como base os programas Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, e Globo Esporte São Paulo, da Rede Globo, para verificar o espaço preenchido pela mulher no jornalismo esportivo da televisão aberta brasileira na atualidade, desde a produção, até a reportagem, a apresentação e os comentários. Por meio de entrevistas com profissionais que compõem as atrações, à frente das câmeras e nos bastidores, evidenciamos a visão do mercado de trabalho sobre a atuação feminina. Com base na análise dos programas, averiguamos de que forma esses produtos chegam aos telespectadores, com foco na presença da mulher jornalista. Com dados coletados em um questionário aplicado ao público, entendemos como esse contexto se reflete na audiência dessas atrações. Sob a luz da questão de gêneros, analisamos fatores que rondam a mulher em seu exercício profissional e durante uma história de relação com o esporte. Para isso, utilizamos como metodologia uma abordagem bibliográfica, histórica e empírica para entender o que cada função ocupada pela figura feminina dentro das redações exprime sobre o seu papel profissional e social dentro da televisão, tudo isso em um contexto majoritariamente masculino como é o jornalismo esportivo.

Palavras-chave: mulher jornalista, jornalismo esportivo, Jogo Aberto, Globo Esporte, gênero

ABSTRACT

This monograph took as a basis the television programs Jogo Aberto, from Rede Bandeirantes, and Globo Esporte São Paulo, from Rede Globo, to verify the space occupied by woman in sports journalism on Brazilian open television nowadays, from production to reporting, presentation and comments. Through interviews with professionals that compose the attractions, in front of the cameras and behind the scenes, we demonstrated the market vision about the women's agency. Based on the analysis of the programs, we examined how these products reach the viewer, focusing on the presence of female journalists. With data collected in a questionnaire applied to the public, we understand how this context is reflected in the audience of these attractions. Considering the question of gender, we analyzed factors that surround women in their professional practice and during their long-standing relationship with sport. To achieve this, we use as methodology a bibliographical, historical and empirical approach that helps us to understand what each function occupied by the female figure within newsroom expresses about their professional and social role on television, all this in a mainly masculine context such as sports journalism.

Keywords: female journalist, sports journalism, Globo Esporte, Jogo Aberto, gender

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Aspectos históricos	14
2.1. História do jornalismo esportivo no Brasil	17
2.2. Jornalismo esportivo na televisão	19
2.3. Mulheres no jornalismo esportivo brasileiro: atuação profissional	23
3. Gênero e Esporte	27
4. Metodologia e objetos de análise	34
4.1. Objetos estudados	37
4.1.1. Jogo Aberto	37
4.1.2. Globo Esporte São Paulo	40
5. Análise	43
5.1. Mulher atleta e mulher no jornalismo esportivo	43
5.2. Uma reflexão sobre as dificuldades femininas em relação à estética	53
5.3. Machismo na profissão	57
5.4. A atual situação feminina no mercado de trabalho da televisão aberta no jornalismo esportivo	60
6. Análise dos programas	65
6.1. Jogo Aberto	65
6.1.1. Jogo aberto: segunda-feira, dia 25 de setembro	66
6.1.2. Jogo Aberto: 26 de setembro, terça-feira	68
6.1.3. Jogo Aberto: 27 de setembro, quarta-feira	70
6.1.4. Jogo Aberto: 28 de setembro, quinta-feira	73
6.1.5. Jogo Aberto: 29 de setembro, sexta-feira	74
6.1.6. Síntese da participação de Renata Fan	77

6.2. Globo Esporte São Paulo	78
6.2.1. Globo Esporte São Paulo: 25 de setembro, segunda-feira.....	79
6.2.2. Globo Esporte São Paulo: 26 de setembro, terça-feira	81
6.2.3. Globo Esporte São Paulo: 27 de setembro, quarta-feira	84
6.2.4. Globo Esporte São Paulo: 28 de setembro, quinta-feira	87
6.2.5. Globo Esporte São Paulo: 29 de setembro, sexta-feira	90
6.3. Síntese da visão de gênero dos programas	93
7. Análise do questionário	96
Considerações finais	108
Referências	112
Apêndices	117

1 INTRODUÇÃO

No decorrer da história, as mulheres lutaram para conquistar seu espaço nos mais diversos setores da sociedade e não foi diferente com o esporte. Elas buscaram participação nesse universo como torcedoras, atletas e, no jornalismo, como profissionais. Tendo em vista essa conjuntura em que as mulheres lutam pela igualdade entre os gêneros, consideramos de extrema relevância averiguar a situação em que as jornalistas esportivas se encontram, na atualidade, nos postos de trabalho da televisão aberta do Brasil.

Assim, acreditamos que esta pesquisa obtém justificativa pela necessidade de evidenciar o papel da mulher no processo de produção jornalística de programas esportivos, buscando entender o seu lugar e os motivos pelos quais a mulher jornalista é ou não designada para cada uma das funções que exerce atualmente.

No processo de produção, reportagem, apresentação e opinião dos programas esportivos, cada uma dessas funções exprime um tipo de visão sobre o trabalho jornalístico da mulher. A produção, que acontece nos bastidores, diz respeito ao planejamento e à realização dos conteúdos. A reportagem apura e divulga as notícias, configurando-se como uma atividade informativa. A apresentação expressa a imagem do programa e ainda exige do indivíduo (ou indivíduos) posturas imparciais (objetivas) e roteirizadas em boa parte do tempo. Já a análise, que é o âmago dos programas de esporte, exige conhecimento profundo, posicionamento fundamentado sobre a temática esportiva e autoridade para transmitir confiabilidade ao público por se tratar de um estilo opinativo; mais do que qualquer outro membro da equipe, o comentarista precisa ter conhecimento profundo das regras do esporte sobre o qual fala (BARBEIRO e RANGEL, 2006). E é justamente nessa área que a mulher possui menos atuação. Não buscamos apenas comprovar esse fato, como também entender o motivo pelo qual acontece.

Além disso, compreender a maneira como as profissionais são incluídas nesse contexto também significa destacar os desafios e preconceitos por elas enfrentados. Identificar os problemas, questionar suas causas e divulgar suas raízes são ações essenciais para a busca de soluções. Ademais, salientar pontos problemáticos desse sentido na produção do conteúdo pode elucidar uma das razões pelas quais o público masculino continua sendo predominante, uma

vez que a representatividade é essencial para a atração de espectadores de ambos os gêneros.

Desestabilizar verdades pré-concebidas e romper com os essencialismos são algumas das contribuições que o campo teórico dos estudos de gênero tem contemplado desde seu surgimento nos anos 70 do século XX. Ao problematizarem os processos sociais utilizados para a educação de homens e mulheres, tais estudos evidenciam as relações de poder que estão imbricadas nestes processos bem como as diferentes formas de inclusão e exclusão que deles decorrem. Inclusive no campo do esporte e da educação física (GOELLNER, 2010, p.9)

Em 2016, a ESPN, canal esportivo por assinatura, lançou o programa “Olhar espnW”. O projeto é o primeiro da história da emissora voltado para as mulheres e feito, desde a produção até a apresentação e os comentários, por mulheres. A atração semanal consiste em uma estratégia para atingir o público feminino da ESPN. Os canais esportivos da Globosat também demonstram ter cativado essa audiência, que representa uma média de um terço do total (32%). Dessa forma, se um canal voltado apenas para o esporte sentiu a necessidade de suprir uma demanda por atenção especial e representatividade de suas telespectadoras, temos precedentes para questionar quais ações os programas de esporte da televisão aberta estão promovendo para acompanhar o crescente público feminino no Brasil.

Quando se trata de investigações que envolvam mulheres, esporte e gênero é possível considerar este quadro de pesquisas como algo recente. O campo de estudo aparece de maneira receptiva a quem observa a prática esportiva como uma construção histórica e social. Nele, podemos considerar a constante dicotomia entre masculino e feminino: enquanto os homens são historicamente responsáveis pela dominação no esporte, as mulheres são a camada marginalizada que busca combater preconceitos e fortalecer sua identidade. (FIRMINO, 2014, p. 43)

Ao estudar a mulher nesse contexto, teremos um reflexo da sociedade brasileira atual e de uma trajetória histórica de busca pela igualdade. O mundo esportivo – assim como muitos outros – sempre foi considerado uma área masculina, por isso o predomínio dos homens sempre foi a regra. No entanto, com o surgimento dos movimentos feministas e a atuação de mulheres pioneiras,

a conquista de direitos básicos se tornou evidente, o que abriu espaço para questionamentos do lugar feminino em diversos setores da sociedade.

Para realizarmos tais investigações, selecionamos os programas Jogo Aberto, da Bandeirantes, e Globo Esporte São Paulo, da Rede Globo, com o objetivo de averiguar tanto suas equipes, quanto a visão dos profissionais que compõe as atrações, bem como os produtos que apresentam para o público.

Dessa forma, o capítulo 2, “Aspectos históricos”, traz uma contextualização do jornalismo esportivo no mundo, no Brasil e, especificamente, da televisão, por ser nosso objeto de estudos, além da história de inserção feminina nesse cenário. O capítulo 3, “Gênero e esporte”, busca trazer problematizações sobre a relação entre as mulheres e o esporte, desde as atletas até as jornalistas, apoiado em pensadores que debatem o tema. Em seguida, no capítulo 4, “Metodologia e objetos de análise”, apresentamos os métodos utilizados nesse trabalho, a história e informações importantes sobre os programas destacados, o Jogo Aberto e o Globo Esporte São Paulo. No capítulo 5, “Análise”, selecionamos grandes temas das entrevistas realizadas para apresentar e analisar o ponto de vista dos entrevistados. O capítulo 6, “Análise dos programas”, reúne os resultados e considerações sobre os dados e conteúdos coletados por meio da técnica de semana construída, na qual selecionamos cinco edições de cada programa. Já no sétimo capítulo, “Análise do questionário” expomos o resultado do questionário aplicado ao público e as análises feitas sobre o mesmo.

2 ASPECTOS HISTÓRICOS

Atualmente, no século XXI, os conteúdos disponibilizados para o público pela mídia, quando o assunto é esporte, compõem produtos com qualidade técnica e relevância para os veículos. Apresentações esportivas notáveis, de repercussão mundial e envolvimento milionário, causam comoções nacionais. No mesmo sentido, há o deslocamento de equipes por parte das emissoras, muitas vezes para coberturas *in loco*, equipamentos de ponta, tempo na televisão e no rádio, além de espaço na internet e nos produtos impressos. Existem ainda publicações, sites e programas dedicados exclusivamente ao assunto e a modalidades específicas, como futebol, sem contar a classificação do esporte como uma área específica do jornalismo.

No entanto, o cenário nem sempre foi esse. Para chegar ao patamar que conhecemos hoje, muitos elementos foram necessários, desde a ascensão dos esportes até a consolidação de quaisquer notícias ou coberturas de eventos ou práticas atléticas. E o próprio conceito de jornalismo esportivo foi construído gradualmente.

Segundo Silveira (2009), as primeiras notícias esportivas aparecidas na imprensa se limitavam a resenhas de casos curiosos, que ganhavam espaço justamente pelo fator inusitado. Assim, os registros mais antigos de publicações relacionadas ao esporte nos remetem à Europa do século XIX.

Embora o primeiro diário esportivo francês *Le Vélo* não tenha sido fundado por Pierre Jiffard até 1892, foi no ano de 1828, na cidade de Paris, que surgiu o *Journals des Haras*, pioneiro em questões de jornal esportivo, apesar de não possuir edições diárias; o turfe e outros temas equestres eram pautas da publicação (ANDÚJAR, 2013, p. 9). Dez anos mais tarde, em 1838, tem-se informação sobre o jornal inglês *Bell's Life*, cujo conteúdo englobava aspectos da cobertura esportiva. Posteriormente, houve uma mudança no nome, para *Sporting Life*, que absorveu o primeiro diário esportivo, o também inglês *Sportman*, datado de 1852. Dantas (2016, p. 13) explica que a profissionalização das federações esportivas e dos clubes na Era Moderna provocou o surgimento do *Sporting Life*. E ainda que, se levarmos em consideração o contexto histórico da época, quando o capitalismo se fortaleceu após a Revolução Industrial, no

século XIX, o jornalismo como fenômeno moderno ganhou mais destaque, e a publicação se caracterizou pela organização das instituições esportivas.

De 1919 a 1939, o fenômeno registrado é que o esporte, antes abordado de forma didática pela imprensa, passa a ser encarado com autonomia e como informação específica. O jornalismo esportivo se fortalece e os livros sobre esportes também começam a se tornar mais lidos (LEANDRO, 2005. p.66)

Na França de 1854 se encontrava o *Le Sporte*, que estampava crônicas esportivas. Em 1869 foi criado o *Velocipede Illustré*, um semanário de ciclismo parisiense. Com a mesma modalidade de conteúdo do *Le Sporte*, porém demonstrando um estilo próprio de crônicas, o *L'Equipe*, que tinha como precursor o *L'Auto*, surgiu em 1903, carregando o título de primeiro periódico esportivo. Tal jornal organizou o Primeiro Passeio de Ciclismo da França, que o que conhecemos hoje como Tour de France (ANDÚJAR, 2003, p. 9). Outro nome importante para a França e para a imprensa esportiva foi o *Revue Athletique*, criado pelo Pierre de Frédy, mais conhecido Barão de Coubertin, o pai dos Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Na Espanha, em 1856, havia uma revista de periodicidade quinzenal chamada *El Cazador*. Suas páginas eram destinadas a defender os direitos dos caçadores e reivindicar a observância das leis de caça (ANDÚJAR, 2013, p. 10). Em 1869, a revista *El Sport Español* também estava disponível no país. De acordo com Tubino, M., Garrido e Tubino, F. (2007, p. 719), o interesse pela Educação Física e pelos esportes aumentou nesse período, por isso foi idealizada uma publicação quinzenal em 1886, a *La Ilustración Gimnástica*, com ampla aceitação popular na Espanha. Além disso, o êxito da seleção espanhola em 1920, nos Jogos Olímpicos, contribuiu muito para que os jornais inserissem assuntos esportivos em suas pautas.

Diversos jornais europeus, com maiores registros na França, na Inglaterra e na Espanha, acompanharam a tendência de estampar crônicas, notícias e conteúdos relacionados ao estilo de vida saudável por meio do esporte. Em um primeiro momento, os veículos dedicaram espaços pequenos com menor periodicidade. Posteriormente, os jornais diários cederam seus espaços e publicações especializadas foram surgindo. Esportes como turfe, canoagem, natação, boxe, iatismo e esgrima comumente geravam informações a serem

publicadas. Segundo Dantas (2016, p. 14) os jornais da Europa tiveram um incentivo na cobertura de esportes, além do hipismo e do boxe, quando o Barão de Coubertin reorganizou os Jogos Olímpicos em 1896, na Grécia.

Os Jogos Olímpicos ressurgiram em 1896 com a ideia de que os festivais de esportes internacionais poderiam promover a compreensão e a paz no mundo. Esta restauração realizada pelo Baron de Coubertin dá lugar à configuração do esporte moderno, ao esporte como atividade de massa. (ANDÚJAR, 2013, p. 8)

Além dos Jogos Olímpicos de Atenas, os de Londres em 1908, que tiveram transmissões mundiais por meio do telégrafo, e Estocolmo 1912, que contou com cobertura fotográfica, também tiveram papel importante para a consolidação das primeiras revistas esportivas e para o surgimento de novos produtos.

Citando Hernández Alonso (2003, p. 37), Andajúr (2013, p. 8) explica que a transformação de alguns eventos esportivos em shows de massa se reflete nos meios de aumentar o espaço que dedicam ao esporte. Além disso, também destaca que esse fator influencia a criação de publicações especializadas nas quais, a princípio, os redatores não eram jornalistas profissionais, mas, sim, atletas.

Na América, em 1895, existiam páginas com conteúdo esportivo no *The New York Journal*. Nesse caso, as notícias registravam corridas de cavalos e hipismo. Assim, diante dos resultados positivos de vendas e recepção do público, as notas se estenderam a outros esportes e a concorrência seguiu a mesma tendência. Em 1926, o *The New York Times* estampou em sua primeira página a vitória do boxeador Gene Tunney. Segundo Leandro (2005, p. 66), nos Estados Unidos, a imprensa esportiva começou a ganhar destaque apenas na década de 20 do século passado. E, assim como veremos ter acontecido no Brasil, em solo americano o tema sofreu resistência. Prova disso, de acordo com Leandro seriam as raras pesquisas sociológicas e de comunicação nessa área.

Dessa forma, assim como acontece com o jornalismo como um todo, aquilo que se consolidou nos meios impressos passou a ser veiculado também pelo rádio, pela televisão e, posteriormente, pela internet. Na transição do jornal para o invento de Marconi, segundo Soares (1994, p. 13), o radiojornalismo esportivo foi um dos primeiros gêneros a se firmar no rádio – ao contrário do que aconteceu

com o jornal, uma vez que a imprensa escrita surgiu muito antes do jornalismo esportivo ser considerado uma área autônoma.

2.1 História do jornalismo esportivo no Brasil

O primeiro jornal esportivo que se tem notícias no Brasil, segundo citado por Bahia (1990, p. 21), foi intitulado *O Atleta*, em 1856. Como o próprio nome sugere, suas temáticas eram relacionadas à prática de exercícios e preparação física, tudo isso tendo como público os habitantes do Rio de Janeiro. Em 1886, em São Paulo, também circulava o *Sport*, cujas pautas eram centradas em atividades físicas, e o *Sportman*. Um detalhe interessante é que a grafia dos semanários era feita em língua inglesa, o que foi mudando no século posterior a suas publicações.

Em 1891, surgiu em São Paulo *A Platea Esportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (RIBEIRO, 2007, p. 26).

Em 1894, na época em que Charles Miller, responsável por trazer o futebol da Inglaterra para o Brasil, desembarcou em terras tupiniquins, só haviam notícias sobre críquete, turfe, ciclismo e remo nas páginas dos principais jornais da capital paulista (RIBEIRO, 2007, p. 19). Desses, o mais popular era o último. Dessa forma, não é à toa que o ano de 1894 e o marco que o mesmo carrega devem ser tomados como referência. A ascensão do jornalismo esportivo acompanhou a popularização do futebol no Brasil. Segundo Bahia (1990, p. 21), o esporte bretão traz um componente emocional que se transformará na maior paixão popular do país.

Poucos anos após [1898] surgem as primeiras publicações voltadas exclusivamente para o turfe. Mas os grandes jornais só abrem suas páginas às fotos de quatro e cinco colunas com lances de futebol em 1922. (...) O futebol ingressa no espaço nobre da imprensa depois do carnaval e do jogo do bicho (BAHIA, 1990, p. 21).

Todavia, até chegar ao “espaço nobre da imprensa” um longo caminho foi percorrido. Ribeiro (2007, p. 27) destacou os grandes jornais da época: *O Estado de S. Paulo*, *Correio Paulistano* e *A Platea* em São Paulo; no Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Futebol nesse espaço nobre, muito pouco, quase nada. Havia também

a *Semana Sportiva*, no Rio de Janeiro, e, em São Paulo, *A Vida Sportiva*, que sucedia o *Sportsman* (RIBEIRO, 2007, p. 27).

Nesse caminho, o preconceito teve que ser enfrentado. Lado a lado ao jornalismo esportivo, o próprio esporte como notícia. Em estudos históricos sobre futebol e sobre a própria imprensa esportiva, que acompanhou esse cenário, a famosa frase de Graciliano Ramos, autor consagrado que escreveu o clássico da literatura nacional *Vidas Secas*, é constantemente lembrada. No início do século XX, o alagoano, que também era jornalista, afirmou: “Temos esporte em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho”. Duvidava-se que qualquer fato esportivo um dia fosse digno de uma primeira página de jornal, mesmo que fosse sobre o popular da época, o remo.

Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma decisão sobre a vida política do país? (...) Duvidar foi o esporte preferido até mesmo de gente experiente, que vivia de escrever para os cadernos especializados. (COELHO, 2011, p.8)

Ribeiro (2007, p. 25) conta que, em meados de 1901, emplacar pautas relacionadas ao futebol naquele cenário de São Paulo – uma vez que se tratava de um tempo de amplo crescimento e modernização com a recente implantação da República – era muito difícil. No entanto, o autor contrapõe que fechar os olhos para o crescimento do futebol nas várzeas parecia um grande erro de avaliação dos responsáveis pelos principais jornais da época.

Coelho (2011, p. 8) destaca que, em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. O autor explica que não se tratava de um periódico voltado para as elites, nem sequer era um formador de opinião. A sua importância estava no fato de que atingia um público cada vez mais numeroso na capital paulista daquela época: os italianos. Foi nesse jornal que se colocou o aviso para fundar o clube de futebol que receberia o nome de Palestra Itália e, anos depois, na Segunda Guerra Mundial, tornaria-se o Palmeiras. Dessa forma, o *Fanfulla* marcou a história do jornalismo esportivo pelo fato de registrar a trajetória e preservar a memória das primeiras décadas de grandes clubes de futebol. Ainda segundo Coelho, o jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que esse esporte ainda não cativava multidões.

Assim, a tendência era mesmo o registro, já que Coelho (2011, p. 9) confirma que a primeira cesta e o primeiro saque no Brasil foram documentados pelos jornais, mesmo que sempre houvesse alguém querendo cortar uma linha disponibilizada aos conteúdos esportivos. Ainda conforme explicita Coelho, em 1931, nasceu o que se pode considerar, a rigor, o primeiro diário exclusivamente dedicado ao esporte, o *Jornal dos Sports*. A afirmação se deve ao fato de que, apesar da *Gazeta Esportiva* ter surgido em 1928, em sua origem a publicação era um suplemento do jornal *A Gazeta*. A transformação para um produto diário esportivo se deu em 1947.

Durante todo o século passado, dirigir redação esportiva requeria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e, conseqüentemente, ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto (COELHO, 2011, p. 9)

Durante algum tempo, jornais e revistas dedicados ao esporte não resistiram e fecharam suas portas. E foi só no fim da década de 1960 que os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais (COELHO, 2011, p. 10). Mas, antes disso, existia outro meio capaz de alavancar as coberturas: o rádio. Não apenas os jornalistas interessados na área viram a oportunidade, mas também os jogadores e dirigentes. Entre 1935 e 1940, tratava-se de uma “via de mão dupla”: o crescimento das rádios no Brasil não parava, e o esporte seguia como importante instrumento dessa ascensão. (...) O futebol, associado ao sucesso do rádio, começava a proporcionar futuro político aos seus proprietários (RIBEIRO, 2007, p. 90).

2.2 Jornalismo esportivo na televisão

Ao contrário do processo de consolidação que teve que enfrentar em suas origens na imprensa escrita, de acordo com Soares (1994), o jornalismo esportivo mantém-se, desde as primeiras transmissões, entre os gêneros de maior faturamento publicitário no rádio, principalmente para as emissoras com

tradição na cobertura do futebol. Dessa forma, quando a televisão tomou o seu lugar de destaque, tal modalidade jornalística também garantiu seu espaço.

As primeiras transmissões esportivas televisivas aconteceram, na Europa, na década de 1930. Nos Estados Unidos, o beisebol tinha seu espaço por volta de 1935. Dois anos depois, a primeira jornada de Wimbledon na Inglaterra; os Jogos Olímpicos de Berlim, ocorridos em 1936, na Alemanha; em solo francês, a transmissão da Copa do Mundo de Futebol, do ano de 1948, foi ao ar na televisão.

No Brasil, as telinhas entraram em cena mais tarde, na década de 1950. Ribeiro (2007, p. 135) conta que, no dia 18 de setembro de 1950, entrou no ar a *TV Tupi*. Segundo o autor, o dono, Assis Chateaubriand, era o maior empresário das comunicações do país e já comandava o que chamou de “um império” (formado por 34 jornais, 36 emissoras de rádio, uma agência de notícias, a revista *O Cruzeiro*, dez revistas infantis e uma editora). Ribeiro continua narrando que o gasto com a televisão foi de 5 milhões de dólares para a compra de trinta toneladas de equipamentos. Desde o primeiro dia que a televisão entrou no ar, o esporte teve seu espaço privilegiado (RIBEIRO, 2007, p. 135). O autor continua contando que Aurélio Campos, que já foi locutor, diretor artístico e de esportes da rádio *Tupi*, foi o responsável por apresentar o programa *Vídeo Esportivo* ao lado de Baltazar, ex-jogador corintiano.

As notícias das primeiras filmagens esportivas na história brasileira são creditadas a Alfonso Zibas, que foi até o estádio Pacaembu, na cidade de São Paulo, para registrar lances da partida entre São Paulo e Portuguesa. Conforme Ribeiro (2007, p. 135), sem avisar ao árbitro, ficou na beira do gramado e começou a coletar as imagens. Ao tomar conhecimento do que Zibas fazia, o juiz o expulsou do campo. Mas, um mês depois, em outubro de 1950, aconteceu a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão brasileira (RIBEIRO, 2007, p. 135). No mesmo estádio, o Pacaembu, o embate foi entre Palmeiras e São Paulo.

Em território brasileiro, a popularização da televisão também aparece como elemento de contribuição para a hegemonia futebolística no país (RODRIGUES, 2014, p. 16). Como alguns dos fatores que agiram nesse sentido, podemos destacar o tempo e a autonomia conferidos ao público. Na época em que os meios dominantes eram os impressos, o leitor que não fosse até o evento

esperaria até o produto chegar às bancas, ou em sua casa no caso de um assinante, para conferir os resultados e possíveis análises, feitas sob o ponto de vista do jornalista, figura que esteve no local. No caso do rádio, apesar da instantaneidade, o ouvinte exercitava sua mente para transpor a instância da palavra e imaginar o que se passava nos campos e quadras país afora. Os dois veículos deixavam o público à mercê da interpretação de repórteres e locutores. O que a televisão inaugurou foi a possibilidade de o telespectador ver o que se passava em tempo real, entender melhor a dinâmica do esporte, mesmo sem nunca sequer ter praticado, além de tirar suas próprias conclusões sobre os lances e atuações, com comentários ilustrados.

Nessa trajetória, a segunda emissora de televisão nasceu em São Paulo, a *TV Paulista*, em 1952. E, assim como destaca Ribeiro (2007, p. 142), mesmo com investimentos milionários, a infraestrutura ainda era precária, o que acontecia tanto na *TV Tupi* quando na posterior *TV Paulista*. O autor relata que, como o futebol não podia faltar em qualquer empreendimento de comunicação, mesmo com a falta de estrutura, as emissoras atreviam-se a transmitir jogos inteiros. Assim, apresenta o depoimento de Luiz Guimarães, um dos primeiros contratados da nova empresa paulista, precursora da *TV Globo*:

“Eu tinha de fazer também a locução das partidas de futebol. Fazia a abertura do jogo com narração de estúdio, corria para o estádio do Pacaembu para transmitir a partida externa, depois corria novamente para o estúdio para fazer a finalização e apresentação das próximas atrações. E tudo isso a pé... Sorte que o estádio era perto” (RIBEIRO, 2007, p. 142-143)

Ainda segundo Ribeiro (2007, p. 143), dois anos após sua fundação, a emissora entraria nos eixos. A *TV Record* surgiu em 1953 e começou a disputar a audiência com a *Tupi*. E, enquanto a empresa paulista foi pioneira ao transmitir a primeira partida intermunicipal, entre Santos e Palmeiras (no dia 18 de dezembro de 1955), a *Record*, em parceria com a *TV Rio* (fundada em 17 de julho de 1955), fez a primeira transmissão interestadual, ao vivo, no dia 26 de maio de 1956. Pouco tempo depois, no dia 1º de julho, mais uma vez, *Record* e *TV Rio* entraram em cadeia e mostraram, ao vivo, imagens de um amistoso do Brasil contra a Itália, no Maracanã (SAVENHAGO, 2011, p. 25). De acordo com William (2002, p. 37), essa proeza impulsionou definitivamente a venda de

televisores, em razão da população começar a achar alguma vantagem em comprar aqueles aparelhos, que ainda eram novidade.

Assim, com o impulsionamento dos aparelhos televisores, o esporte também se tornou mais acessível para aquelas pessoas que não frequentavam os locais onde as competições aconteciam, mas se interessavam pelo segmento. Mais uma vez, o futebol foi grande ator desse cenário. Conforme explicita MACEDO (2008, p. 64), o futebol globalizou-se com a televisão ao levá-lo a uma escala de midiatização inalcançável por nenhuma outra modalidade desportiva.

De acordo com Rodrigues (2014, p. 17), nos anos 1960, a televisão brasileira explorava as mesas-redondas, transmissões e videotapes das partidas de futebol. Além disso, a força que a televisão começava a exercer sobre o público, aliada à popularidade do rádio, transformou a vida de alguns personagens da imprensa esportiva, fazendo deles verdadeiras celebridades (RIBEIRO, 2007, p. 178). Outros eventos importantes da década foram a fundação da *TV Globo*, em 1965, e da *TV Bandeirantes*, em 1967.

Após a consolidação dos telejornais como tipo de programa padrão do jornalismo televisivo na década de sessenta, o país [Brasil] viveu um período de avanço tecnológico e abertura política que permitiu o surgimento de programas jornalísticos com formatos diferenciados. (...) Das transmissões das partidas, o esporte passou a ocupar um espaço importante na programação televisiva em programas que vão desde boletins contendo informações simples sobre o universo esportivo, a mesas redondas com debate entre especialistas e atuantes do campo esportivo, além de programas exibidos diariamente para relatar os assuntos extra-campo. (SILVA, 2005, p. 1)

Segundo Ribeiro (2007, p. 227), a televisão, na década de 1970, acompanhou uma onda de renovação da mídia esportiva, apesar do atraso existente no setor técnico de transmissões. De acordo com o autor, em 1972, foi ao ar a primeira partida de futebol em cores na América do Sul – a cobertura feita pela *TV Rio* foi do jogo entre o Caxias e o Grêmio.

Conforme Ribeiro (2007, p. 253), no início da década de 1980, a *TV Globo* preparava-se para conquista da hegemonia das transmissões esportivas, mas, para isso, teria que enfrentar a *Record* e a *Band*. E esta última não deixou barato, auto-intitulou-se o “Canal do Esporte”, apostando em modalidades como vôlei, Fórmula Indy e transmissões de futebol internacional. Na década seguinte,

surgiram os canais por assinatura, com opções dedicadas exclusivamente ao esporte.

Assim, em 1990, a *Record* já havia abandonado o posto proeminente de concorrência, deixando o espaço para a luta entre *Globo* e *Band*. E, se a popularidade do futebol ajudou a reforçar a relevância da televisão, o meio também contribuiu muito em quesitos financeiros com a modalidade. Segundo Ribeiro (2007, p. 278), a televisão passou a ser o principal instrumento de sobrevivência para os clubes brasileiros. Isso se deve ao fato de que os canais por assinatura e a competição pela exclusividade dos direitos de transmissão aumentavam ainda mais a receita dos dirigentes. Para se ter uma ideia da dimensão que a combinação têve e futebol ganhara, na Copa do Mundo de 1994, em todo o planeta, foram 31,7 bilhões de telespectadores, em 140 mil horas de transmissão, segundo Xavier (2000, p. 161) e o jornal *Folha de S. Paulo*, respectivamente. Já a última Copa antes da virada do século XX atingiu a marca de 35 bilhões de telespectadores (RIBEIRO, 2007, p. 294). E, nesse momento, as estruturas melhoraram e os jornalistas possuíam mais instrumentos para trabalhar, como laptops e fotos digitais.

2.3 Mulheres no jornalismo esportivo brasileiro: atuação profissional

Neste espaço, buscaremos destacar brevemente o pioneirismo das mulheres como profissionais do jornalismo esportivo, elencando apenas os processos históricos que envolvem o tema.

Em uma época em que assuntos como moda, culinária, comportamento, estilo de vida e outros temas apolíticos eram os campos de atuação feminina, surge o nome de Maria Helena Rangel no esporte. Em meio a profissionais homens, ela foi a primeira mulher a atuar na cobertura esportiva brasileira. É considerada a primeira jornalista do país e era atleta (campeã) em arremesso de disco (RAMOS, 2010, p.31). Em 1947, foi contratada pelo jornal *Gazeta Esportiva* e seguiu na profissão por cerca de cinco anos.

Vale ressaltar que Mary Zilda Grassia Sereno, em 1934, tirava fotos de esporte. Em um episódio com o jornal *O Globo*, após a Copa de 1934, capturou uma imagem de uma freira italiana comemorando o título da seleção nacional de futebol, conforme explicita Ramos (2010, p. 261). Segundo Dantas (2016, p. 37), o veículo publicou a foto, mas não a contratou pelo fato de ser uma mulher. Mary

passou por outras empresas durante sua carreira, como os impressos *Hoje*, *O Dia*, *O Tempo*, *Gazeta Esportiva*, *A Hora* e *Época*. Sua preferência como fotojornalista era o esporte.

“Atenção, gente, a Mary está entrando”. Tinha sempre alguém para avisar aos colegas que estavam se trocando que Mary Zilda Grassia Sereno, a fotógrafa de *O Dia*, estava para entrar no vestiário dos jogadores. Mary era fotógrafa da “geral”, mas gostava, mesmo, era de futebol, o que “cobria” com mais frequência” (RAMOS, 2010, p. 265).

Segundo Coelho (2011, p. 34), até o início dos anos 1970, era quase impossível ver mulheres no esporte. Mas, conforme Ribeiro (2007, p. 220), essa mesma época começou com ideias inovadoras na editoria. O autor explica que foi uma grande novidade a tentativa de superar os preconceitos, uma vez que, até tal momento, eram raríssimas as exceções, e as mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino das transmissões esportivas. De acordo com o mesmo, uma equipe inteira era pura utopia. No entanto, a *Rádio Mulher* chegou para quebrar esse tabu e criou uma equipe esportiva formada exclusivamente por mulheres. Conforme o estudioso conta, a proposta era inovadora, mas o preconceito por parte dos homens da imprensa era escancarado.

Ribeiro (2007, p. 221) lista a equipe: Zuleide Ranieri Dias, narração; Jurema lara e Leilá Silveira, comentários; Lea Campos, comentários de arbitragem, pois também era juíza; Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral, reportagem; Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro, locução no plantão na sede da rádio; Tereza Leme, transporte do elenco; Regina Helô Aparecida, sonoplastia. Germana Garili é outro nome marcante, chegando a ter a sua própria coluna, intitulada *A Bola é Dela*. A Federação Paulista de Futebol a reconhece como a primeira repórter feminina profissional a cobrir futebol no campo.

A discriminação vinha por parte de homens, tanto os jornalistas quanto dos jogadores. Todavia, a manutenção dessa formação se deu durante cinco anos. Ribeiro prossegue citando uma fala da narradora Zuleide: “Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem que dividir o mesmo local de trabalho conosco”. Depois do fim dessa união feminina, nenhuma delas continuou na área esportiva. E o autor ainda afirma que a maioria

simplesmente desistiu da profissão, porque, depois de cinco anos, a *Rádio Mulher* achou que estavam faltando homens na equipe.

Na década de 1970, outra personalidade a ser lembrada é Cidinha Campos, cuja função de repórter foi exercida na *TV Record*. Em meados de 1980, o rádio foi responsável por trazer Regiane Ritter, figura marcada como pioneira. Ela era repórter e comentarista da *Rádio Gazeta*. Conforme conta o *Portal Mídia Esporte*, Regiane começou na rádio ao cobrir as folgas de jornalistas encarregados das notícias dos clubes da capital paulista. Assim, a publicação do Portal ainda revela que a ibitinguense migrou para a *TV Gazeta*, na qual ocupou os cargos de produtora e comentarista do programa *Mesa Redonda*, além da participação nas transmissões dos jogos. Em 1991, sagrou-se a melhor jornalista no prêmio do jornal *Unidade*, do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. No ano de 2010, o troféu Regiani Ritter foi criado pela Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo em reconhecimento à contribuição do seu trabalho.

Ao lado de Ritter, Martha Esteves também foi uma das primeiras a cobrir vestiários – no Rio de Janeiro. Diz-se isso porque, diferente do que acontece atualmente, não existiam áreas destinadas a entrevistas, ou seja, os e as repórteres tinham que procurar pelos jogadores nos próprios vestiários. E essa prática era vista como uma barreira para as mulheres no exercício da profissão, visto que elas deveriam adentrar nesse espaço masculino para colherem os depoimentos dos atletas do futebol. Embora muitos vissem como um empecilho, elas faziam o necessário para obter as respostas. A jornalista (Martha Esteves) não se intimidou com o machismo do ambiente esportivo nem com as desculpas de recusa dos entrevistados (BARBAT apud BOLZAN, MARQUES e OLIVEIRA, 2013, p.5-6). A profissional passou pelas revistas *Placar* e *Quatro Rodas*, pelo *Jornal do Brasil* e, nos dias de hoje, é subeditora do jornal *O Dia*. Além do futebol, ainda existiam mulheres jornalistas cobrindo outras modalidades. Exemplo disso é Alaíde Pires no automobilismo.

Ainda na década de 1980, na televisão, Isabela Scalabrini apareceu como uma das primeiras representantes femininas do meio a produzir reportagens esportivas. Cobriu grandes eventos, como os Jogos Olímpicos de 1984 e 1988, além das Copa do Mundo de 1986 e 2014. Ela foi também a primeira apresentadora mulher do programa *Globo Esporte*. Monika Leitão é outro nome

a ser lembrado na *Rede Globo*, sendo uma das pioneiras da Divisão de Esportes e também fazendo matérias para o *Globo Esporte*.

Na época de precursoras, como Ritter e Rangel, dar oportunidades às mulheres na editoria esportiva não era uma prática comum adotada pelos veículos. Configurando-se como um fenômeno recente, na década de 1990, Mylena Ciribelli foi a primeira mulher a apresentar o *Esporte Espetacular* e, posteriormente, também esteve à frente do *Globo Esporte* em algumas oportunidades. Ao sair da emissora em 2009, foi contratada pela *TV Record* e desde então, comanda o programa *Esporte Fantástico*. Sua experiência no jornalismo esportivo também tem registros anteriores à *Globo*, no início de sua carreira, em sua passagem pela *TV Manchete*, na qual apresentou boletins olímpicos (de Seul, 1988), Fórmula 1 e também participou do programa *Manchete Esportiva*.

Embora Isabela e Mylena tenham aberto esse caminho, foi apenas com Glenda Kozlowski que o *Globo Esporte* contou com uma mulher diariamente em seu comando – o que aconteceu depois de seu trabalho no *Esporte Espetacular*. Glenda, além de jornalista, é tetracampeã mundial de Bodyboarding.

Em outro âmbito dos programas esportivos está o debate. E, nessa área, o pioneirismo é da gaúcha Renata Fan. Por meio de sua figura, o Jogo Aberto, que surgiu em 2007 na *Rede Bandeirantes*, é a primeira atração esportiva no formato mesa-redonda a contar com uma mulher no comando. Sobre tais fatos, os veremos com mais profundidade no decorrer do trabalho.

Assim, no próximo capítulo, estabeleceremos um debate sobre a relação entre esporte e gênero, sob a luz de pensadores e pensadoras que trabalham os temas.

3 GÊNERO E ESPORTE

De acordo com Firmino (2014, p.9), ainda que o esporte seja um fenômeno cuja dimensão social abrange valores culturais de diferentes grupos, a mulher tem uma trajetória de luta para se inserir nessa realidade. Em tempos primitivos, o esporte não era praticado da forma como conhecemos, com modalidades, regras definidas e objetivos traçados individualmente. Assim, era possível confundi-lo com rituais religiosos e de caça, que contavam com a participação da mulher, a qual cabia a função de ajudar a combater uma presa para o abate, segundo Oliveira, Cherem e Tubino (2008, p. 118), apud Tubino (2002). Ainda segundo os autores, se por um lado era garantido a sua participação na caça, o fato gerava proibições e recolhimento, cenário que se manteve até o período da Grécia Antiga, que contava com uma estrutura social patriarcal.

E os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga são ilustrativos no que diz respeito a essa relação entre as mulheres e o esporte, uma vez que, naquela época, elas não podiam sequer assistir às competições.

Segundo Contador, Silva e Todt (2004, p. 254), competir nas Olimpíadas significava honra, tanto que, no decorrer das competições (jogos e lutas), os atletas ficavam nus com o intuito de transmitir transparência e lealdade aos Deuses e ao esporte. Assim, conforme Firmino (2014, p. 12), a nudez representava a exaltação ao corpo e ao comportamento heroico do homem, enquanto a honra do vitorioso se estendia à família e à cidade do atleta.

Por não poderem presenciar as provas olímpicas, as mulheres participavam de uma competição, a Heraea, em homenagem à deusa Hera, mulher de Zeus. Mas, bem diferente do cenário masculino, as mulheres não possuíam valores de heroínas, uma vez que, no pensamento da época, dimensão corporal, força física, habilidade e técnica eram características de um herói olímpico e as mulheres não as possuíam.

Miragaya (2002, p. 4) ressalta que às mulheres também era dado valor, mas pela qualidade dos filhos que elas produziam. Dessa forma, a autora continua afirmando que era negado às figuras femininas a participação e atuação em atividades físicas similares porque pensava-se que a mulher era muito delicada e frágil, tendo que se restringir à vida doméstica e levar um estilo de

vida passivo. Já se propagou até mesmo o discurso de que a competição esportiva seria perigosa pelo risco de masculinizar a mulher.

Na Era Moderna, as disputas olímpicas tiveram início em 1896 e contaram exclusivamente com a participação de homens. Ressalta-se que o termo “olímpico” ganhou significado depois de quase dois mil anos da data que marca a origem de um festival esportivo semelhante às Olimpíadas. (FIRMINO, 2014, p. 12). Dessa forma, o evento possuía cunho religioso, uma vez que era visto como um acordo com os deuses, um tempo de paz no qual as guerras eram deixadas de lado pelo esporte. De acordo com Gomes (2004, p. 19) os Jogos Olímpicos colaboram, de forma decisiva, para que a disputa esportiva seja considerada um ato viril por excelência. E o desporto impõe-se não só como uma prática moderna, mas também como baluarte da afirmação masculina, a qual as mulheres não deviam sombrear (GOMES, 2004, p. 19).

O idealizador do renascimento das Olimpíadas [em 1896], o Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), homem típico de sua época, optou por seguir a tradição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade mantendo as mulheres fora das quadras, campos e arenas esportivas, ao mesmo tempo em que reverenciou a figura do herói da Antiguidade, portador de um físico extraordinário e virtudes morais inigualáveis. (MIRAGAYA, 2002, p.1)

Uma vez que a presença feminina não ocorreu nas primeiras Olimpíadas modernas, excluiu-se, portanto, 51% da humanidade. Nessa oportunidade, foram 245 atletas masculinos de 14 países do mundo ocidental (MIRAGAYA, 2002, p.1). Por se tratar de um evento mundial de grande relevância – só para se ter uma ideia da dimensão adquirida e mantida até os dias de hoje, em 2016, foram 12 mil atletas de 206 países mais a delegação do time de refugiados olímpicos –, os jogos que tiveram origem na Grécia são de grande importância para estudos relacionados ao esporte.

Dessa forma, por meio deles, podemos perceber os obstáculos enfrentados por atletas para conseguirem seu espaço e construir sua identidade como profissionais. Segundo Miragaya (2002, p. 1), crenças tradicionais sempre prescreveram que o cansaço físico e a competição eram contrários à natureza da mulher. Assim, por essa questão pré-estabelecida socialmente, as performances femininas, quando não eram negadas, eram diminuídas e

subjugadas. Além disso, acreditava-se que o lugar da mulher era dentro de casa, tomando conta da residência e dos filhos (MIRAGAYA, 2002, p.1).

Em decorrência de tais pensamentos enraizados socialmente, os quais ainda se pode verificar na atualidade, foi necessário um longo processo histórico e de transformações sociais para que as mulheres pudessem conquistar seus espaços. Sendo realizados no final do século XIX, a primeira Olimpíada da Modernidade se passou enquanto o Ocidente atravessava um período de progresso tecnológico e científico.

Nesse contexto, a industrialização e as reformas sociais seriam determinantes para o mundo do século seguinte. Aos poucos, as inovações foram invadindo as fábricas, que ainda estavam começando a alavancar economias, e cada vez mais força de trabalho era necessária. E isso envolvia as mulheres: pela precisão de material humano, elas, que começavam a ocupar funções fora de suas vidas domésticas, adquiriram novos papéis sociais e iniciaram sua entrada no mercado de trabalho. Como explica Miragaya (2002, p. 6), à medida que elas começavam a participar mais na economia de seus países, também queriam ser ouvidas como cidadãs e ter direito ao voto. A autora continua explicitando que, gradualmente, as mulheres foram saindo da passividade e submissão para a atividade, iniciativa e inclusão. E foi nessa época também que o esporte feminino passou por mudanças.

Segundo Miragaya (2002, p. 7), pontos fundamentais sobre o debate em torno do envolvimento da mulher com o esporte aconteceram no período de 1896-1928, isso porque tais fatores influenciaram os discursos por muito tempo. Embora algumas mudanças tenham se iniciado, a autora explica que o primeiro ponto propagou ideias, embora sem evidências que comprovassem, sobre fragilidades e vulnerabilidades naturais das mulheres, colocando o esporte e o esforço físico como ameaças à saúde e ao bem-estar feminino. Tudo isso foi baseado na tradição e relacionado à sabedoria médica pobre e limitada da época (MIRAGAYA, 2002, p. 7). Embora sem atestado de que tal fragilidade fosse verdadeira, essa crença influenciou a presença das mulheres em diversas Olimpíadas, uma vez que a inserção delas em esportes como o atletismo e coletivos, nos quais o contato físico é uma realidade, era repleta de restrições. Nos que envolviam força, eram excluídas. A mulher ainda era o ser que

procriava, biologicamente diferente do homem e sujeita a prescrições dos médicos, todos, claro, do sexo masculino (MIRAGAYA, 2002, p. 7-8).

O segundo ponto, conforme ressalta a autora, é o controle do esporte feminino. Houveram diversas discussões para decidir quem coordenaria a participação feminina em eventos nacionais e internacionais e quais seriam as estratégias para controlar essa atuação. De acordo com Miragaya (2002, p.8), conforme a tradição, os postos ativos de comando e poder ficaram a cargo dos homens, enquanto as mulheres deveriam obedecer e se manterem passivas. Por meio desse mecanismo, as figuras femininas foram excluídas e não tinham voz em assuntos que envolviam sua própria atividade esportiva.

Território permeado por ambiguidades, o mundo esportivo, simultaneamente, fascinava e desassossegava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções, entre representações de masculinidade e de feminilidade. Esse temor fez com que, em 1941, o general Newton Cavalcanti apresentasse ao Conselho Nacional de Desportos algumas instruções que considerava necessária para a regulamentação da prática dos esportes femininos. Estas serviram de base para a elaboração de um documento [Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941] que oficializou a interdição das mulheres a algumas práticas esportivas, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo (GOELLNER, 2004, p. 39-40).

Apesar dos discursos e realidades repletos de restrições, as mulheres demonstravam interesse em transpor as barreiras sociais e desafiar convenções a fim de se inserir na prática esportiva. Nesse cenário, o incentivo dado a elas eram atividades que não afetassem sua feminilidade, ou seja, que não exigisse força ou contato físico. Segundo Goellner (2004, p. 40), é importante ressaltar que, no contexto da urbanização e da eclosão de valores e comportamentos conduzidos à modernização, a realização de exercícios por parte das mulheres adquiriu relevância social. A motivação do surgimento dessa noção era que, segundo o pensamento da época, a experiência esportiva era capaz de chamar atenção tanto para a valorização do corpo esteticamente belo, como para o aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos para enfrentar as realidades da vida modernizada, inclusive preparando-as para a maternidade (GOELLNER, 2004, p. 40). Assim, diante de ideias que prescreviam a realização de práticas

esportivas como fatores que não poderiam interferir em uma possível formação de vida no ventre da mulher e na feminilidade, percebemos porque os costumes sociais as afastavam de determinadas modalidades. Lutas, futebol e halterofilismo, por exemplo, eram considerados e, muitas vezes, ainda são, prejudiciais à mulher.

Apesar de as transformações terem se iniciado no final do século XIX e início do XX, reforça-se o fator temporal para a consolidação das mulheres como atletas nesse grande evento: foi apenas em 2012, mais de um século depois do ressurgimento da competição na Era Moderna, nos Jogos Olímpicos de Londres, que todas as modalidades contaram com uma representante feminina.

Além de demonstrar o longo processo histórico responsável por possibilitar às atletas mulheres vagas nas competições olímpicas, as barreiras enfrentadas por elas também revelam a luta social feminina no decorrer do tempo. Se as esportistas encontravam dificuldades para realizar as atividades que sempre foram permitidas aos homens, desde os primórdios dos eventos olímpicos, a mulher como profissional de uma área relacionada às modalidades, como é o jornalismo esportivo, também encontrou as mesmas barreiras. Ainda mais tarde, visto que foi em meados de 1970 que as mulheres começaram a fazer parte das redações ligadas ao esporte no Brasil.

A caminhada repleta de lutas até a inserção feminina no contexto esportivo, assim como em outras esferas, foi longa e passou, obrigatoriamente, pelo advento do feminismo, desenvolvido inicialmente pelo trabalho de pensadoras iluministas no século XVIII. Defendendo os mesmos princípios da Revolução Francesa, liberdade, igualdade e fraternidade, as principais reivindicações eram jurídicas, além da exigência pelo direito ao voto, à educação e ao trabalho.

O que teve início no século das luzes chegou ao século XIX e ganhou o nome de feminismo, tempo no qual se consolidou e, sob o cenário de uma sociedade europeia liberal, definiu como bandeira o lema que carrega até hoje: a batalha das mulheres pela igualdade de direitos entre os gêneros, tanto em aspectos sociais e políticos quanto em econômicos ou educacionais.

No Brasil, mesmo que as Constituições de 1824 (imperial) e 1981 (republicana) não proibissem o exercício do voto pelas mulheres, foi só no século XX, mais precisamente em 1932, que o voto feminino foi assegurado. Essa medida foi um passo para o início da desconstrução da imagem da mulher, a

qual se atribuía apenas funções domésticas e maternas, sempre subordinada ou dependente dos homens com os quais se relacionava, fosse o pai ou o marido.

Apesar de datas como a consolidação do direito ao voto serem simbólicas, elas marcam um momento a partir do qual as mulheres passaram a se engajar com legitimidade ou são permitidas se envolver em algum contexto. Afirma-se isso pelo fato de que, embora o direito fosse garantido, houve um processo histórico necessário para que a maioria das mulheres se sentisse cidadã e parte da política nacional. Afinal, se tal espaço foi negado durante tanto tempo, como esperar que as mulheres tivessem conhecimento e familiaridade com tais temas?

A mesma linha de raciocínio se encaixa para diversas áreas de atuação feminina, desde a presença nas universidades até no que diz respeito às mulheres como atletas, profissionais e, conseqüentemente, como jornalistas esportivas.

Assim, segundo a lei universal de ajustamento das esperanças às oportunidades, das aspirações às possibilidades, a experiência prolongada e invisivelmente mutilada de um mundo sexuado de cima a baixo tende a fazer desaparecer, desencorajando-a, a própria inclinação a realizar atos que não são esperados das mulheres — mesmo sem estes lhes serem recusados. (BOURDIEU, 2003, p. 77)

Os movimentos feministas da década de 1960 e 1970 comemoraram a introdução das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, como ressaltado por Coelho (2011, p. 34), até o início dos anos 70 era quase impossível ver mulheres no mundo esportivo. Assim, mesmo quando acontecia, os casos eram enfrentados com desconfiança.

Coelho (2011, p. 35) conta que, nos velhos tempos, o jornalista veterano Oldemário Touguinhó, repórter do *Jornal do Brasil* que faleceu em 2003, telefonava para a redação durante as grandes coberturas com o objetivo de falar com o editor. Dessa forma, quando o mesmo indicava uma mulher para recolher o material que precisava ser passado via telefone, o jornalista simplesmente se recusava a entregar seus relatos pelo fato da pessoa ser uma mulher. E, como o próprio autor afirma, ainda é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes. Ou seja, depois de tanto tempo de privação, a ideia replicada de que “esporte não é coisa de mulher” continua no pensamento social;

ainda que, em muitas oportunidades, de forma velada. Isso porque, em muitos casos, não se afirma categoricamente a incapacidade de uma mulher, mas se define o seu interesse como curioso, ou se surpreende com um desempenho positivo, já que as expectativas são sempre as mais baixas.

Até os dias atuais, apesar de possuírem a liberdade de atuarem como profissionais por opção, os aspectos dessa atuação denunciam as limitações implícitas que ainda existem, por mais que o discurso de igualdade seja amplamente divulgado. O combate aos pensamentos enraizados e cenários construídos durante os séculos ainda não se dissolveram apesar dos avanços obtidos. A relevância da averiguação das atitudes de resistência e progresso das mulheres como jornalistas esportivas possui um caráter de investigação social considerável para a história da trajetória de luta e de empoderamento feminino.

Para realizar tal investigações, estabelecemos métodos e selecionamos programas da televisão aberta a serem estudados, conteúdos que são temas do próximo capítulo.

4 METODOLOGIA E OBJETOS DE ANÁLISE

Em termos gerais, o objetivo do trabalho foi estudar a presença feminina no processo de produção, reportagem, apresentação e opinião do Jogo Aberto, da Bandeirantes, e do Globo Esporte, da Rede Globo, programas esportivos da televisão aberta brasileira na atualidade, com a finalidade de identificar qual é o lugar da mulher jornalista nesse gênero de grande audiência da TV.

Também possuíamos como objetivo, mas, dessa vez, específico, realizar uma pesquisa de campo para identificar/descrever as funções desempenhadas pelas mulheres jornalistas, demarcando, assim, o lugar de fala feminino num gênero de TV predominantemente masculino, como é o programa esportivo. Além disso, buscamos investigar as causas desse fenômeno, procurando saber o motivo pelo qual as emissoras não investem e valorizam pouco a figura da jornalista e/ou comentarista.

Partimos da hipótese de que esta pesquisa encontra justificativa pela necessidade de evidenciar o papel da mulher no processo de produção jornalística de programas esportivos, buscando entender o seu lugar de fala e os motivos pelos quais a mulher jornalista é ou não designada para cada uma das funções que exerce nos programas destacados como amostra.

Para produzir tais tarefas, adotamos critérios. A Metodologia na Pesquisa se situa no plano da prática e indica os métodos efetivamente usados numa pesquisa (LOPES, 1990, p. 81). Tendo em vista as atrações selecionadas para estudar o lugar de fala da jornalista mulher em um gênero predominantemente masculino, adotamos o método indutivo, relacionado ao empirismo, no qual dois casos foram estudados para verificarmos a situação feminina na televisão aberta no que diz respeito ao seu trabalho no contexto esportivo. Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer (GIL, 1999, p. 28).

De acordo com Lopes (1990), toda pesquisa engaja, explícita ou implicitamente, as seguintes instâncias metodológicas: epistemológica, teórica, metódica e técnica. Ainda segundo a autora, cada instância interage em suas operações com as outras instâncias e está presente em cada fase da pesquisa.

Dessa forma, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos em cada etapa:

O primeiro é uma pesquisa exploratória de natureza bibliográfica, que envolve a fundamentação teórica por meio dos aspectos históricos e de uma discussão sobre a questão do gênero relacionada ao esporte, tudo isso a fim de contextualizar o debate em torno da questão de gêneros e seus reflexos no trabalho jornalístico. Com essas informações, conseguimos entender as origens do jornalismo esportivo no mundo e no Brasil, para, então, conhecermos seu desenvolvimento na televisão e os momentos nos quais as jornalistas mulheres brasileiras se inseriram nesse cenário. Esse tipo de pesquisa tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias (GIL, 1999, p. 43).

O segundo procedimento metodológico é empírico, a pesquisa de campo. Foram realizadas entrevistas com a equipe de produção, edição, reportagem e apresentação dos programas para entender como as mulheres ocupam seus locais e como o mercado, sob o ponto de vista das próprias emissoras e profissionais, analisa a participação e a inserção feminina nas atrações televisivas do gênero esportivo. Os representantes dos programas foram: Carla Canteras, ex-chefe de reportagem do Globo Esporte São Paulo; Cássio Barco, repórter e apresentador do Globo Esporte São Paulo; Cida Santos, editora de texto do Globo Esporte São Paulo; Marco Aurélio Souza, repórter do Globo Esporte São Paulo; Renata Fan, apresentadora do Jogo Aberto; e Charles Mills, diretor do Jogo Aberto. Conversamos com profissionais, homens e mulheres, que atuam em funções diferentes e em posições hierárquicas distintas para entendermos a visão de cada um deles sobre o tema.

Para Gil (1999, p. 117), a entrevista é uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Dessa forma, o autor afirma que, enquanto técnica que tem como objetivo a coleta de dados, a entrevista não para por aí, já que é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam. Muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na investigação social (...), pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças à sua aplicação (GIL, 1999, p.117).

O terceiro método utilizado é uma análise quantitativa. Uma amostra com cinco edições consecutivas de cada um dos programas, apresentados na última

semana de setembro de 2017, de 25 a 29/9, foi escolhida para verificar a relação dessa perspectiva com a realização dos produtos jornalísticos que chegam até o público. Tais recortes foram selecionados por conta da cobertura da partida decisiva da final da Copa do Brasil 2017, entre Cruzeiro e Flamengo, da qual o time mineiro se saiu campeão. Além disso, a semana conta com duas etapas de pautas jornalísticas interessantes às atrações e à pesquisa: o pós-jogo do clássico entre São Paulo e Corinthians e o pré-jogo do clássico entre Palmeiras e Santos. Dessa forma, o Jogo Aberto, que é da capital paulista, e o Globo Esporte São Paulo deslocariam suas equipes principais para tais reportagens, o que renderia material adequado para a investigação.

Assim, houve a verificação da presença feminina nos programas a partir da comparação entre categorias M (mulher) e H (homem), além do tempo ocupado por cada uma diante das atrações jornalísticas e os créditos de cada produção quando devidamente conferidos. Para isso, os programas também foram divididos por partes, como as chamadas, as matérias, as entradas ao vivo e os comentários. Comparamos as respostas dos entrevistados com o resultado de seus trabalhos, analisando as nuances e implicações desses dados. Por se tratar de um recorte, também se destaca o método monográfico, que parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade (no contexto deste trabalho, dois) pode ser considerado representativo de muitos ou mesmo de todos os casos semelhantes (GIL, 1999, p. 35).

Como estratégia suplementar, foi realizada uma enquete como uma sondagem de opinião para entender a visão do público de programas esportivos a respeito do trabalho e da figura das mulheres jornalistas nesse segmento. Assim, também buscamos identificar se a audiência feminina sente falta ou não de representatividade nas atrações da televisão aberta e de que forma o trabalho das mulheres tem sido recebido pelo público no geral: se os nomes das jornalistas são lembrados, como isso acontece em comparação com os homens, como é avaliação quanto ao desempenho feminino e outras questões. Podemos caracterizar esse método como um questionário, uma vez que Gil (1999, p. 128) explica que tal abordagem é uma técnica de investigação composta por um número de questões escritas; tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc (GIL,

1999, p. 128). O questionário foi respondido por 161 pessoas de todas as faixas etárias (as categorias englobavam as opções até 18 anos e mais de 50 anos).

4.1 Objetos estudados

A Rede Globo, uma das maiores emissoras do país, investiu em transmissões de futebol cerca de 2 bilhões de reais anuais entre 2015 e 2016. Apenas na TV aberta (uma vez que o canal fechado SporTV e o pay-per-view também fazem parte dos lucros da empresa), a arrecadação gira em torno de 1,474 bilhões. No ano de 2014, o valor líquido declarado pela Globo – incluindo todas as suas operações – foi de 16 bilhões de reais. Assim, o futebol, sozinho, representa 20% do faturamento da rede de televisão nacional.

Já a Rede Bandeirantes, que utiliza o título “ O Canal do Esporte”, possui em sua grade de programação seis atrações dedicadas ao esporte, mesmo tendo perdido os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro no ano de 2016 – a Band e a Globo transmitiam os jogos em parceria desde 2007. Atualmente, fazem parte da programação da Band: *3º tempo*, *Band Esporte Clube*, *Jogo Aberto* e *Os Donos da Bola*; além da Fórmula Indy e do NBB (Novo Basquete Brasil).

Tendo em vista a importância da cobertura de esportes para a televisão, já que o tema tradicionalmente apresenta grande audiência, as emissoras escolhidas – a Rede Globo e a Rede Bandeirantes – possuem longa tradição na rede aberta no que diz respeito ao esporte. Por isso, os programas direcionados ao estado de São Paulo, que repercutem os eventos, também adquiriram grande relevância e notoriedade, assim como as personalidades envolvidas nas atrações.

4.1.1 Jogo Aberto

O Jogo Aberto estreou na televisão no dia 5 de fevereiro de 2007. Em sua formação original, Renata Fan ocupava o posto de apresentadora e os comentaristas eram Neto, Marcelinho Carioca e Müller, ex-jogadores, e Beto Hora, radialista com carreira também na televisão. Com o passar do tempo, o comando do programa era mantido e os comentários renovados. Outros nomes, como Osmar de Oliveira, médico, jornalista e locutor e Oscar Roberto Godói, jornalista e ex-árbitro de futebol, também já passaram pelo programa.

Com 34% de audiência feminina, segundo dados divulgados pela própria emissora com base na exibição para a Grande São Paulo, o Jogo Aberto, da Band, está há dez anos no ar e engloba duas horas da programação da emissora, das 11 horas da manhã até às 13 horas da tarde. Dessa forma, o programa é dividido em duas partes. A primeira é destinada às notícias e informações sobre diversos esportes, mas o foco é, invariavelmente, o futebol. São veiculados fatos como gols das rodadas de campeonatos internacionais, nacionais e estaduais; novidades sobre transferências – concretizadas ou não – de jogadores, preparações dos clubes para jogos, cobertura de eventos – como apresentação de atletas e entrevistas coletivas –, entre outros. Normalmente, nessa etapa, a apresentadora (Renata Fan) e o comentarista Denílson estão à frente das ações.

Já a segunda parte é destinada ao debate. Esse é o momento no qual os comentaristas se sentam, analisam e discutem as principais pautas relacionadas ao futebol, sempre deixando clara a apresentação de opiniões. Os comentaristas são: Denílson (ex-jogador de futebol), Heverton Guimarães (jornalista que se concentra no futebol mineiro), Chico Garcia (jornalista que, inicialmente, comentava o futebol gaúcho), Paulo Roberto Martins (jornalista cujo trabalho sempre foi na editoria esportiva), Ulisses Costa (além de comentarista, também locutor de rádio) e Ronaldo Giovanelli (ex-jogador de futebol). Nessa hora, Renata Fan comanda as ações, fazendo perguntas, direcionando os comentários, administrando as discussões e expondo sua própria opinião. O debate do Jogo Aberto é uma das principais atrações do programa, conhecido por seu humor, opiniões fortes e discussões acaloradas.

A produção é o primeiro programa esportivo a contar com uma mulher comandando uma mesa redonda. O posto, como descrito, é de Renata Fan, uma das jornalistas esportivas mais conhecidas do país e figura importante para os propósitos desta pesquisa. Ela está à frente do programa desde o ano de 2007 e já comentou sobre as dificuldades de assumir tal posto por ser mulher. Quando a atração completou 10 anos, o vídeo exibido e produzido pela própria Band contou com entrevistas dos integrantes.

Na oportunidade, ao chamar a reportagem, direto do estúdio, Renata Fan afirmou:

Eu tenho muito orgulho [dos dez anos no Jogo Aberto]. Se tem uma coisa que me deixa feliz na vida foi ter tido a coragem de, em 2007, aceitar a proposta [para ser apresentadora do programa]. Todo mundo dizia que uma mulher não poderia comandar um programa, que seria ridículo, uma ex-miss. Alguém que tem duas faculdades, enfim, que nunca jogou futebol, mas sempre amei futebol (Fan, 2017).

A reportagem exibida em seguida começa com a frase: “Abertamente, o Jogo Aberto começou com uma grande interrogação”, denunciando que, antes mesmo de verificarem a atuação da jornalista, o clima era de insegurança apenas pelo fato da apresentadora ser uma mulher. A partir daí, entram depoimentos que remetem às impressões que as pessoas tinham de Renata. Ulisses Costa declara que foi um início de desconfiança quando as pessoas viam uma mulher comandar um programa esportivo. O comentarista acrescenta: “Ela é a nossa capitã, como a gente sempre fala”.

A própria Renata ressalta que duvidavam que ela gostasse de futebol, se entendia do assunto, se poderia dominar e interagir com pessoas tão experientes. “E, na verdade, eu acreditava mais em mim do que o mundo”, completa. Para Paulo Roberto Martins, quando ela assumiu a responsabilidade de comandar um programa, ele sentiu que ela, realmente, ia vencer. “Ela mantém uma categoria impressionante e um comando notável, com inteligência e com beleza”, analisa.

Existem outros materiais que remetem ao início da trajetória da jornalista Renata Fan no Jogo Aberto. Em uma reportagem do portal de notícias, UOL, veiculada no dia 7 de fevereiro de 2007, a gaúcha também comentou sobre o assunto. Quando perguntada sobre algum episódio de preconceito por parte dos comentaristas e jornalistas homens quando começou a falar de futebol, a resposta de Renata foi:

Fiquei três anos e meio na Record. Eu sempre gostei do futebol. Não foi uma novidade. Sempre fui uma torcedora, entusiasmadíssima, sempre falei que sou colorada, torço pro Internacional, o time campeão do mundo. Trouxe sorte porque justamente quando entrei, em 2003, o Inter começou casualmente este processo de renovação, investir na categoria de base. De torcedora para jornalista, para profissional foram gradativas. Sou uma jornalista formada não só em jornalismo, mas em direito, mas principalmente sou uma torcedora, alguém que se apaixona, alguém que ainda acredita no futebol, alguém que tem uma visão romântica do assunto. Preconceito não, talvez uma desconfiança. Será que uma mulher entende? Será

que ela vai ter paciência de acompanhar a sequência do campeonato? Será que realmente ela pode comentar um esquema tático e técnico? Agora quem acompanha meu trabalho já desde o início na Record não paira mais este tipo de dúvida. Isso ficou para trás, num outro momento (FAN, 2007).

Nessa análise, a profissional desconsidera as questões históricas que rondam a figura da mulher ao afirmar que não houve preconceito com relação a ela mesma. Sem contar o fato que, ao questionar sua competência e suas atribuições baseadas no gênero, as pessoas empregam um discurso carregado de sentido. Segundo Bourdieu, há posições oferecidas às mulheres pela estrutura, ainda fortemente sexuada, da divisão de trabalho. Nesse caso, percebemos a divisão e separação bem demarcada do esporte e do universo feminino.

Na mesma entrevista, a reportagem ainda questiona sobre o fato do jornal Folha de São Paulo ter submetido a apresentadora a um questionário de dez perguntas sobre futebol para testar seus conhecimentos, perguntando se ela se lembrava da única pergunta que errou. Renata conta que se lembra, foi sobre o goleiro Yashin, um russo que não sabia que era chamado de Aranha Negra, e que agora não esquece mais.

Mas, independente disto, eu achava que era injusto porque se eles fossem entrevistar o Datena, o Avalonne, o Milton Neves, pessoas que estão há tanto tempo já na mídia esportiva, eu tenho certeza que a tônica do assunto não seria essa. Jamais eles fariam um quiz. E eu não sei se eles fizessem um quiz, eles acertariam. O Milton Neves eu tenho certeza que acertaria praticamente todas as respostas. Não sei se todo jornalista que está há tanto tempo tem estas respostas na ponta da língua. É uma questão de você conhecer o assunto e prestar a atenção nas minúcias e detalhes que o futebol te apresenta (FAN, 2007).

Assim, percebemos que, desde quando começou, a apresentadora que quer provar o seu conhecimento para se tornar o símbolo feminino que é nos dias de hoje.

4.1.2 Globo Esporte São Paulo

O segundo objeto a ser analisado é o Globo Esporte, de São Paulo, concorrente do Jogo Aberto em determinado ponto da programação, mas com menor tempo de duração (12:45 às 13:20), conta com o jornalista Ivan Moré à frente da atração – e eventuais participações de Leo Bianchi, Abel Neto e Cássio Barco, que substituem o apresentador.

Com um tempo bem mais curto, o foco do Globo Esporte é notícias, boletins, entradas ao vivo, entrevistas, coletivas de imprensa, apresentação de jogadores, pré e pós jogos, reportagens especiais e outras modalidades consideradas de teor informativo.

O programa está no ar desde agosto de 1978. De acordo com o portal Memória Globo, no início, era dedicado quase que exclusivamente à cobertura dos torneios estaduais e nacionais de futebol. No entanto, não deixava de lado outras modalidades esportivas. Ainda segundo o Memória Globo, ao longo de sua trajetória, o Globo Esporte pode ser definido como uma mistura de informação e entretenimento. A pauta passou a abordar reportagens curtas sobre times e atletas, os resultados, os melhores lances de jogos e campeonato, além de procurar o lado inusitado do fato esportivo (MEMÓRIA GLOBO).

Fernando Vanucci e Léo Batista foram os nomes à frente da atração em seus primórdios. Dessa forma, entre as décadas de 1970 e 1980, segundo o Memória Globo, as pessoas que compunham o programa eram: jornalistas como Hedyl Valle Júnior, Luiz Nascimento, Michel Laurence e Armando Augusto Nogueira. Já na parte da reportagem, ainda segundo o portal da emissora, os principais repórteres esportivos eram Juarez Soares, Luciano do Valle, José Regal, Raul Quadros, Oscar Eurico, José Hawilla e Gil Rocha. Já a chefia da Divisão de Esportes era do jornalista Ciro José.

Depois de uma série de mudanças ocorridas na área esportiva, em 1983, a equipe passou a contar com: José Trajano, Yves Tavares, Pedro Redig, Alceu Nogueira e Luiz Antônio Nascimento, conforme informações do portal Memória Globo. Ainda em formato telejornal, a divisão em dois blocos colocava no primeiro questões pertinentes nacionalmente, e o segundo com pautas locais, as quais eram realizadas pelas praças.

Ainda na década de 1980, Leonardo Gryner era o diretor de esportes. A partir dessa época, o Globo Esporte passou a incluir mais matérias que não tinham como foco o futebol. De acordo com o Memória Globo, começou a adotar uma linha mais irreverente, possibilitando uma interação maior com a área de criação. As reportagens passaram a utilizar recursos como animação, grafismo e vinhetas especiais (MEMÓRIA GLOBO). Isabela Scalabrini, primeira mulher a apresentar o Globo Esporte, comandava a atração aos sábados, enquanto Léo Batista e Fernando Vanucci eram os apresentadores.

Em entrevista concedida ao próprio Globo Esporte, em comemoração aos 35 anos do programa em 2013, Isabela comentou seu pioneirismo: “Eu comecei minha carreira no esporte, em uma época em que o território era bem masculino, eram pouquíssimas mulheres fazendo o esporte. Mas foi também um desafio, para mim e para o telespectador, já que era raro ver uma mulher trabalhando”.

Já na década de 1990, o objetivo do Globo Esporte era ampliar o seu público, consolidando a audiência do telespectador cujo interesse era o esporte e conquistando aqueles que não tinham tanta estima pela editoria. Para isso, a estratégia era abordar as pautas esportivas como entretenimento.

O programa tinha o objetivo de transformar o fato esportivo em entretenimento, sem esquecer o compromisso com a informação. Essa tendência é resultado de um trabalho de anos, que foi sendo aperfeiçoado por editores como Hedyl Valle Júnior, Luiz Nascimento, Ricardo Porto, José Antonio Geheim, João Ramalho, Décio Lopes, Marcos Malafaia e Sidney Garambone. A preocupação era fazer um telejornal com entretenimento na hora do almoço (...) (MEMÓRIA GLOBO)

Mylena Ciribelli chegou ao programa em 1991, também dividindo o seu posto de apresentadora com Isabela Scalabrini, Léo Batista e Fernando Vanucci. Em 1999, foi Maurício Torres quem compartilhou o comando com Mylena. Sidney Garambone era o editor-chefe em 2001, cargo que passou para o repórter Tino Marcos em 2007. Assim, a apresentação passou a ser de uma dupla: Tino e Glenda Kozlowski.

Até 2009, o Globo Esporte não contava com a redação esportiva de São Paulo. Mas o noticiário esportivo da capital paulista e das emissoras retransmissoras do interior do estado conquistavam novamente espaço no programa (MEMÓRIA GLOBO). A dinâmica era: o primeiro bloco contava com pautas regionais e o restante com matérias para toda a rede. Assim, para o estado de São Paulo, o ex-repórter do canal fechado Sportv, Tiago Leifert, tornou-se o apresentador e editor-chefe.

Foi só em 2011 que a forma regional de cobrir o esporte se tornou mais abrangente. Segundo o Memória Globo, edições diárias do programa eram exibidas em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza. O conteúdo do material gerado pelas praças é distribuído para afiliadas e regionais e as demais capitais continuam a receber a edição nacional (MEMÓRIA GLOBO).

5 ANÁLISE

Nessa etapa da pesquisa, buscamos apresentar a visão do mercado de trabalho do jornalismo esportivo na televisão aberta por meio dos indivíduos que o constituem. Tanto homens, quanto mulheres, tanto aqueles que atuam atrás das câmeras, quanto aqueles à frente delas no Globo Esporte São Paulo e no Jogo Aberto. Sendo assim, para cumprir o objetivo de entender a presença, lugar de fala das mulheres nesse contexto e a realidade que envolve as funções, traremos as entrevistas realizadas e a análise das mesmas sob a luz de teorias que buscam entender aspectos relacionados ao gênero, ao esporte e ao jornalismo. Para isso, destacamos cinco temas das entrevistas: a relação mulher atleta e mulher no jornalismo esportivo; a atual situação feminina na televisão aberta e nos programas em questão; as questões que envolvem a estética e o exercício da profissão; as diferentes concepções sobre o machismo e o fator competência.

5.1 Mulher atleta e mulher no jornalismo esportivo

Para entender a questão do lugar de fala, devemos nos atentar ao fato de que cada espaço ocupado pela mulher no jornalismo esportivo tem a capacidade de exprimir significados sobre o feminino com relação ao contexto em que está inserido. Segundo Brum e Capraro (apud COAKLEY, 2007, p.432), jornalistas esportivos são peças-chave nesse processo construtivo do mundo social porque representações do esporte podem influenciar as ideias e crenças que as pessoas usam para definir e dar significado a si mesmas. Sendo assim, devemos separar: produção, reportagem, apresentação e opinião dos programas esportivos.

A produção acontece nos bastidores, longe das câmeras, e é a função de profissionais como: produtores e produtoras; pauteiros e pauteiras; diretores e diretoras; chefes de redação; chefes de reportagem; editores e editoras de texto, imagem e som. A reportagem, que dá origem ao cargo de repórter, é atribuição que envolve apurar informações, buscar os elementos das notícias, realizar a montagem do texto, contar histórias, entrevistar personagens, ser o agente da divulgação de fatos e entender o assunto como um todo para apresentá-lo, da melhor forma, ao telespectador. Já a apresentação podemos dizer que, quem ocupa tal posição, caracteriza-se como o indivíduo que simboliza um programa esportivo da televisão em termos de imagem, comanda as ações, chama as

reportagens e conduz os conteúdos. Muitas vezes, exige-se dessa pessoa que, em questões informativas e de distribuição de temas, assuma uma postura objetiva e imparcial. Por último, a análise é um estilo opinativo. Do comentarista ou da comentarista, espera-se um conhecimento profundo sobre os esportes debatidos, para que o público possa entrar em contato com pontos de vista sobre performances individuais ou coletivas, decisões, regras, táticas, estratégias e bastidores do mundo esportivo.

Sendo assim, pessoas que constituem a produção, apesar de serem a maioria da equipe e responsáveis por boa parte do processo de levar o conteúdo até o público, são desconhecidas pelo mesmo. Por isso, a mulher que ocupa essa posição é capaz de, com o seu trabalho, criar precedentes, abrir caminho e oferecer grande contribuição para a inserção e confirmação da figura feminina no mercado de trabalho. No entanto, por manter pouco contato com os telespectadores, cumprem menos a função de consolidar a figura da mulher perante a sociedade como um todo – dizemos como um todo porque, dentro de seu microambiente, é capaz de exercer tal papel – por não dispor da transmissão em massa para consolidar a ideia da presença feminina em assuntos esportivos.

No caso da reportagem, tal função se torna mais clara. Isso porque a repórter participa do mundo esportivo de forma mais empírica, indo até os locais onde os fatos estão envolvidos, lidando com os atletas e, como ressaltado, sendo a agente da divulgação da notícia, fazendo com que sua imagem seja intimamente atrelada ao esporte na mente do público. Ainda assim, não é função primária da repórter emitir opiniões.

A mesma lógica se aplica à apresentadora. Apesar de contribuir para fortalecer a presença feminina por meio de sua atuação, estando com sua figura nos televisores que habitam as casas por todo o Brasil, também não é função primária da apresentadora emitir opiniões.

Já a comentarista é uma figura que, além de atuar na frente das câmeras e transmitir sua imagem, ainda tem como função avaliar os assuntos esportivos. Sendo assim, a ocupação desse cargo por uma mulher demonstraria que, além de ocupar um espaço, a figura feminina também se insere no contexto esportivo a ponto de possuir um conhecimento tão aprofundado que é capacitada para ser a escolhida para analisar todos os aspectos da prática.

No Globo Esporte São Paulo, percebemos que, à frente das câmeras, a mulher é minoria, ao contrário do que acontece na produção. “Quando a gente fala em reportagem, de fato, não tem muitas mulheres. Mas, nas redações, nós somos em muitas” (CANTERAS, 2017, informação oral). “No vídeo, atualmente, somos 10 repórteres do esporte da TV Globo em São Paulo, e só uma é mulher, a Camila Silva” (BARCO, 2017, informação escrita).

Segundo Mills (2017, informação escrita), no Jogo Aberto, dos 10 profissionais que editam diretamente o programa no dia a dia, em São Paulo, três são mulheres. Mais três são editoras. Nas ruas, produzindo as matérias, 11 repórteres, com três mulheres trabalhando. Além de Renata Fan, a apresentadora. No caso do programa da Band, percebemos que as mulheres atuam em diversos âmbitos, mas continuam sendo minoria. No caso de Renata Fan, apesar da profissional se considerar uma debatedora, participar da etapa de análise do programa e emitir suas opiniões, seu cargo é de apresentadora. “O que eu mais gosto na mídia esportiva é o debate, eu sou uma debatedora” (FAN, 2017, informação oral). Portanto, podemos dizer que Renata é a apresentadora de uma atração cujo um dos formatos é a mesa-redonda e que a mesma participa da análise, que não é sua função primordial. Sendo assim, o Jogo Aberto possui seis comentaristas, todos homens.

Além de saber quais posições ocupam e em que volume, levando em conta que cada lugar de fala carrega um sentido sobre o trabalho da jornalista esportiva mulher, devemos questionar o motivo pelo qual os fenômenos acontecem. Apenas tomar conhecimento dos números e não os interpretar, buscando suas razões, não cumpriria uma função de divulgação das relações entre gênero e esporte.

É preciso realmente perguntar-se quais são os mecanismos históricos que são responsáveis pela des-historicização e pela eternização das estruturas da divisão sexual e dos princípios de divisão correspondentes. Colocar o problema nestes termos é marcar um progresso na ordem do conhecimento que pode estar no princípio de um progresso decisivo na ordem da ação. Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo (estas noções abstratas sendo simples designações estenográficas de mecanismos complexos, que devem ser analisados em cada caso em sua particularidade histórica) é reinserir na história e,

portanto, devolver à ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos). (BOURDIEU, 2003, p. 5)

Durante as entrevistas, quando os profissionais foram questionados sobre as razões pelas quais as mulheres ainda são minoria na editoria esportiva – no caso do Globo Esporte São Paulo, minoria nas funções de repórter e sem representantes na apresentação e nos comentários – uma resposta comum surgiu entre eles: o fato do esporte feminino, das mulheres como atletas, não possuem uma cultura consolidada na mídia e na sociedade brasileira.

Para Fan (2017, informação oral), as mulheres têm condições de ocupar esse espaço que ainda não é ocupado, mas acredita que a experiência como jogador ou jogadora é um ponto a favor de um indivíduo.

Agora, claro que, o que as pessoas esperam de um comentarista? O que você espera de um comentarista? Que ele possa analisar o jogo taticamente. Se você tiver essa condição porque você viu muitos jogos, porque você acompanha uma rotina no futebol, ok, você vai ter essa oportunidade. Se você jogou futebol um dia, se você tem a noção de como se comporta um atacante, um meio campista, um defensor, enfim, isso vai ajudar. Mas, normalmente, as mulheres não têm essa percepção prévia (FAN, 2017, informação oral).

A apresentadora do Jogo Aberto também conta o seu caso pessoal, pois sua figura gerou dúvidas no início de sua carreira por suas opiniões sobre esporte. E, quando perguntada sobre sua visão acerca do porquê as mulheres eram subestimadas no passado, Fan também estabeleceu a conexão entre a mulher como atleta e a mulher como jornalista.

Na condição de atleta, o futebol feminino, até hoje, ainda tem muito menos visibilidade, muito menos investimento, e não tem a propriedade do futebol masculino. Indo para a parte profissional, você não tem mulheres expoentes, como a gente fala na Marta, na Cristiane, na Maurine, na Formiga... e para por aí. A gente não tem grandes nomes. Então, as mulheres não trouxeram uma cultura do campo para dentro das redações ou para dentro do jornalismo esportivo. Elas tiveram que fazer isso como? Como eu fiz: sendo torcedoras. Quando você é torcedora, fanática, apaixonada, dedicada ao assunto, você vai criando uma memória esportiva, você vai criando os seus argumentos. Eu sempre fiz isso com os amigos do meu irmão, e eu era considerada uma intrusa (FAN, 2017, informação oral).

Com tal discurso, Renata também denuncia uma limitação na formação do interesse da mulher. Ao falar que era considerada uma “intrusa” entre os amigos do irmão, mostra, por meio de sua experiência, que a sociedade nem sempre está preparada e aceita uma mulher, ou menina, que deseja discutir temas esportivos. Se, ao longo da vida, as pessoas estabelecem suas escolhas por suas afinidades e aproximações com temas e realidades, a mulher deve persistir e lutar contra as convenções sociais para formar sua memória esportiva e, ainda mais, para praticar o esporte.

Para Santos (2017, informação escrita), ainda se tem a ideia que os homens conheçam melhor o esporte, principalmente o futebol, talvez pelo histórico de meninos jogarem mais futebol que meninas. Mas a profissional ressalta que esse cenário está mudando, uma vez que, atualmente, as novas gerações de mulheres praticam muito mais o futebol do que as gerações anteriores.

As mulheres têm mesmo mais espaço nessas funções de apresentadoras, produtoras e repórteres. Como comentaristas, acho que aí entra aquela questão: os homens praticam mais futebol desde a infância, o futebol masculino tem mais patrocínio, apoio e visibilidade do que o feminino. Logo, a ideia geral é que eles entendem mais, já que executaram as jogadas que aparecem nas partidas de futebol e, no geral, os ex-jogadores, que são maioria entre os comentaristas, são mais famosos do que as ex-jogadoras. Logo, rendem mais audiência e credibilidade nos seus comentários (SANTOS, 2017, informação escrita).

Souza (2017, informação escrita), quando questionado se as mulheres ainda estão buscando combater conceitos pré-estabelecidos na área do jornalismo esportivo como profissionais da televisão aberta, apresenta uma visão diferente de Santos em questões da prática feminina, mas encontra as mesmas motivações para a profissional do jornalismo esportivo:

Sobre os conceitos pré-estabelecidos, eles existem porque as mulheres não praticam futebol no nosso país, nem são maioria nos estádios. Acredito que a grande resistência venha daí, o preconceito também. O homem mais cabeça fechada, pensa: ‘se elas não jogam e não frequentam estádios, como podem ‘entender’ do assunto?’ (SOUZA, 2017, informação escrita).

Souza ainda ressalta que, com exceção do futebol, nos esportes olímpicos, são muitas mulheres na função de comentaristas; as ex-atletas dominam essa

área. Todavia, tanto o Globo Esporte quanto o Jogo Aberto priorizam o futebol em suas pautas. “É o esporte mais popular do Brasil, e a gente tem programas sobre futebol; você fala que tem programa sobre esporte, mas a maior parte é dedicada para futebol” (FAN, 2017, informação oral). Para Santos, isso acontece porque são anos e anos com um histórico de que futebol é mais coisa de homem do que de mulher. “Nos outros esportes, geralmente, as mulheres têm mais chances de atuar, mas eles não têm o mesmo espaço que o futebol nas coberturas esportivas” (SANTO, 2017, informação escrita). Brum e Caparo (apud apublica.org, 2012) mostram que, nos jornais brasileiros, o futebol possui predominância de 74,6% nas matérias analisadas.

Canteras (2017, informação oral) ainda ressalta outro ponto: que comentarista não é jornalista, necessariamente; os comentaristas da TV Globo são todos ex-jogadores de futebol. No caso do Globo Esporte São Paulo, Caio Ribeiro e Carlos Casagrande são os comentaristas de maior frequência – e ambos obedecem a máxima de serem atletas aposentados. Conforme Canteras, existem poucas mulheres comentando e poucos jornalistas comentando. “O que, na minha opinião, é melhor do que um jornalista comentando futebol” (CANTERAS, 2017, informação oral). No Jogo Aberto, ao contrário do Globo Esporte, existem, sim, profissionais da imprensa comentando o futebol, caso de Héverton Guimarães, Chico Garcia, Ulisses Costa e Paulo Roberto Martins.

Uma vez que, no Globo Esporte São Paulo, a maioria dos repórteres são homens, o apresentador é um homem e os comentaristas são homens, quando perguntada sobre a pouca presença feminina na frente das câmeras, Canteras afirma:

Porque eu acho que eu acho que tem menos mulheres que gostam e que entendem de futebol e de esporte. Porque futebol, para falar de futebol e de esporte, você tem que entender do que você está falando. É que nem quando você é comentarista de economia. Você tem que entender do que você fala (CANTERAS, 2017, informação oral).

Já na visão de Barco (2017, informação escrita), a posição de comentarista é a mais difícil para uma mulher ocupar, porque é lugar onde o profissional fica muito exposto. O repórter e apresentador do Globo Esporte São Paulo afirma que comentaristas homens são alvos de críticas e agressões verbais de torcedores diariamente, algumas vezes, apenas por dar uma opinião que faz

sentido, mas foi contra o time dessa pessoa irritada. “A mulher fica ainda mais exposta, por ser mulher e pelo preconceito da população” (BARCO, 2017, informação escrita). O profissional acredita que o problema não é nem tanto o meio, mas o público, fator também citado por Santos em questões de audiência. Souza (2017, informação escrita) também avalia que o público masculino tem dificuldade para aceitar uma mulher comentando futebol. Assim, temos alguns fatores a considerar: a representatividade, uma vez que o público homem deseja ver um homem no programa em que assiste; os conceitos pré-estabelecidos, uma vez que ainda se acredita que os esportes devem ser territórios masculinos; e a mulher como uma figura mais vulnerável, uma vez que, se os homens recebem críticas e agressões verbais, as mulheres terão uma exposição de maior exposição.

Eu já passei por situações em que fui mal interpretada, que eu, de repente, tenha errado, não dei a melhor opinião. Mas o que é bacana no programa ao vivo e diário, praticamente diário, é que você tem a chance de retornar no outro dia, você tem a chance de refazer alguma coisa que não foi bem ajustada. O problema é que a cobrança, um erro de uma mulher, ele é um erro que fica muito pesado (FAN, 2017, informação oral).

Em questões de representatividade e da relação do público com jornalistas homens e mulheres, Santos (2017, informação escrita) considera uma questão difícil, porque são anos e anos de uma cultura masculina no futebol e é complicado mudar esses padrões. A editora de texto do Globo Esporte afirma que se observa no setor de opinião o domínio masculino e que não lhe vinha à mente o nome de uma mulher que, atualmente, trabalhe como comentarista em jogos de futebol masculino. Na reportagem também tem algumas mulheres; mas o domínio é masculino. “Na produção é o setor que percebo um número maior de mulheres” (SANTOS, 2017, informação escrita).

Pela pouca presença feminina nos contextos esportivos – por questões que fugiam ao direito de escolha, como percebemos ao longo do levantamento histórico –, enraizou-se a ideia de que as mulheres não se relacionam, não gostam e não entendem de assuntos esportivos. Se aplicarmos ao cenário a teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu, perceberemos aquilo que o autor chama de um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social (2003, p.9). De acordo com o estudioso, esse processo

produziu nos corpos e nas mentes a inversão da relação entre causas e efeitos, fazendo ver uma construção social naturalizada.

Transpondo tal ideia para a associação entre o exercício da função atlética e da atividade profissional no jornalismo esportivo, percebemos que o elemento biológico, ser fêmea ou ser macho, foi ligado a execução de papéis sociais determinados no contexto esportivo. Logo, um fator construído socialmente, que é a ideia que afasta a mulher de assuntos esportivos, foi transformado em algo biológico e naturalizado na mente das pessoas, a ponto de acharem “natural” que as mulheres não gostem, ou gostem menos, não pratiquem, ou pratiquem menos, esportes – e, portanto, tenham menos conhecimento sobre o assunto por não terem esse tipo de vivência. Por isso a inversão das causas e efeitos: ao invés de entender o processo histórico de marginalização da mulher e de afastamento da figura feminina do universo esportivo, negando-as, muitas vezes, suas vontades e interesses, a ideia perpetuada é a da naturalidade da falta de aptidão e familiaridade das mulheres com o esporte – segundo essa linha de pensamento, também seria natural que elas demonstrem menos interesse por essa área do jornalismo.

Coelho (2011, p. 34) afirma que, hoje, as redações esportivas ainda não possuem o mesmo número de mulheres em relação ao contingente masculino. E, para tentar encontrar uma explicação para tal fato, reflete, assim como os entrevistados, que é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. E ainda acrescenta: se em estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres, é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação. Ao colocar os fatos de tal forma, Coelho pode não estar errado ao afirmar que a redação é um reflexo da sociedade, uma vez que existe a noção de que a população feminina se relaciona menos com o contexto esportivo. No entanto, ao fazer sua análise, o autor deixa de lado os motivos pelo quais esse fenômeno social acontece e, apenas, de forma superficial, o encara como “normal”, sem buscar as raízes para tais fatos.

Tais análises, que não procuram razões, apenas reproduzem o conformismo com uma sociedade machista, contribuem para a manutenção da divisão sexual de espaços, funções e tarefas. É como se naturalizassem que o fato de um indivíduo nascer macho ou fêmea, desenvolver-se de acordo com o

gênero feminino ou masculino, determine suas escolhas profissionais e pessoais; como se algo biológico afetasse a evolução e participação social de alguém.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2003, p. 17).

Canteras, ex-chefe de produção do Globo Esporte São Paulo, acredita que existem menos mulheres que entendem de futebol, principal esporte noticiado pelos programas brasileiros, mas também não consegue identificar as raízes do fato.

Eu não tenho uma opinião formada, mas, para mim, eu ligo com paixão, e paixão não tem muita explicação. Então é isso, eu acho que tem mais homens que entendem de esporte e de futebol do que mulheres. Agora, o porquê, não sei (CANTERAS, 2017, informação oral).

Por não reconhecer as explicações racionais existentes, Canteras acaba introduzindo o fator emocional ligado ao esporte.

Não só no esporte, nem apenas como jornalistas, mas, no geral, foram negados até mesmo critérios básicos a mulheres para suas formações profissionais. Estima-se que as primeiras universidades do mundo surgiram por volta de 1088, em Bolonha, na Itália – logo depois, no século XII, foi fundada a Universidade de Paris. No entanto, apenas em 1678 a primeira mulher conquistou um diploma no Ensino Superior, posto da italiana Elena Lucrezia Piscopia Cornaro. Como explicitado por meio do advento do voto feminino, depois de conquista alcançada, um trabalho de desenvolvimento e lutas é necessário para que um grupo que estava à margem de uma realidade possa ser inserido nele e, realmente, fazer parte do novo cenário.

Depois, o mercado de trabalho, por ser um ambiente exterior à vida doméstica, uma função separada da de esposa e de mãe, também foi negado à mulher. Foi necessário mais uma movimentação de evolução histórica e de esforços feministas para que as mulheres ocupassem esse espaço social. Assim, para reivindicar funções específicas, que eram consideradas masculinas,

mais preconceitos tiveram que ser vencidos. Se, até os anos 1970, mulheres em redações esportivas eram raras, deve-se considerar que há cerca de 50 anos elas combatem a resistência masculina para se colocarem nesse espaço sempre oferecido aos homens, nunca questionado ou negado. Nesse intervalo de tempo, as ideias enraizadas e as estruturas que sustentam mentalidades e ações sexistas continuam permeando o caminho de mulheres que fazem parte de um processo histórico ainda não concluído. O fato de o esporte ter emergido de um passado de desigualdades, carregado de valores masculinos, influencia na menor participação das mulheres na prática esportiva (ROCHA FERREIRA, 1997, p. 126).

Para separar as mulheres dos espaços considerados masculinos, foram criados mecanismos de dominação, como os exemplos já citados de discursos que confirmavam que as práticas esportivas seriam negativas para a saúde da mulher e os documentos que limitavam a atuação feminina em determinadas modalidades. O princípio da visão dominante não é uma simples representação mental, uma fantasia ("ideias na cabeça"), (...), e sim um sistema de estruturas duradouramente inscritas nas coisas e nos corpos (BORDIEU, 2003, P. 53-54).

A lógica delimitada pelos entrevistados liga a execução do esporte ao comentário e à interpretação dos fatos no exercício das jornalistas, mas a prática esportiva e os esportes masculinos são predominantes no Brasil, e esse espaço é limitado para as mulheres. No entanto, Fan (2017, informação oral) reconhece que não necessariamente um ex-boleiro ou uma ex-boleira vai ter o dom de comentar. "Porque não é só saber de futebol, você tem que saber se expressar; se fosse assim, ninguém faria jornalismo" (FAN, 2017, informação oral).

Dessa forma, concluímos que foi comum às respostas dos entrevistados atribuírem a presença feminina na televisão aberta – principalmente à frente das câmeras – à falta de uma cultura que transfira a experiência da prática esportiva para o comentário de programas jornalísticos, como são o Globo Esporte e o Jogo Aberto. No entanto, apesar de conscientes do domínio masculino, os mesmos não reconhecem ou não denominam as estruturas e discursos machistas que o mantêm e o processo histórico de consolidação e disseminação de preconceitos e privações que afastaram a mulher do contexto esportivo.

Dado que todas as sociedades são delineadas pelo gênero, pelas relações de gênero e pela hierarquia de gênero, e

tratando-se o nosso tema de mulheres, fica claro que o que se passa com as mulheres do desporto é reflexo de outros âmbitos sociais, com raízes socioculturais muito profundas (GOMES, 2004, p.17).

Apesar de Canteras (2017, informação oral) afirmar que a equipe de produção do Globo Esporte São Paulo é formada por 80% de mulheres, a profissional se contradiz ao afirmar que existem menos mulheres que entendem de esportes e de futebol do que homens. Uma vez que, se o percentual é tão alto na redação do programa em que atuava, como é possível que sua justificativa para ausência feminina na tela da televisão do Globo Esporte possa ser válida? Para responder essa questão, Canteras diz que nem todas as pessoas cujo trabalho é na televisão querem aparecer nas câmeras. Segundo Carla, ela nunca quis e nunca terá esse desejo. E, das pessoas que trabalham com ela, quase nenhum possui esse projeto. “Uma coisa eu acho: as mulheres são muito mais cobradas do que os homens com relação a beleza e estética; e isso é uma coisa que afasta muita gente de querer ser repórter”. (CANTERAS, 2017, informação oral).

Sendo assim, no próximo tópico, exploraremos os fatores que envolvem a relação entre o feminino e a estética na televisão, tendo como foco o contexto do jornalismo esportivo, a visão das entrevistadas e de autores que tratam da temática.

5.2. Uma reflexão sobre as dificuldades femininas em relação à estética

Encaixar-se em padrões de beleza vigentes em determinada época é um fator capaz de interferir no trabalho de uma jornalista cujo trabalho se dá na televisão aberta? As emissoras demonstram preocupação com a estética das profissionais mulheres? E quanto aos homens? Partindo desses questionamentos, discorreremos sobre a relação entre tais âmbitos, uma vez que duas, das três profissionais mulheres consultadas, ressaltaram tais pontos, mas com opiniões e vivências diferentes. Segundo Canteras:

O erro de muitos canais de televisão é colocar as mulheres bonitas que não entendem ‘um ovo’ de esporte. Quando você faz reportagem, você tem que entender do que você fala. Quando você apresenta, você tem que ser bonita (CANTERAS, 2017, informação oral).

Diante de suas colocações, de uma mulher que foi chefe de produção e reportagem durante sete anos no Globo Esporte, percebemos que a profissional acredita que a estética é um ponto considerado pelo mercado de trabalho. Conforme Baggio (apud RIGHI, 2006, p. 28), a televisão descobriu que trazer para frente das câmeras pessoas que refletissem um ideal de beleza na sociedade poderia ser uma forma de atrair mais audiência. Para Baggio (2012, p. 30), tal cenário reflete um estereótipo ligado ao gênero feminino.

Canteras (2017, informação oral) ainda avalia que esse fator negativo faz muita diferença para as mulheres e que é algo que ainda não mudou com relação ao passado no qual o preconceito sobre o trabalho feminino era tangível e revelado. “E eu acho que não vai mudar porque a mulher que aparece na televisão tem que ser bonita, tem que ter um estilo” (CANTERAS, 2017, informação oral). Assim, a profissional também atribui a essa razão um dos fatores pelo qual a mulher ainda encontra dificuldades em ocupar espaços nas telas da televisão aberta. “Quando você está atrás das câmeras, a sua vida é um pouco mais protegida nesse sentido” (CANTERAS, 2017, informação oral).

Dos homens não se exige tanto: homem pode estar mais gordinho, pode ser mais baixo, pode estar grisalho. E isso é uma prova de que o machismo existe ‘pra caramba’. Porque eu acho que a mulher é muito cobrada pela estética. A mulher não pode envelhecer direito (CANTERAS, 2017, informação oral).

Sob a visão de Canteras, verificamos outra diferença entre o feminino e o masculino: enquanto as posições dos homens como jornalistas conhecedores do tema e atletas profissionais nunca foram questionadas, limitadas ou negadas, a aparência dos mesmos não foi um fator que impediu ou foi discutido pelo mercado de trabalho. Realidade bem diferente da que passa a mulher.

Para Lipovetsky (2000, p. 190), a valorização da beleza feminina no contexto profissional atua como uma ferramenta de discriminação sexual. Mas, em contrapartida, temos a visão de Renata Fan. A gaúcha teve uma trajetória no universo de concursos de beleza antes do jornalismo. No ano de 1999, foi eleita Miss Santo Ângelo (sua cidade de origem), Miss Rio Grande do Sul e Miss Brasil. Assim, quando iniciou sua carreira na televisão, a questão da aparência era muito presente. Quando questionada sobre esse início na profissão, se era subestimada, se existiam pessoas que duvidavam dela e se já havia passado por situações que a incomodaram, respondeu:

Passei, sim, porque eu comecei como assistente de palco nos programas Terceiro Tempo e Debate Bola, da Record, ao lado do Milton Neves. E eu era a questão figurativa da história, eu entregava os brindes para jogadores, treinadores, para os convidados do programa. Eu era aquela pessoa que fazia uma figuração; como se você tivesse um objeto bonito (FAN, 2017, informação oral).

Renata deixa transparecer que tal situação não a agradava: ser resumida às questões físicas. Por isso, conta que, a cada dia, demonstrava seu conhecimento. Em meio a discussões, tinha respostas prontas porque se preparava. Mesmo assim, as pessoas se perguntavam se a jornalista estava correta nas informações que fornecia, e se surpreendiam quando procuravam pela confirmação e a obtinham. “Eles perceberam que eu não estava ali apenas para servir de mulher bonita” (FAN, 2017, informação oral).

Enquanto Canteras alerta para o fato de que a estética é um fator exigido às mulheres, o que é visto como negativo para muitas, a experiência de Fan revela que esse elemento fez com que ela fosse subestimada no sentido de ser reduzida apenas a ele. Diante desse cenário, revela-se a objetificação feminina e minimização de suas capacidades em duas faces: aquela que exclui o conhecimento da mulher caso seus atributos físicos não sejam considerados adequados e, a segunda, que exclui o conhecimento da mulher que possui tal característica, mas é limitada a ela, considerando que os dois pontos (estética e conhecimento) não possam caminhar juntos. Resumidamente, aquelas que não têm o atributo exigido são reduzidas, e aquelas que têm também são.

As barreiras e ideologias que mantêm a dominação masculina são construídas e propagadas de diversas formas. Desde a noção que as profissionais mulheres terão mais dificuldades no meio esportivo por não praticarem determinadas modalidades – em um cenário mundial que mostra que as mulheres tiveram muitas dificuldades para conseguirem se colocarem como atletas e, mesmo assim, ainda hoje, não são incentivadas e nem apoiadas – até os requisitos físicos impostos, que também podem ser argumentos para despertarem mentalidades que as subestimam.

Para Oliveira e Oliveira (2017, p. 12), os padrões de beleza são definidos por uma cultura que privilegia o olhar masculino. Tanto que Fan (2017, informação oral) afirma ter sofrido pressão por sua aparência em dois aspectos: primeiro, para não parecer tão feminina. Ou seja, para ficar mais semelhante aos

jornalistas homens e ao contexto esportivo. Segundo, para que não usasse roupas chamativas, uma vez que os homens seriam distraídos por sua beleza e não prestariam atenção ao conteúdo do programa.

Eu comecei a trabalhar com salto alto, com maquiagem, com cabelo comprido. E eu continuo assim. Eu sofri muita pressão para cortar cabelo, para usar tênis. Eu falei: 'gente, eu não estou entrando em campo. Eu estou apresentando'. Isso não existia. 'Ah, mas você não pode usar um vestido muito sensual porque os homens vão olhar só para isso e não para o resto'. Se eles quiserem olhar só para isso, o azar é deles. Porque eles vão estar perdendo comentários, vão estar perdendo a posição de uma pessoa que é uma debatedora (FAN, 2017, informação oral).

Dessa forma, a imagem que a apresentadora passava por meio do seu vestuário seria regulada por meio do que o público masculino pensaria ao assistir-la caso a mesma não tivesse resistido. Dessa forma, percebemos como, até mesmo uma jornalista que conquistou uma posição de destaque na televisão aberta brasileira, a mulher é submetida ao olhar masculino.

A desigualdade de gêneros nada mais é do que a manifestação de uma cultura de diferenciação entre os sexos que se estabeleceu no passado, construindo os gêneros, e se perpetuou por meio de estruturas, como a exclusão ou a dominação de mulheres em determinados contextos, a exemplo do esporte. Bourdieu (2003, p. 18-20) afirma que existe um programa social de percepção incorporada, ou seja, uma noção aprendida, que se aplica a todas as coisas do mundo e ao próprio corpo em sua realidade biológica.

É ele [corpo] que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2003, p. 20)

Se, hoje em dia, a divisão do trabalho não se dá da mesma forma que se estabelecia no passado, uma vez que, mesmo em menor quantidades, as mulheres ocupam espaços anteriormente considerados masculinos, outros

mecanismos foram criados para que essa distinção se mantivesse; assim como podemos perceber por meio das barreiras impostas às mulheres no jornalismo esportivo da televisão aberta. Da mesma forma que vimos artifícios serem determinados para o controle e limitação do acesso feminino ao esporte, como o Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941, percebemos que, com o tempo, outras formas de dominação foram estabelecidas ao atribuir determinado valor ao feminino e não ao masculino. A imposição de certa aparência e a diminuição da visão da mulher baseada na estética são demonstrações da diferenciação entre os gêneros, a continuação de um passado e a manutenção de um presente sexista.

5.3. Machismo na profissão

O machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher (DRUMONT, 1980, p. 81). Tendo em vista tal definição do termo, buscamos verificar se os e as profissionais que trabalham nos programas analisados, o Jogo Aberto e o Globo Esporte, percebem a manifestação dessas representações simbólicas em suas áreas de atuação, destacando as diferentes concepções entre homens e mulheres.

Para Souza (2017, informação escrita), repórter do Globo Esporte, não: se existe machismo ele está fora das redações que eu frequentei e frequento. No entanto, Cássio Barco, que atua na mesma redação, possui uma visão diferente. “Infelizmente, o mundo ainda é machista, e isso reflete na nossa profissão” (BARCO, 2017, informação escrita). Já Charles Mills (2017, informação escrita), diretor do Jogo Aberto, afirma não considerar machista o meio do jornalismo esportivo na televisão aberta.

Canteras (2017, informação oral) conta que trabalha há 16 anos com esporte e que já sofreu com o preconceito por ser mulher, mas não na TV Globo. “Eu sofri quando fui pedir emprego em um jornal para trabalhar com esporte, e o editor não deixou nem eu fazer a prova porque era para ser setorista de clube e eu era mulher” (CANTERAS, 2017, informação oral).

Santos (2017, informação oral), que trabalhava ao lado de Canteras e segue com Barco e Souza no Globo Esporte, diz que, no geral, acredita que o

meio seja machista. Da mesma forma que acrescenta Renata Fan: “eu percebo, sim, muito machismo” (FAN, 2017, informação oral).

Dessa forma, diante da visão dos três entrevistados e das três entrevistadas, percebemos que a unanimidade ao reconhecer o machismo foi feminina. Isso porque, se o fenômeno é composto por um sistema de representações simbólicas, o lugar de fala daquele indivíduo que passa pelos elementos dessa estrutura é mais claro, ou seja, quem sofre tem mais facilidade para reconhecer. Para os homens, em sua situação privilegiada em que os espaços não foram negados e não foi necessária nenhuma espécie de luta para provar sua capacidade nesse contexto, a configuração do sistema que mantém o machismo chega a ser natural. A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção (BOURDIEU, 2003, p. 18). Os homens não experienciaram uma circunstância na qual, como contou Fan sobre sua infância, eram considerados intrusos em grupos de pessoas que falavam sobre esporte. Nem mesmo viram oportunidades de emprego no jornalismo esportivo escaparem – como aconteceu com Canteras – pelo simples fato de serem homens. Sendo assim, apesar de reconhecerem determinadas situações, como o caso de Barco, não entendem de forma profunda episódios pelos quais não passaram.

A visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos (...) (BOURDIEU, 2003, p. 18)

Ainda assim, a dominação masculina é tamanha e tomou conta de tantos setores da vida social que, em determinados momentos, nem mesmo as próprias mulheres a reconhecem. Assim, temos, mais uma vez, o que Bourdieu chama de dominação simbólica. Apesar de perceberem situações em que a divisão sexuada do mundo se encarrega de separá-lo entre “coisa de homem” e “coisa de mulher”, algumas limitações, por serem veladas, não revelam de forma explícita essa raiz da diferenciação entre os gêneros.

Apesar de afirmar não ter sofrido preconceito na TV Globo, ao ser questionada se já havia passado por outra situação incômoda por ser mulher,

além do acontecido no episódio no jornal, Canteras (2017, informação oral) afirma que se trata de um ambiente extremamente masculino, então, as coisas e as piadas que se ouvem, são piadas machistas. Além disso, a jornalista ainda afirma: “Eu acho que trabalhar com esporte e trabalhar com uma quantidade maior de homens do que de mulheres, em determinados momentos, faz com que a gente fique menos ‘mimimi” (CANTERAS, 2017, informação oral). O termo citado é coloquialmente utilizado nas redes sociais para satirizar, pejorativamente, reclamações, em uma onomatopeia que faz referência ao som de uma pessoa chorando. Carla Canteras ainda acrescenta:

Quando a gente ouve uma piada machista, minha reação é sempre a mesma, é falar: ‘po, que maravilha, hein, pensa se a sua irmã estivesse ouvindo’. Eu acho que a gente, que é mulher e trabalha em ambientes extremamente masculinos, se defende das coisas ou cria mecanismos para fazer as pessoas perceberem que estão incomodando. Em determinados momentos, elas mudam e seguem. (CANTERAS, 2017, informação oral)

Com tais colocações, por relacionar o incômodo de uma mulher ao passar uma situação machista ao referido “mimimi”, Carla reduz e banaliza a temática do gênero à mera reclamação ou descontentamento. Além disso, não identifica que piadas machistas, por exemplo, são apenas mecanismos de perpetuação da lógica masculina. A piada ou brincadeira nada mais é do que um discurso e carrega consigo sentidos.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 91)

Grande parte do fluxo discursivo existente na atualidade se torna responsável pela permanência de estruturas sociais nas quais o preconceito e a exclusão consolidam-se como regra (PAIVA, 2008, p. 124). Assim, a autora destaca que, entre os artifícios que propiciam e mantêm essas estruturas, estão as piadas, os chistes populares e as anedotas.

Carla também se mostra descontente com tais piadas, mas as combate colocando em foco uma relação familiar masculina para que, dessa forma,

possam entender o quão ofensivo o discurso pode ter sido. Por meio dessa linha de raciocínio, verificamos que é necessário acionar uma pessoa próxima, um laço de sangue, do homem, para que ele sinta empatia para com outras mulheres, revelando, mais uma vez, a falta de capacidade masculina de entender as situações pelas quais uma mulher experiencia.

5.4. A atual situação feminina no mercado de trabalho da televisão aberta no jornalismo esportivo

Tomando como base os programas selecionados, buscamos verificar qual é a atual situação do mercado de trabalho para a mulher, nessa área específica, nos dias de hoje, sob a visão das pessoas que fazem parte de tal cenário.

Dessa forma, percebemos que a questão central nas respostas dos entrevistados é que, para avaliar o presente, o mesmo foi comparado a um passado em que as mulheres não ocupavam esse espaço e não tinham representatividade, ao invés de uma realidade ideal.

Segundo Fan (2017, informação oral) o mercado de trabalho, hoje em dia, é muito mais fácil do que há 14 anos, quando começou. “A mulher, dentro dos programas esportivos, era uma figuração, era mais vista pela estética e não pelas opiniões emitidas” (FAN, 2017, informação oral). Ainda de acordo com a profissional, naquela época não era possível que o trabalho feminino fosse valorizado. “E não porque as mulheres não tivessem condições, mas porque elas não tinham espaço; e isso foi acontecendo gradativamente” (FAN, 2017, informação oral).

Quando as mulheres começaram a trabalhar, quando mostraram sua competência, o quanto elas são profissionais, o quanto, realmente, elas fazem a diferença, isso acabou ganhando espaço, abrindo um novo caminho para todas nós. E, na verdade, quando uma mulher tem sucesso, outra ganha oportunidade, outra vai ter a chance de mostrar algo novo, diferente. (FAN, 2017, informação oral)

Dessa forma, Fan também admite a importância da representatividade, de mulheres que ocupem espaços e demonstrem suas capacidades para que o caminho seja aberto para outras, o que ressalta a importância da presença feminina em contextos antes negados a elas. No entanto, quando questionada se abrir o debate acerca das condições femininas seria benéfico para o mercado

de trabalho e para a sociedade, Fan (2017, informação oral) afirma acreditar que não deveríamos ainda estar discutindo se a mulher precisa ou não precisa de espaço. “Na minha opinião isso é algo que já aconteceu, as mulheres têm o seu espaço e é uma tendência natural que elas evoluam” (FAN, 2017, informação oral).

Já Canteras (2017, informação oral) observa que alguns aspectos já mudaram, apesar de não vivermos em um mundo e uma sociedade que ainda não estão perfeitos. “A gente continua andando na rua e os caras achando que podem mexer com a gente, como se a gente fosse um pedaço de carne pendurado” (CANTERAS, 2017, informação oral). Segundo a ex-supervisora de reportagem do Globo Esporte, as redações são reflexo da sociedade. “Acho que tem poucas mulheres, poucas mulheres que eu digo, mais homens do que mulheres, mas, hoje, nós já somos muitas” (CANTERAS, 2017, informação oral).

Santos (2017, informação escrita) concorda com as outras duas entrevistadas ao considerar que, ao longo dos anos, as mulheres ganharam mais espaço nas redações. No mesmo sentido, Mills (2017, informação escrita) avalia que, a cada dia que passa, o espaço para as mulheres em programas esportivos é maior. Souza (2017, informação escrita) também pondera que começou a trabalhar em 2000, e o número de mulheres nas redações desde então só aumentou.

O diretor do Jogo Aberto também oferece os dados da atração. Conforme Mills (2017, informação escrita), dos 10 profissionais que editam o programa no dia a dia, em São Paulo, três são mulheres. O que resultaria em 30%. Nas ruas, produzindo as matérias, ainda de acordo com o profissional, são 11 repórteres, dos quais três são mulheres. O que, transpondo para um número percentual, resultaria em aproximadamente 27,2%. Renata Fan, a apresentadora, ocupa sozinha essa posição e, nos debates, é a única mulher entre uma quantidade variável de comentaristas – de três a cinco por programa – mas, sempre, todos eles homens. Além disso, observamos durante a visita ao programa, que, no estúdio, além de Renata, havia apenas outras duas mulheres, que eram sua maquiadora e cabelereira. Os câmeras e produtores presentes no local em que o programa é transmitido são todos homens.

No Globo Esporte São Paulo, Canteras (2017, informação oral), demitida da emissora cinco dias após a entrevista, afirma que 80% da produção era

constituída por mulheres e 50% da edição. Mas os dados mais atualizados, baseados nos créditos¹ exibidos ao final da atração, mostram:

Daniel Minozzi (editor-chefe); **Cida Santos**, Guilherme Fuoco, Luiz Henrique Novaes, Murilo Fontes, Rodrigo Faber (editores de texto); Douglas Ribeiro, Joel Carneiro, Kleber Paixão, Pedro Tatto, Swami Pimentel (editores de imagem); Marcio Torres (supervisão de cinegrafia); Juliano Costa (coordenador digital); Adilson Barros (coordenador de produção); Cauê Dias (coordenador de reportagem); **Kariny Dias** (coordenadora de edição); José Gonzalez (chefe de redação); Carlos Bottini (direção de imagens); Daniel Rodrigues, Hélio Tomé e Valmor Fernando (câmeras); Claudinei Ribeiro e Thiago Cleiton (áudio); **Isadora Conati** (coordenadora de telejornais); Afonso Dellaqua (coordenador de operações); Mário Dal'mas Sanabria (videografismo); Kim Oluf Jorgensen, **Daniela Anselmo** e Rodrigo Buzzeto (arte); Andrei Jiro (gerente de ilustração e arte); Gustavo Maria (gerente de programas); Luiz Henrique Rabello (gerente nacional de operações); Fernando Gueiros (diretor de produção e eventos especiais); Renato Ribeiro Silva (diretor de redação); Gustavo Poli (diretor responsável).

Tendo em vista o levantamento apresentado, dos 35 profissionais, apenas quatro são mulheres, o que representaria aproximadamente 11,4%. A posição única de apresentador é de Ivan Moré. De comentaristas, Caio Ribeiro e Walter Casagrande. E, conforme Barcos (2017, informação oral), são 10 repórteres do esporte da TV Globo em São Paulo, e só uma mulher, a Camila Silva. Tal cenário reflete em 10% de presença feminina.

Sendo assim, as opiniões dos entrevistados avaliam como positiva a participação minoritária das mulheres, uma vez que comparam a atual situação, em que poucas estão presentes, ao passado em que elas não possuíam representantes. O jornalismo esportivo, como vimos nos capítulos anteriores, começou no Brasil na década de 1850 e, desde então, é um território ocupado por homens. Hoje, em 2017, séculos depois do surgimento dessa área do

¹ Informações mais atualizadas de créditos do programa foram encontradas no programa do dia 29 de novembro de 2017, disponibilizado na íntegra na plataforma Globo Play. Os créditos do diretor de redação e de diretor responsável podem ser encontrados nas demais edições. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6322591/programa/>> e <<https://globoplay.globo.com/v/6333205/programa/>>. Acesso em 7 de dezembro de 2017.

jornalismo no país, nos deparamos com números tão baixos de mulheres. Por isso, consideramos que dizer que as mulheres já possuem o seu espaço consolidado configura-se como uma visão simplista, uma vez que o esporte como um todo, o futebol e o jornalismo esportivo se desenvolveram em um passado de desigualdades de gêneros e carregam essa característica até hoje. Apesar das conquistas femininas existirem, ainda são poucas.

Além disso, os entrevistados apresentaram divergências quanto a outro aspecto do trabalho feminino. Ao serem questionados se as mulheres ainda estão buscando combater conceitos pré-estabelecidos e se firmar na área do jornalismo esportivo, Mills (2017, informação escrita) acredita que sim e que, a cada dia que passa, estão atingindo esse objetivo. Santos (2017, informação escrita) concorda, acrescentando que se trata de um mundo com domínio masculino e que ainda se tem muita luta pela frente, demonstrando uma visão diferente ao comparar o presente com o futuro. Para Barcos (2017, informação escrita), essa premissa é verdadeira não só no contexto esportivo como em todas as outras áreas. “No jornalismo esportivo, mulheres respeitadas pelo público precisam constantemente da provação do domínio das informações” (BARCO, 2017, informação oral).

Já Canteras (2017, informação oral) acredita que não, uma vez que as mulheres já estão estabelecidas em suas funções. Segundo ela, não é mais surpreendente ter mulher jornalista esportiva, tendo em vista que buscar combater conceitos pré-estabelecidos e se firmar são lutas que aconteceram no passado, com nomes com Regiane Ritter. “Ela foi surpreendente; hoje, eu não sou surpresa, alguém foi a surpresa no meu lugar e eu só estou aqui por causa da minha competência” (CANTERAS, 2017, informação oral).

Quando a gente fala que a mulher precisa se firmar é um papel de coitadinha. Tem machismo? Tem muito machismo. Não é isso que eu estou falando. A gente lida, no dia a dia, com situações difíceis? Sim. Mas são situações que a gente lida na sociedade. E que eu acho que a gente tem que combater. Tem que combater falando, reclamando, xingando – xingando que eu digo, reeducando. Tem que combater não aceitando abusos, seja ele qual for. A gente tem que exigir respeito e lutar o tempo todo. Tem pessoas supercompetentes trabalhando com esporte, e que estão mais do que firmadas; que trabalham bem e que são boas. Eu não acho que nós precisamos nos firmar. A gente tem que ser forte como mulher e encarar as coisas como a gente tem que encarar no dia a dia. (CANTERAS, 2017, informação oral)

Analizamos que a leitura de Canteras sobre a situação desconsidera o cenário atual em que a mulher é minoria, além de diminuir a denúncia do machismo e da investigação social ao colocar o tema sob o prisma da mulher em um “papel de coitadinha”. Avaliamos também que divulgar a circunstância em que mulher está inserida no mercado de trabalho é de extrema relevância, uma vez que, para que um cenário negativo seja mudado, ele precisa ser identificado. E o fato de uma mulher não identificar tal necessidade evidencia a ação da violência simbólica proposta por Bourdieu.

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. (BOURDIEU, 2003, p. 49)

Ao afirmar que existem profissionais firmadas em suas posições, Canteras leva em conta casos individuais e não coletivos. Com base nos programas analisados, casos pontuais, como o de Renata Fan, que está há mais de uma década à frente do Jogo Aberto, são exceções e não regras.

Fan (2017, informação oral) também acrescenta que ainda não há registros de uma mulher chefiando um departamento de esportes em televisão, o que mostra mais um lugar ainda não conquistado pelas mulheres e o poder que os homens ainda possuem.

Sendo assim, se as figuras femininas não são maioria em nenhuma função, não chefiam departamentos esportivos na televisão e ainda sofrem com o machismo, concluímos que elas ainda estão buscando consolidação nessa área.

Sendo assim, no próximo capítulo, verificaremos de que forma a participação feminina ocorre nos programas destacados para análise.

6 ANÁLISE DOS PROGRAMAS

Por meio da verificação de cinco edições² do Jogo Aberto e cinco edições do Globo Esporte São Paulo, de segunda a sexta-feira, do dia 25 a 29 de setembro, buscamos apurar as informações coletadas nas entrevistas, com foco na presença feminina. Sendo assim, analisamos individualmente cada programa e edição por meio das categorias M (mulher) e H (homem), separando cada atração dos programas (reportagens, comentários, entradas ao vivo e etc.) e medindo o tempo de cada etapa, fator que, na televisão, demonstra o valor e a importância de cada conteúdo, pauta ou pessoa, da mesma forma que o espaço no jornal impresso.

6.1 Jogo Aberto

Por meio da semana construída, percebemos no Jogo Aberto que o formato é bem definido e que a atração tem como característica marcante a descontração. Tanto nos programas analisados quanto na visita ao estúdio, constatamos que se trata de um aspecto dos participantes na frente das câmeras e nos bastidores. Também apuramos, com a presença no local, que Renata Fan participa desse contexto e, por vezes, é alvo desses momentos de descontração.

As circunstâncias em que Renata Fan, a apresentadora, aparece e fala sozinha são a abertura e as chamadas das matérias e reportagens. Depois da abertura, em que menciona os destaques do programa, uma matéria/reportagem é exibida e, na volta para o estúdio, Renata já aparece posicionada ao lado de Denílson, para quem faz perguntas sobre os temas. Nesse contexto, a apresentadora também emite suas opiniões. Depois dessa sequência de matéria e comentários, o debate tem início. Primeiramente, Renata apresenta todos os comentaristas e conduz as discussões, alternando as falas para que todos possam participar.

Sendo assim, foram destacadas as categorias: abertura, que se refere ao momento inicial do programa, em que Renata Fan aparece sozinha trazendo os destaques da atração; chamada, momento no qual a apresentadora chama ou

² As edições do Jogo Aberto foram obtidas conforme a disponibilização do material na íntegra, no canal oficial no YouTube. Portanto, trechos que não estão presentes nesses conteúdos, por questões de direitos autorais ou por escolha da emissora, não foram analisados pela pesquisa.

faz a cabeça da reportagem; matéria, que são feitas e narradas pelos repórteres; comentários, momentos no qual Renata Fan e Denílson avaliam temas; entradas ao vivo, feitas por repórteres em algumas edições; debate, parte do programa em que Renata e Denílson se unem aos outros comentaristas com o intuito de discutirem as pautas. Dessa forma, as categorias foram enumeradas conforme elas aparecem em cada um dos programas.

6.1.1. Jogo aberto: segunda-feira, dia 25 de setembro³

Nessa data, uma segunda-feira, o programa deu grande destaque à repercussão do clássico do final de semana entre o São Paulo e Corinthians, em uma matéria de mais de oito minutos e outra matéria sobre as polêmicas de arbitragem, de mais de seis minutos – além dos comentários. Outras reportagens abordaram: gols da rodada do Brasileirão; jogo entre Atlético-MG e Vitória; Santos e Atlético-PR; Grêmio e Bahia; Palmeiras e Fluminense.

Algumas matérias contam com a narração, ou seja, o *off* gravado e colocado por cima do vídeo, já outras contam com passagens dos repórteres. No caso apenas da narração, a mesma foi destacada. No caso dos comentários antes do debate em que os demais participantes estão presentes, Renata conduz a discussão, emite suas opiniões, mas, quando o tempo é reduzido, opta por comentários pontuais.

Diante de tais pautas, a hegemonia do futebol no programa se torna nítida, uma vez que foi dominante.

Tabela 1 – Programa 1

Conteúdo	Tempo aproximado	M ou H	Nome(s)
Abertura	1 min 30 s	M	Renata Fan
Chamada 1	35 s	M	Renata Fan

³ A edição do dia 25/09/2017 foi assistida por meio do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FLGxOq6xeak>>. Acesso em: 29 de novembro de 2017.

Matéria 1	2 min 40 s	H	Narração: Rafael Aguiar
Comentários 1	1 min 20s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 2	10 s	M	Renata Fan
Matéria 2	8 min 30s	H	André Galvão
Chamada de sonora	10 s	M	Renata Fan
Sonora	20s	H	Jogador: Petros
Comentários 2	12 min 50s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 3	30s	M	Renata Fan
Matéria 3	2 min	H	André Salles
Comentários 3	2 min	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 4	15 s	M	Renata Fan
Matéria 4	2 min 40 s	H	Marcelo Rozenberg
Comentários 4	50 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 5	20s	M	Renata Fan
Matéria 5	3 min 30 s	H	Narração: Rafael Aguiar
Comentários 5	1 min	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 6	10 s	M	Renata Fan
Matéria 6	4 min	M	Roberta Barroso
Chamada 7	15 s	M	Renata Fan
Matéria 7	6 min 30 s	M	Kalinka Schutel

Debate	18 min 30s	M, H, H, H e H	Renata Fan, Héverton Guimarães, Ulisses Costa, Paulo Roberto Martins, Denílson e Ronaldo
--------	------------	----------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

No primeiro programa analisado, a participação feminina se configura por meio da ampla atuação de Renata Fan, que conduz a atração e comenta os temas, e das repórteres Roberta Barroso e Kalinka Schutel. Das sete matérias da edição, cinco foram de homens e apenas duas contaram com mulheres. Vale ressaltar que Renata aparece sozinha na abertura do programa e nas chamadas, que se mostraram trechos curtos. Nos comentários, após cada tema ser apresentado pelas reportagens, Renata está ao lado do comentarista Denílson. Já na parte do debate, está acompanhada de quatro homens.

6.1.2. Jogo Aberto: 26 de setembro, terça-feira⁴

O clássico entre São Paulo e Corinthians continuou repercutindo, assim, foi exibida uma entrada ao vivo na coletiva de imprensa para ouvir as palavras do técnico do clube do Morumbi. Outra pauta explorada na edição é a agressão sofrida pelos jogadores da Ponte Preta por parte de torcedores do clube, que estava na zona de rebaixamento; tanto nos comentários após a matéria (2) quando no debate envolvendo todos os membros o assunto foi alvo de análise – e todos repudiaram os atos. Outra entrada ao vivo, a do repórter Fernando Fernandes, teve como entrevistado o presidente do Palmeiras, Maurício Galiotte, que estava em um evento no clube anunciando a abertura de escolinha de futebol do Palmeiras, que também contará com espaço feminino; o repórter também perguntou sobre contratações e situação do jogador Felipe Melo. Além disso, também foi ao ar uma matéria sobre as probabilidades da série A do Campeonato Brasileiro. O matemático consultado analisou as chances de cada clube, e a reportagem fez um balanço sobre atuações dos times, além de

⁴ A edição do dia 26/09/2017 foi assistida por meio do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bmXFtzl2PIM&spfreload=1>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2017.

entrevistas com pessoas nas ruas (todos homens), comentando as projeções para cada equipe.

Tabela 2 – Programa 2

Conteúdo	Tempo aproximado	M ou H	Nome(s)
Abertura	1 min 30 s	M	Renata Fan
Comentários 1	30 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 1	10 s	M	Renata Fan
Entrada ao vivo 1 (entrevista coletiva)	7 min 40 s	H	Willian Lopes
Comentários 2	3 min	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 2	1 min 20 s	M	Renata Fan
Matéria 1	4 min 45 s	M	Narração: Heloise Ornelas
Comentários 3	3 min 20 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 3	15 s	M	Renata Fan
Matéria 2	2 min 40 s	M	Narração: Adriana Almeida
Comentários 4	4 min 5 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 4	10 s	M	Renata Fan
Entrada ao vivo 2 (entrevista)	4 min 30 s	H	Fernando Fernandes
Comentário 5	10 s	M	Renata Fan
Chamada 5	5 s	M	Renata Fan

Matéria 3	5 min 50 s	H	William Lopes
Debate	23 min 30 s	M, H, H, H e H	Renata Fan, Denílson, Ulisses Costa, Paulo Roberto Martins e Héverton Guimarães
Matéria 2 reexibida	2 min 40 s	M	
Entrada ao vivo	1 min	H	
			Narração: Adriana Almeida
			William Lopes

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Conforme conseguimos observar, Renata Fan se faz presente na condução e nos comentários do programa, ao lado dos outros comentaristas, todos homens. Duas reportagens são narradas por mulheres, uma feita por um homem e as três entradas ao vivo realizadas por repórteres do sexo masculino. Sendo assim, apesar da presença feminina ainda ser menor nos conteúdos produzidos fora do estúdio, na edição da terça-feira existe um equilíbrio maior.

6.1.3. Jogo Aberto: 27 de setembro, quarta-feira⁵

O pós-clássico teve menos espaço na quarta-feira, uma vez que foi abordado na matéria sobre o Corinthians, mas a edição trouxe a pauta da sequência do Campeonato Brasileiro para o clube, que enfrentaria o Cruzeiro, finalista da Copa do Brasil. Assim, comentou-se também sobre a lesão do atacante do time de Itaquera, Jô, e o repórter William Lopes trouxe notícias direto do centro de treinamentos.

Outras pautas exploradas foram: a apresentação do técnico Oswaldo de Oliveira no Atlético-MG; notícias do treino do Palmeiras, com exibição de trechos da entrevista do jogador Thiago Santos e do técnico da época, Cuca, além das possibilidades de título e o próximo jogo do alviverde.

⁵ A edição do dia 27/09/2017 foi assistida por meio do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0h8ucD3wY8I&spfreload=1>>. Acesso em: 4 de dezembro de 2017.

A partida finalíssima da Copa do Brasil ganhou destaque, com entrada ao vivo do repórter Gustavo Berton direto do estádio do Mineirão, matéria de Diogo Ramalho e comentários de Renata Fan e Denílson.

A série B foi assunto por meio do jogo entre o Internacional de Porto Alegre e o América-MG. O clube do sul é o time do coração de Renata Fan, e a gaúcha não escondeu sua ansiedade e expectativa para o confronto entre o líder e vice-líder da competição.

Tabela 3 – Programa 3

Conteúdo	Tempo aproximado	M ou H	Nome(s)
Abertura	1 min 30 s	M	Renata Fan
Comentários 1	1 min 35 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 1	10 s	M	Renata Fan
Matéria 1	5 min 20 s	H	Thiago Kansler
Chamada 2	25 s	M	Renata Fan
Entrada ao vivo 1	3 min 30 s	H	William Lopes
Comentários 2	1 min 20 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 3	10 s	M	Renata Fan
Matéria 2	1 min 10 s	H	Narração: Rafael Aguiar
Comentários 3	50 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 4	5 s	M	Renata Fan
Matéria 3	5 min 40 s	H	André Galvão
Chamada 5	25 s	M	Renata Fan
Entrada ao vivo 2	1 min 45	H	Gustavo Berton

Chamada 6 (feita na entrada ao vivo)	10 s	H	Gustavo Berton
Matéria 4	2 min 30 s	H	Diogo Ramalho
Comentários 4	2 min 25 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 7	50 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Matéria 5 (trechos do programa Exathlon)	45 s	-	-
Comentários 5	35 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Passagem de bloco e comentários 6	25 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Comentários 7	40 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 8	10 s	M	Renata Fan
Matéria 6	2 min 20 s	H	Filipe Duarte
Comentários 8	15 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 9	10 s	M	Renata Fan
Matéria 7	4 min	H	William Lopes
Debate	9 min 45 s	M, H, H, H, H e H	Renata Fan, Héverton Guimarães, Ronaldo Giovanelli, Denílson, Ulisses Costa e Paulo Roberto Martins.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

No terceiro programa analisado, a participação de Renata Fan segue a tendência dos outros dois: a gaúcha apresentou sozinha a abertura e as

chamadas – com exceção da chamada 6, feita pelo repórter Gustavo Berton – e comentou os temas ao lado de Denílson na primeira etapa e dos outros quatro comentaristas na segunda parte. Nesta edição, a chamada 7, a matéria 5 e os comentários 5 foram sobre o programa da Band Exathlon.

Assim, o saldo dos conteúdos mostra que todas as seis matérias de conteúdos jornalísticos e as duas entradas ao vivo tiveram como encarregados repórteres do sexo masculino. Sendo assim, Renata foi a única representante feminina do jogo aberto nessa data.

6.1.4. Jogo Aberto: 28 de setembro, quinta-feira⁶

Na edição da quinta-feira, o título do Cruzeiro, que levantou a taça da Copa do Brasil, ganha notoriedade. Além dos comentários – na primeira etapa com Renata e Denílson e na segunda parte com Renata e os demais comentaristas –, a pauta também foi explorada em duas matérias (1 e 5, conforme tabela abaixo). A história da partida contra o Flamengo, a repercussão da conquista, o Mineirão cheio, comemoração nas ruas, entrevistas com torcedores no estádio e o personagem das penalidades, Fábio, o goleiro do Cruzeiro, foram focos das reportagens.

A vitória do Internacional na série B do Campeonato Brasileiro também foi contada e o clássico que estava por vir no final de semana, entre Palmeiras e Santos, foi bastante discutido, com materiais sobre a preparação de cada um e a importância do jogo para ambos os clubes, uma vez que ainda possuíam pretensões de título e estavam próximos na classificação.

Tabela 4 – programa 4

Conteúdo	Tempo aproximado	M ou H	Nome(s)
Abertura	1 min	M	Renata Fan
Comentários 1	2 min 5 s	M e H	Renata Fan e Denílson

⁶ A edição do dia 28/09/2017 foi assistida por meio do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a5oWjQ7RJ0g&spfreload=1>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2017.

Chamada 1	10 s	M	Renata Fan
Matéria 1	5 min 40 s	H	Gustavo Berton
Comentários 2	10 min 25 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 2	15 s	M	Renata Fan
Matéria 2	2 min 5 s	H	Marcelo Rozenberg
Chamada 3	25 s	M	Renata Fan
Matéria 3	2 min 15 s	H	Max Correa
Comentários 3	2 min 40 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 4	15 s	M	Renata Fan
Matéria 4	3 min 10 s	H	André Galvão
Chamada 5	15 s	M	Renata Fan
Matéria 5	2 min 10 s	H	Igor Calian
Debate	11 min	M, H, H, H e H	Renata Fan, Héverton Guimarães, Paulo Roberto Martins, Ulisses Costa e Denílson

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

No quarto programa analisado, foram cinco matérias com conteúdo de futebol, todas elas assinadas por homens. Assim, pelo segundo dia consecutivo, seguindo suas funções notadas nas outras edições, Renata Fan foi o único nome feminino do programa da Band. Sendo assim, confirmamos a menor participação de mulheres em tais edições e no geral até aqui.

6.1.5. Jogo Aberto: 29 de setembro, sexta-feira⁷

Na sexta-feira, o programa foi aberto com uma reportagem sobre um clube carioca: a primeira matéria tratou sobre a situação do Fluminense na série A do

⁷ A edição do dia 29/09/2017 foi assistida por meio do YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=muzNLQcVyCs>>. Acesso em: 6 de dezembro de 2017.

Brasileirão e o próximo confronto do clube, contra o Grêmio; bem como sequência nas próximas rodadas. O confronto entre Palmeiras e Santos, que seria no dia seguinte, e as expectativas de cada lado foram pauta de matéria e comentários, além da cobertura dos treinos das equipes. A lesão do atacante Jô, do Corinthians, voltou a ser discutida, assim como quem substituiria o jogador quando o clube enfrentasse o campeão Cruzeiro no Campeonato Brasileiro. Outra pauta foi a comemoração dos jogadores do Cruzeiro e a continuação do ano para o time no Brasileirão. O lado do Flamengo também foi observado, e o futuro do clube depois de perder o título foi abordado – na matéria 4 (conforma a tabela abaixo), foram feitas entrevistas com torcedores na rua, perguntando a opinião dos mesmos sobre a partida final, e todos eles eram homens, apesar da repórter que conduziu a matéria ser uma mulher.

O São Paulo ganhou espaço nas discussões e o tema foi se o clube seria ou não rebaixado, além da transferência do jogador Cícero para o Grêmio.

Outra característica do Jogo Aberto é a reexibição de matérias no momento do debate para que o tema volte e todos possam comentar juntos.

Tabela 5 – Programa 5

Conteúdo	Tempo	M ou H	Nome(s)
Abertura	1 min 15 s	M	Renata Fan
Chamada 1	15 s	M	Renata Fan
Matéria 1	1 min 40 s	M	Roberta Barroso
Comentários 1	2 min 40 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 2	15 s	M	Renata Fan
Matéria 2	6 min 40 s	H	Narração: Rafael Aguiar
Comentários 2	4 min	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 3	15 s	M	Renata Fan
Matéria 3	3 min	H	Marcelo Rozenberg

Comentários 3	3 min 50 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 4	20 s	M	Renata Fan
Matéria 4	1 min 45 s	M	Roberta Barroso
Comentários 4, parte 1	15 s	M e H	Renata Fan e Denílson
VT	40 s	H	Gatito Fernández (goleiro do Botafogo)
Comentários 4, parte 2	1 min 45 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 5	20 s	M	Renata Fan
Matéria 5	2 min 15 s	M	Narração: Heloise Ornelas
Comentários 5	1 min 20 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 6	25 s	M	Renata Fan
Matéria 6	2 min 55 s	M	Isabela Labate
Comentários 6	3 min 45 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Comentários 7	30 s	M e H	Renata Fan e Denílson
Chamada 7	20 s	M	Renata Fan
Matéria 7	2 min 55 s	H	William Lopes
Chamada 8	10 s	M	Renata Fan
Matéria 8	4 min	H	Thiago Kansler
Debate	29 min 30 s	M, H, H, H e H	Renata Fan, Ronaldo Giovanelli, Paulo Roberto Martins, Denílson e Héverton Guimarães
	3 min	H	

Matéria 3 reexibida			Marcelo Rozenberg
---------------------	--	--	-------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A quinta e última edição analisada do Jogo Aberto foi a primeira e única a contar com a igualdade entre representantes homens e mulheres: das oito matérias apresentadas, quatro foram de figuras femininas e quatro masculinas. Durante a semana, houve apenas uma edição em que a distribuição foi equilibrada e, no restante, a maioria foi masculina, nunca feminina – inclusive, duas edições foram dominadas pelos homens.

6.1.6. Síntese da participação de Renata Fan

Conforme percebemos por meio da revisão bibliográfica, das entrevistas e das análises dos programas, Renata Fan é uma figura emblemática não apenas para o Jogo Aberto e para a Band, mas para o jornalismo esportivo brasileiro, uma vez que é pioneira e mantém uma posição de destaque desde 2007, quando assumiu o posto de apresentadora do programa. Conforme constatado, a gaúcha aparece e fala sozinha nas chamadas e na abertura do programa (com raras exceções), já a sua atuação nos comentários se dá ao lado de Denílson na primeira etapa e dos outros comentaristas na segunda. Tendo em vista esse cenário, preparamos dados com a síntese de sua participação na semana estudada, destacando o tempo em que a apresentadora aparece sozinha, acompanhada na primeira parte e acompanhada na segunda parte.

Tabela 6 – Tempo ocupado por Renata Fan

Programa	Fan sozinha (em minutos)	Fan acompanhada – primeira	Fan acompanhada	Tempo total do programa⁸
-----------------	---------------------------------	-----------------------------------	------------------------	--

⁸ O tempo total de cada programa corresponde ao material disponibilizado no YouTube no canal do Jogo Aberto, por esse motivo, os intervalos comerciais não são englobados. Além disso, por conta de direitos de uso de imagens, alguns trechos são cortados. Sendo assim, os valores utilizados como referência são aqueles oferecidos pela emissora.

		parte (em minutos)	– segunda parte	
1 (25/9/17)	3 min 55 s	18 min	18 min 30 s	1 h 13 min 29 s
2 (26/9/17)	3 min 40 s	10 min 55 s	23 min 30 s	1 h 4 min 20 s
3 (27/9/17)	3 min 55 s	8 min 5 s	9 min 45 s	51 min 56 s
4 (28/9/17)	2 min 20	15 min 10 s	11 min	44 min 21 s
5 (29/9/17)	3 min 35 s	18 min 5 s	29 min 30 s	1 h 17 min 41 s
Total em 5 programas	17 min 25 s	1 h 10 min 15 s	1 h 32 min 15 s	5 h 26 min 21 s

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Em posse de tais dados, podemos afirmar que Renata Fan possui maior atuação (em tempo) quando está acompanhada de Denílson e dos outros comentaristas na parte do debate, uma vez que seu papel de apresentadora (parte programada e, por vezes, roteirizada) é pequeno. Sendo assim, a ocupação de tempo exclusivamente feminina é minoria.

6.2. Globo Esporte São Paulo

O programa da TV Globo possui um formato diferente do Jogo Aberto. Por ser uma atração de menor duração, os comentários e as matérias são mais curtos. Além disso, não há um formato bem delimitado de sequência entre chamada/cabeça, reportagem e comentários, como acontece no programa da Band. Por vezes, Ivan Moré, o apresentador, mostra notícias e lances de jogos, por exemplo, no telão do estúdio, sem a necessidade de uma matéria que conte tal história. No Jogo Aberto, as reportagens narram fatos e os comentários

posteriores tratam do assunto e dos desdobramentos que o envolvem, já no Globo Esporte, há momentos em que os comentaristas estão presentes no estúdio e o apresentador sugere diversos temas – quando foi o caso, dividimos os comentários pela mudança de tópico a ser discutido.

O Globo Esporte São Paulo, ao contrário do Jogo Aberto, também possui quadros, como o “Fala, Casão”, do comentarista Casagrande, e o Geração Z, que traz novos talentos do esporte. Além disso, apesar do foco dessa etapa da análise ser a imagem e os encarregados de cada conteúdo, também optamos por computar os créditos de produção, arte, edição e de imagem, quando existentes, ademais das pessoas que aparecem na tela ou narram as reportagens.

6.2.1. Globo Esporte São Paulo: 25 de setembro, segunda-feira⁹

O programa é aberto com um VT, exibindo lances e entrevistas do clássico entre São Paulo e Corinthians. No estúdio, o apresentador Ivan Moré recebeu o jogador do Palmeiras, Egídio, que havia feito o gol da vitória do time contra o Fluminense na rodada daquele final de semana. Depois da matéria sobre o jogo, Ivan Moré e o comentarista Caio Ribeiro falaram sobre o lance e o atleta respondeu a perguntas. Na categoria descrita abaixo como apresentação de tema e comentários 2 (conforma tabela abaixo), Ivan Moré mudou o tópico abordado, falando sobre o jogo do Santos. Lances do confronto com o Atlético-PR foram exibidos na tela e o apresentador questionou Caio Ribeiro sobre o gol. O comentarista fez sua leitura dos lances e da situação e Ivan Moré também emitiu suas opiniões. Já o que chamamos de informações e nota coberta se refere ao momento em que o a tabela do Brasileirão estava no telão e o apresentador mostrou a pontuação, falando dos resultados da rodada, ou seja, explicando por qual motivo cada clube ocupava sua respectiva posição; logo depois, os lances e gols dos jogos eram exibidos e Ivan os narrava.

Uma pauta diferente do futebol abordada na edição foi envolveu os Estados Unidos. A polêmica aconteceu entre jogadores de futebol americano e o presidente, Donald Trump, uma vez que os atletas protestaram por conta de

⁹ A edição do dia 25/9/2017 do Globo Esporte foi assistida na íntegra por meio da plataforma Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6172355/programa/>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2017.

questões racistas no país, o que gerou críticas a eles por parte do mandatário. Jogadores de basquete, como Stephen Curry, LeBron James e Michael Jordan, também se posicionaram contra Trump, conforme indicou a matéria.

Tabela 7 – Programa 1

Conteúdo	Tempo	M ou H	Nome (s)
VT 1	45 s	-	-
Abertura	10 s	H	Ivan Moré
Entrevista 1, realizada no estúdio	20 s	H	Ivan Moré
Chamada	3 s	H	Egídio, jogador do Palmeiras presente no estúdio
Matéria 1	1 min 55 s	H	Narração: Ivan Moré
Comentários 1 e entrevista 2	2 min 30 s	H e H	Ivan Moré e Caio Ribeiro (Egídio, jogador entrevistado)
Apresentação de tema e comentários 2	1 min 35 s	H e H	Ivan Moré e Caio Ribeiro
VT 2	12 s	-	-
Comentários 3	15 s	H e H	Ivan Moré e Caio Ribeiro
Comentários 4	1 min 50 s	H e H	Ivan Moré e Caio Ribeiro
Chamada 2	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 2	2 min 30 s	H	Narração: Alex Escobar
Passagem de bloco	10 s	H	Ivan Moré
Informações 1 e nota coberta 1	1 min 20 s	H	Ivan Moré
Chamada 3	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 3	5 min 20 s	H e H	Cássio Barco Crédito de imagem: Renato Rodrigues
Comentários 5	4 min	H e H	Ivan Moré e Caio Ribeiro

VT 3	20 s	H	Fábio Carille (técnico do Palmeiras)
Comentários 6	40 s	H e H	Ivan Moré e Caio Ribeiro

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Conforme ilustrado na tabela 6, todas as categorias do primeiro programa analisado foram ocupadas por homens. Desde a apresentação e os comentários até as matérias e narrações, não houve nenhuma representante feminina – nem sequer em créditos de produção ou ao final da atração, uma vez que os mesmos não foram exibidos.

6.2.2. Globo Esporte São Paulo: 26 de setembro, terça-feira¹⁰

Na presente edição, o programa teve início com uma reportagem sobre um evento de futebol e balada com jovens em uma escola localizada na favela de Paraisópolis. Duas entradas ao vivo, de Renato Peters e Renato Cury, trouxeram notícias sobre Palmeiras e Santos, respectivamente.

A terça-feira possui como característica a presença de Casagrande, que integra o quadro “Fala, Casão”. O formato traz perguntas do público, gravadas nas ruas, para que o comentarista possa responde-la. Percebemos que as questões selecionadas eram relacionadas às pautas do programa.

A agressão sofrida por jogadores da Ponte Preta também repercutiu no Globo Esporte, na matéria e nos comentários (2 e 3, respectivamente, conforme tabela abaixo). Além disso, o Brasileirão da série C ganhou espaço por meio do jogo entre São Bento e Confiança, do acesso à série B do clube de Sorocaba e comemoração dos jogadores.

A pauta sobre o Corinthians teve o jogador Clayson como personagem. O entrevistado foi autor de um gol contra o São Paulo no clássico ocorrido no final de semana. O confronto também foi tema da matéria sob perspectiva do tricolor paulista, que abordou: o desempenho da equipe no clássico (comparação com outros jogos) e possibilidade de escapar da zona de rebaixamento. Outro tópico da edição foi as polêmicas de arbitragem no jogo entre Sport e Vasco.

¹⁰ A edição do dia 26/9/2017 do Globo Esporte foi assistida na íntegra por meio da plataforma Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6175089/programa/>>. Acesso em: 9 de dezembro de 2017.

Na última parte do programa (comentários 5, de acordo com a tabela 8), o quadro de Casagrande tem continuidade: é exibida a pergunta de homem sobre quem seria o campeão da Copa do Brasil, Cruzeiro ou Flamengo; outro homem fala sobre polêmica envolvendo Trump e os esportistas americanos; um terceiro homem questiona o comentarista em uma referência a relação entre os jogadores Neymar e Cavani; nessa etapa, Ivan Moré conduziu as situações e Casagrande as comentou.

Tabela 8 – Programa 2

Conteúdo	Tempo	M ou H	Nome (s)
Matéria 1	3 min 10 s	H	Leo Bianchi
			Crédito de imagens: Edílson Caju
Abertura e comentários 1	1 min	H e H	Ivan Moré e Casagrande
Chamada 1	10 s	H	Ivan Moré
Entrada ao vivo 1	1 min 30 s	H	Renato Peters
Chamada 2	5 s	H	Ivan Moré
Entrada ao vivo 2	55 s	H	Renato Cury
Chamada 3	5 s	H e H	Ivan Moré e Casagrande
Vinheta do quadro “Fala, Casão”	5 s	H	Casagrande
Comentários 2 (no estúdio, conteúdo do quadro)	30 s	H	Casagrande
Chamada 4	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 2	2 min 10 s	H	Caio Maciel

			Créditos de imagens: Pedro Santana e Carlos Velardi
Comentários 3	45 s	H e H	Ivan Moré e Casagrande
Chamada 5	20 s	H	Ivan Moré
Matéria 3	1 min	H	Narração: Ivan Moré
			Créditos de imagens: Marcos Pinguim e Gabriel Torres
Passagem de bloco 1	10 s	H	Ivan Moré
VT	5 s	H	Vanderlei Luxemburgo (técnico do Sport)
Chamada 6	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 4	1 min 40 s	H	Felipe Diniz
			Créditos de imagem: Felipe Silveira
Comentários 4 (conteúdo do quadro "Fala, Casão")	1 min 20 s	H e H	Ivan Moré e Casagrande
Chamada 7	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 5	2 min	H	Andrei Kampff
Chamada 8	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 6	1 min 40 s	H	Narração: Ivan Moré
Passagem de bloco 2	10 s	H e H	Ivan Moré e Casagrande

Comentários (conteúdo do quadro “Fala, Casão”)	5	3 min	H e H	Ivan Moré e Casagrande
--	---	-------	-------	------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Por meio da computação de dados feita na tabela 8, nota-se que, mais uma vez, o Globo Esporte foi composto inteiramente por homens – desde a apresentação fixa de Ivan Moré, os comentários de Casagrande, as reportagens, as entradas ao vivo e até mesmo os entrevistados. Não foi encontrado nenhum nome feminino, nem em créditos de produção ou edição nas matérias, e nem ao final do programa, oportunidade em que apenas o nome de Renato Ribeiro Silva, o diretor responsável do Globo Esporte, foi exibido.

6.2.3. Globo Esporte São Paulo: 27 de setembro, quarta-feira¹¹

Logo depois da abertura da quarta-feira, feita brevemente por Ivan Moré, o repórter Andrei Kampff faz uma entrada ao vivo direto do centro de treinamentos do Corinthians, trazendo a notícia da lesão de Jô e novidades vistas no treino do clube. A confusão envolvendo a Ponte Preta volta a aparecer: após o ocorrido no desembarque que se seguiu à derrota para a Chapecoense, entrevista do presidente do clube e do técnico Eduardo Batista.

A matéria do repórter Guilherme Pereira repercutiu a entrevista coletiva do técnico do São Paulo, Dorival Júnior, e a situação do clube no Campeonato Brasileiro. Notícias de Palmeiras e Santos também tiveram espaço, envolvendo expectativas e preparações de ambos para o confronto. A categoria que chamamos de nota coberta (1, conforme tabela 9) se refere ao momento em que lances passaram no telão enquanto Ivan Moré, no estúdio, passava as informações e fazia comentários pontuais sobre a falta de fair-play do brasileiro Madson, no Qatar. A informação 1 (de acordo com tabela abaixo) foi sobre basquete, e teve apenas a imagem de jogadores ao fundo enquanto Ivan Moré falava no estúdio.

¹¹ A edição do dia 27/9/2017 do Globo Esporte foi assistida na íntegra por meio da plataforma Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6177957/programa/>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

A matéria que antecipou o confronto que ocorreria naquele dia, entre Cruzeiro e Flamengo na final da Copa do Brasil, trouxe a história de ambos os clubes no campeonato e expectativas para o jogo; foi dado destaque para os craques dos times e o comentarista Juninho Pernambucano compôs a reportagem ao analisar questões técnicas.

O futebol internacional foi abordado na edição: insultos racistas a jogadores adversários por parte torcida do Spartak de Moscou, da Rússia; vitória do Real Madrid sobre o Borussia Dortmund e sucesso de Cristiano Ronaldo; vitória do Manchester City sobre o Shakhtar Donetsk. Matéria (8, conforme tabela 9) e nova entrada ao vivo falaram sobre o Corinthians – presença do atacante Diego Tardelli no CT do clube, aniversário do técnico Fábio Carille e preparação para o jogo contra o Cruzeiro, além de trechos da entrevista coletiva de Cássio. A participação de Andrei Kampff serviu para negar a transferência de Tardelli ao clube de Itaquera.

Tabela 9 – Programa 3

Conteúdo	Tempo	M ou H	Nome (s)
Abertura e chamada 1	20 s	H	Ivan Moré
Entrada ao vivo 1	1 min	H	Andrei Kampff
Chamada 2	15 s	H	Ivan Moré
Matéria 1	1 min 30 s	H	Caio Maciel
Comentários 1	15 s	H	Ivan Moré
Chamada 3	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 2	2 min 40 s	H	Guilherme Pereira
			Crédito de imagens: Diogo Cortes e Felipe Silveira
Chamada 4	5 s	H	Ivan Moré

Matéria 3	2 min 30 s	H	Renato Peter
			Créditos de imagem: Rafael Carneiro
Chamada 5	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 4	2 min	H	Renato Cury
			Créditos de imagem: Moisés Lopes
Nota coberta 1 e informação 1	1 min 15 s	H	Ivan Moré
Passagem de bloco	20 s	H	Ivan Moré
Chamada 6	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 5	2 min 50 s	H	Narração: Tino Marcos
Chamada 7	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 6	1 min 50 s	H	Richard Souza
Chamada 8	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 7	2 min 10 s	H	Narração: Ivan Moré
Chamada 9	20 s	H	Ivan Moré
Matéria 8	2 min 25 s	H	Marco Aurélio Souza
			Crédito de imagens: Fernando Ferro
Chamada 10	10 s	H	Ivan Moré
Entrada ao vivo 2	30 s	H	Andrei Kampff

Encerramento	25 s	H	Ivan Moré
--------------	------	---	-----------

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O terceiro programa analisado segue a tendência dos dois anteriores: é 100% feito por homens. A participação feminina é inexistente no Globo Esporte, refutando a crescente atuação de mulheres apontada nas entrevistas.

6.2.4. Globo Esporte São Paulo: 28 de setembro, quinta-feira¹²

Após a breve abertura feita por Ivan Moré, foi exibida uma entrevista exclusiva com o jogador do São Paulo, Lucas Pratto. Logo após, uma matéria sobre o Palmeiras traz a preparação do time para jogar contra o Santos e chances de título do clube, com falas da coletiva de imprensa do jogador Moisés. Do outro lado, a entrada ao vivo feita no centro de treinamento do Santos contou com a participação do jogador Zeca.

Em uma chamada (4, conforme tabela 10), notamos que Ivan Moré usou o termo “meu amigo” para se referir ao telespectador, reduzindo a audiência a um substantivo masculino – o que Barco (2017, informação escrita), afirmou ser uma atitude que não podia mais acontecer. “Hoje não dá para falar ‘aí você, amigo, em casa’, porque a gente sabe que quase metade desse público é de migas” (BARCO, 2017, informação escrita).

A matéria que se seguiu trouxe a final da Copa do Brasil entre Cruzeiro e Flamengo: o jogo, os pênaltis, as reclamações sobre arbitragem, os destaques individuais e o título do time mineiro.

A situação do Corinthians foi feita pelo repórter Andrei Kampff, em uma reportagem baseada em uma análise dos últimos confrontos por meio de números e da leitura da atuação de jogadores; a matéria também trouxe novidades dos treinos.

A informação 1 (conforma tabela 10) se refere ao momento em que Ivan Moré dá a notícia que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) decidiu adotar o árbitro de vídeo no Brasileirão, mas aguardava por equipamentos. Tal informação serviu como gancho para a matéria de futebol internacional, já que o

¹² A edição do dia 28/9/2017 do Globo Esporte foi assistida na íntegra por meio da plataforma Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6180654/programa/>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2017.

recurso foi utilizado na partida do time do jogador Kaká, nos Estados Unidos. O material seguinte exibiu o resultado positivo do Orlando City, time do brasileiro Kaká, que aplicou a maior goleada da história ao vencer o New England por 6 a 1. Quando o jogo estava 0 a 0, um jogador do New England foi expulso após o árbitro da partida acionar o recurso do vídeo – daí a relação com a notícia anterior. Os gols da rodada da Liga dos Campeões da Europa também ganharam foco, assim como a partida entre Paris Saint Germain (PSG) e Bayern de Munique (exibida na matéria 7 conforme tabela 10). O confronto teve atenção especial por conta da polêmica entre os companheiros de clube Neymar e Cavani – o que já havia sido pauta no Globo Esporte.

Tabela 10 – Programa 4

Conteúdo	Tempo	M ou H	Nomes (s)
Abertura	5 s	H	Ivan Moré
Chamada 1	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 1	3 min 55 s	H	Guilherme Pereira
			Crédito de imagem: Diogo Camargo
			Crédito de produção: Julyana Travaglia
Chamada 2	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 2	2 min	H	Leo Bianchi
			Crédito de imagem Rafael Carneiro
Chamada 3	10 s	H	Ivan Moré
Entrada ao vivo 1 (entrevista)	50 s	H	Renato Cury

Pé e chamada 4	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 3	2 min 50 s	H	Narração: Ivan Moré
Passagem de bloco	5 s	H	Ivan Moré
Chamada 5	15 s	H	Ivan Moré
Matéria 4	2 min	H	Andrei Kampff
			Crédito de imagens: Emanuel da Ros
Informação 1	20 s	H	Ivan Moré
Chamada 6	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 5	1 min 30 s	H	André Gallindo
			Créditos de produção: Lívia Faria
			Crédito de imagens: Edu Bernardes
Chamada 7	5 s	H	Ivan Moré
Matéria 6	2 min 10 s	H	Narração: Ivan Moré
Passagem de bloco	10 s	H	Ivan Moré
Chamada 8	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 7	4 min 15 s	H	Regis Rösing
Pé	10 s	H	Ivan Moré
Encerramento	30 s	H	Ivan Moré

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Da mesma forma que aconteceu nos dias anteriores, todas as matérias foram assinadas por repórteres homens. No entanto, pela primeira vez, notamos dois nomes femininos: Julyana Travaglia e Lívia Faria. Ambas aparecem nos créditos de produção; a primeira na entrevista com o jogador Lucas Pratto do São Paulo e a segunda na reportagem sobre o Orlando City, time de Kaká. Assim, podemos concluir que existir a presença feminina, ela acontece de forma minoritária – e longe das câmeras ou microfones.

6.2.5. Globo Esporte São Paulo: 29 de setembro, sexta-feira¹³

No último dia analisado do programa da Globo, Ivan Moré abre o programa e logo chama a matéria sobre o Palmeiras, cujo foco era o confronto do dia seguinte contra o Santos. A matéria de Mauro Naves apresenta um encaminhamento diferente, contando com a participação da nova dupla de zaga titular alviverde. Luan e Juninho têm duas atuações avaliadas e ambos respondem a questões feitas pelo repórter. Em sequência, a matéria sobre o Santos entrou em cena. O repórter Renato Cury deu destaque para o jogador Lucas Veríssimo, também zagueiro – segundo a tendência do material sobre o rival do time da baixada. Palavras do jogador e de companheiros de clube compuseram a narrativa. O pé da matéria, feito por Ivan Moré, foi uma informação adicional: o possível desfalque do Santos para o clássico, o volante Renato.

Escapando da tendência futebolística, a matéria de Anselmo Caparica foi sobre Stock Car. Houve a explicação da votação popular do botão de ultrapassagem. Um dos destaques foi Bia Figueiredo, ressaltando que a atleta também usava seu charme para conseguir ser votada. Assim, a Fórmula 1 também foi retratada, com cobertura do treino para o Grande Prêmio da Malásia. Diferente do Jogo Aberto, o Globo Esporte tem como pautas – apesar de serem minoria – modalidades diferentes do futebol.

A lesão do atacante Jô, a substituição do jogador por Kazim (juntamente a apresentação de seus números) e o treino do Corinthians foram temas da reportagem de Edgard Alencar. Já o repórter Leo Bianchi trouxe a matéria do

¹³ A edição do dia 29/9/2017 do Globo Esporte foi assistida na íntegra por meio da plataforma Globo Play. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6183376/programa/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2017.

São Paulo: próximos confrontos do clube, presença da torcida no estádio, além do treino e possível time que iria enfrentar o Sport na rodada seguinte.

O futebol internacional trouxe uma pauta diferente: a polêmica levantada pela convocação do zagueiro Piqué para a seleção espanhola. A matéria explorou o fato de que o jogador catalão se posiciona favoravelmente na questão da independência da Catalunha da Espanha, em um material que relacionou o esporte a assuntos políticos – assim como aconteceu no dia 25/9, no tópico ligado ao presidente Donald Trump.

Na sexta-feira foi exibido o quadro “Geração Z”, que apresenta novos talentos do esporte. Assim, o personagem da edição foi Isabella Marques Montaldi, uma menina de 12 anos que é campeã brasileira de judô sub-13. A reportagem de Edgard Alencar acompanhou sua rotina, mostrou a dedicação da garota, as preocupações e opiniões dos pais sobre a carreira da menina.

Tabela 11 – Programa 5

Conteúdo	Tempo	M ou H	Nome
Abertura	5 s	H	Ivan Moré
Chamada 1	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 1	2 min 50 s	H	Mauro Naves
Chamada 2	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 2	1 min 45 s	H	Renato Cury
Pé	15 s	H	Ivan Moré
Chamada 3	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 3	1 min 40 s	H	Anselmo Caparica
Passagem de bloco 1	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 4	1 min	H	Narração: Alex Escobar
Chamada 4	10 s	H	Ivan Moré

Matéria 5	2 min 55 s	H	Edgar Alencar
Chamada 5	30 s	H	Ivan Moré
Matéria 6	2 min 10 s	H	Narração: Leo Bianchi
Chamada 6	15 s	H	Ivan Moré
Matéria 7	2 min 5 s	H	Narração: Tino Marcos
Passagem de bloco 2	15 s	H	Ivan Moré
Chamada 7	10 s	H	Ivan Moré
Matéria 8	5 min 55 s	H	Egdar Alencar
			Auxílio técnico: Luis Fernando Finoti
			Arte: Daniela Anselmo e Vinicius Reis
			Crédito de imagens: Fernando Ferro
			Edição: Guilherme Fuoco e Pedro Tattoo
Encerramento	20 s	H	Ivan Moré

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

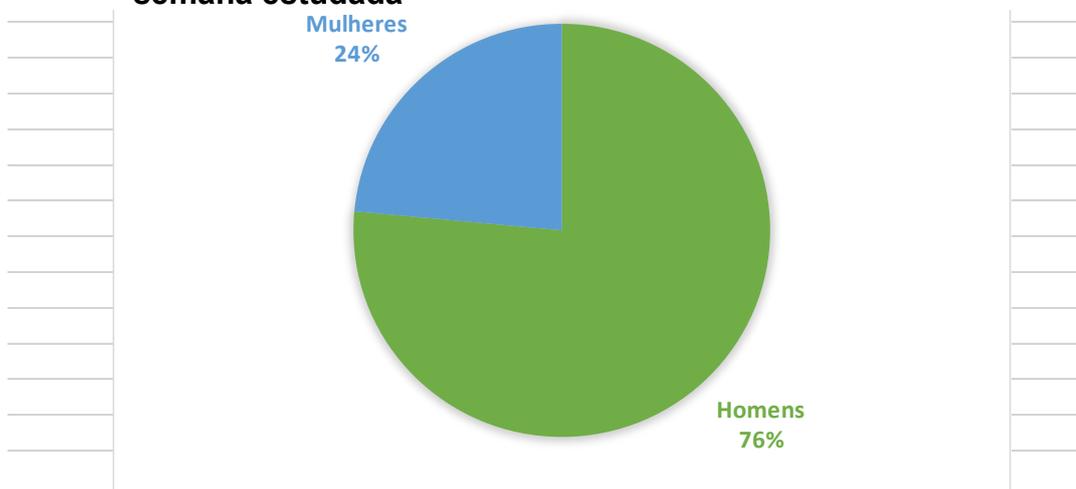
No último Globo Esporte selecionado para análise, constatamos que, durante toda a semana, não houve nenhuma representante feminina à frente das reportagens – nem na apresentação, uma vez que a posição é ocupada por Ivan Moré, nem nos comentários. No quadro “Geração Z”, o judô, um esporte olímpico de pouca participação em pautas de programas esportivos diários, a personagem é uma garota e nem nesse caso uma repórter mulher foi designada para a condução da reportagem especial. O único nome feminino presente está relacionado aos créditos de arte. Daniela Anselmo aparece ao lado de outro homem, Vinicius Reis.

6.3. Síntese da visão de gênero dos programas

Conforme avaliamos por meio das tabelas, a presença feminina se mantém no Jogo Aberto por meio da figura de Renata Fan. Já nas reportagens, a participação das mulheres nem sempre ocorre, uma vez que foram dois dias sem que uma repórter assinasse uma matéria. Já no Globo Esporte, em cinco dias, nenhuma mulher, seja jornalista ou comentarista, apareceu diante das câmeras ou dos microfones. A presença feminina foi computada apenas três vezes, duas em créditos de produção e uma em créditos de arte.

Contando que as posições de apresentador, apresentadora e comentaristas se mostraram fixas nos programas, as reportagens são um campo de mudanças. Sendo assim, computamos um número geral por programa e depois englobando as duas atrações para percebermos como esses materiais se relacionam a presença feminina – contando apenas o nome dos repórteres, que são os encarregados pelas matérias. Vale ressaltar que não foram consideradas as matérias reexibidas, mas foram computadas as entradas ao vivo, prática comum nos dois programas.

Gráfico 1 – Mulheres e homens nas reportagens do Jogo Aberto na semana estudada

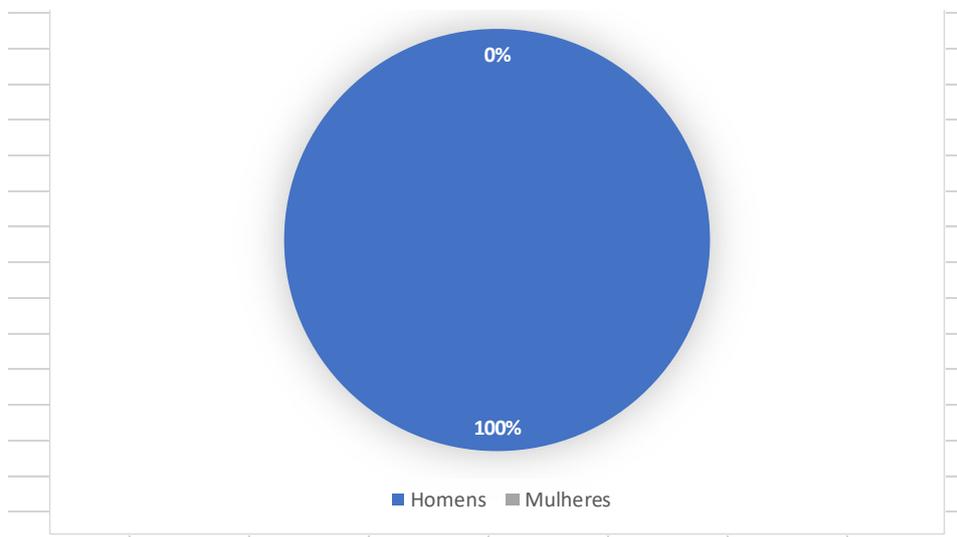


Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

No Jogo Aberto da semana analisada, foram exibidas 34 matérias, das quais 26 foram conduzidas por repórteres homens e 8 por repórteres mulheres.

Em números percentuais, conforme o gráfico 1, são 24% de material de jornalistas mulheres comparados a 76% de conteúdos assinados por homens.

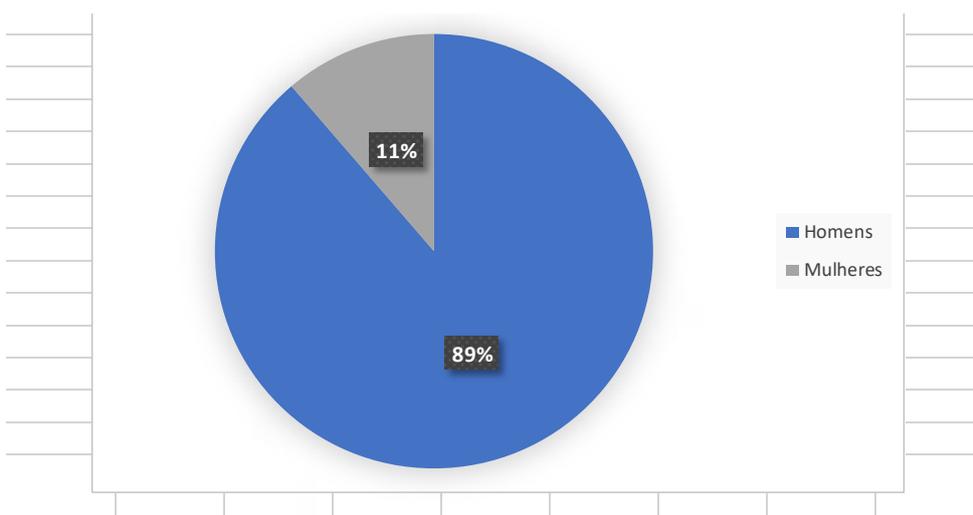
Gráfico 2 – Mulheres e homens nas reportagens do Globo Esporte na semana estudada



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

No Globo Esporte, foram 37 reportagens – incluindo entradas ao vivo – e 100% dos materiais foi masculino.

Gráfico 3 – Total de participação em 10 programas (5 Jogo Aberto; 5 Globo Esporte)



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Em 71 matérias no total entre os dois programas, em cinco edições de cada um, foram 63 reportagens de homens e 8 de mulheres (todas elas no Jogo

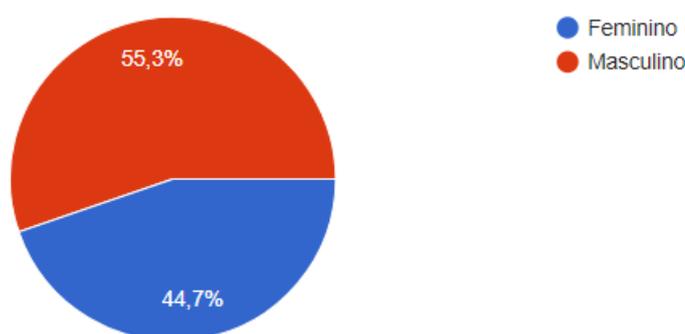
Aberto). Sendo assim, com base no gráfico 6, podemos ver que são 89% de materiais masculinos contra 11% femininos.

7. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

No presente capítulo, serão apresentados e analisados dados do questionário digital que produzimos e divulgamos por meio das redes sociais. A pesquisa teve como objetivo entender a visão do público de programas esportivos sobre a atuação das jornalistas mulheres. Para isso, desenvolvemos perguntas: de múltipla escolha, na qual apenas uma opção poderia ser selecionada; de múltipla seleção, em que mais de uma alternativa poderia ser assinalada; e que permitiam respostas dissertativas curtas, na qual as pessoas poderiam escrever suas opiniões. No total, foram 161 respostas a 13 perguntas. Tendo em vista o formato de cada questão, vale ressaltar que apenas aquelas que possuíam opções fechadas somam 100%.

A primeira pergunta demonstra o gênero das pessoas que responderam à pesquisa, sendo que 89 se consideram homens (55,3%) e 72 (44,7%) se consideram mulheres. Nas alternativas, também constava a opção “outros”, mas esta não foi assinalada. Dessa forma, os resultados demonstram que o número de homens que responderam ao questionário completo é 23,7% maior do que o de mulheres.

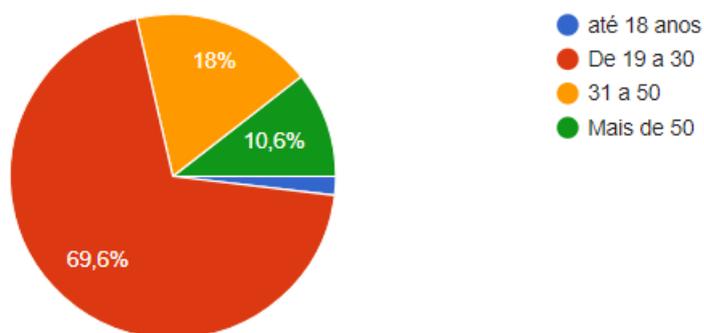
Gráfico 4 – Respostas para a pergunta “qual é o seu gênero?”



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Para conhecer o tipo de público atingido pela pesquisa, também questionamos a faixa etária a qual pertenciam os voluntários. Sendo assim, as respostas foram fornecidas por pessoas até 18 anos e com mais de 50 anos, mas a maioria (69,6%) possui entre 19 e 30 anos, conforme o gráfico abaixo.

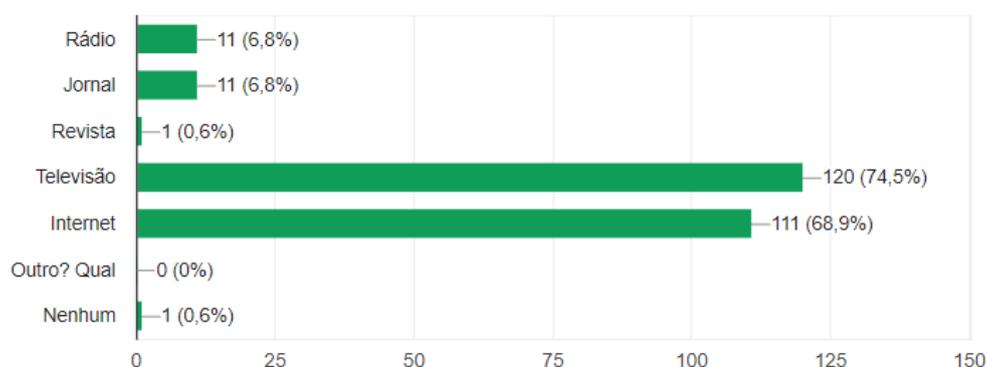
Gráfico 5 – Informações sobre faixa etária



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Com o objetivo de nos certificarmos de que o público da pesquisa condizia com o objeto da pesquisa, que é a televisão, questionamos os indivíduos sobre o meio utilizado para consumir os conteúdos do jornalismo esportivo. Assim, encontramos dados que reforçam a importância da televisão para essa área jornalística, uma vez que 74,5% selecionou tal opção. Nessa etapa, era possível optar por mais de uma categoria. Foram elencados: rádio, jornal, revista, televisão e internet, com a possibilidade de assinalar outro ou nenhum deles. Logo depois da televisão, percebemos que internet vem ganhando espaço entre os costumes de consumo do público (68,9%), e o meio em que o esporte, assim como diversas outras áreas do jornalismo, foi inaugurado, o jornal foi lembrado por apenas 6,8% das pessoas. Já o rádio, que teve grande contribuição para a ascensão do jornalismo esportivo, acumulou o mesmo número do jornal (6,8%), demonstrando que a televisão, apesar de não ser o veículo mais atual da sociedade, ainda possui grande participação na casa dos brasileiros.

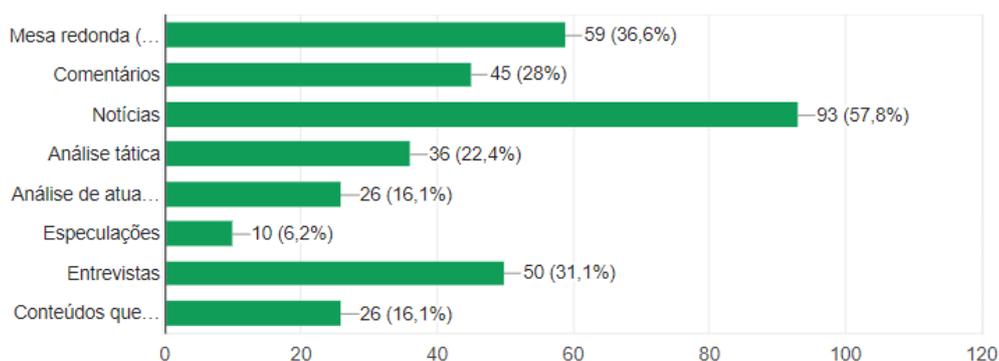
Gráfico 6 – Veículos de comunicação que o público mais utiliza para consumir o jornalismo esportivo



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Para entender o consumo quanto às modalidades de conteúdo, questionamos sobre formatos, com a viabilidade de que mais de uma categoria fosse escolhida. Foram disponibilizadas as seguintes opções: mesa redonda (discussão), formato no qual existem pessoas avaliando diversos temas; comentários, que são referentes a quando um assunto é apresentado e existe a emissão de opinião sobre o mesmo; notícias; análise tática, ou seja, posicionamentos, estratégias de jogo e etc; análise de atuação dos atletas, que ocorre quando os integrantes de uma atração utilizam recursos para avaliar o desempenho dos atletas; especulações, o equivalente a notícias ou análises sobre possíveis transferências de clubes, convocações, resultados de jogos e quaisquer questões ainda não definidas; entrevistas e conteúdos que remetem à memória, que nada mais são do que materiais sobre acontecimentos passados.

Gráfico 7 – Resultados sobre quais formatos e conteúdos preferidos

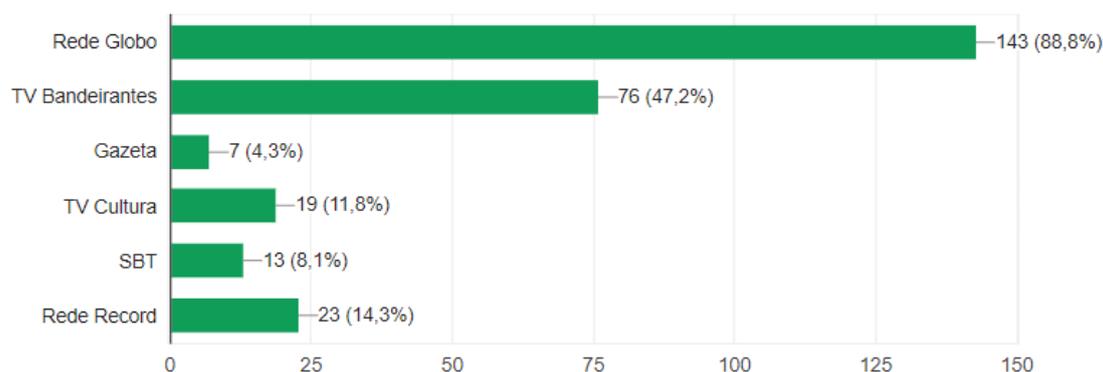


Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Percebemos que o conteúdo favorito do público é as notícias (57,8%), função primordial do exercício jornalístico que podemos encontrar tanto no Jogo Aberto quanto no Globo Esporte São Paulo, os nossos objetos de estudo. Logo em seguida, está a mesa redonda, ou seja, as discussões, os programas que possuem comentaristas que discutem os temas entre si, como é o caso da segunda parte do Jogo Aberto.

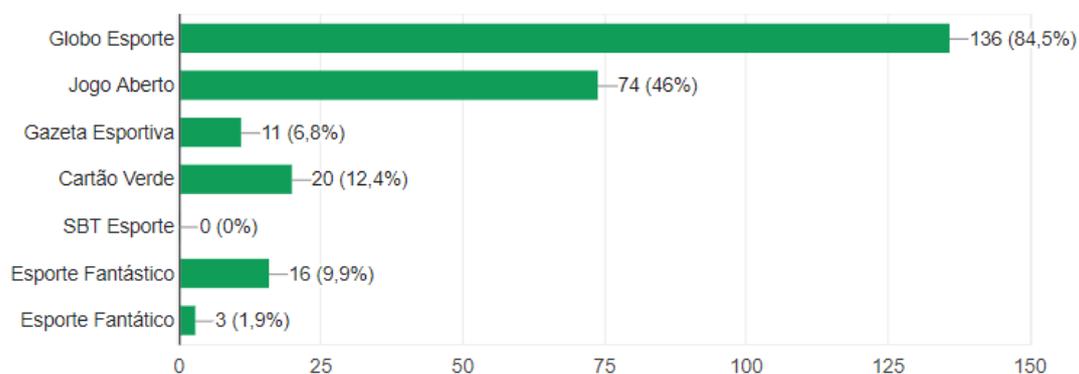
Sendo assim, visando entender se o público participante do questionário também é telespectador das emissoras e das atrações analisadas no presente trabalho, colocamos opções de televisão aberta como opções de múltipla seleção. Destacamos cinco opções disponíveis na antena aberta para o estado de São Paulo e ressaltamos um programa de cada emissora.

Gráfico 8 – Pergunta: “Na televisão aberta, qual ou quais emissora(s) você assiste?”



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Gráfico 9 – Pergunta: “Dos programas relacionados abaixo, qual ou quais você costuma assistir?”



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Diante de tais dados, constatamos que a Rede Globo, com 88,8%, e a TV Bandeirantes, com 47,2%, são as emissoras mais assistidas pelo público. Nesse mesmo sentido, o Globo Esporte é o líder de votos, com 84,5%. Podemos perceber, então, que aproximadamente 95% das pessoas que assistem à Globo optam por ver o Globo Esporte. Assim como acontece com a Band, uma vez que 97,3% dos que assistem a emissora também são público do Jogo Aberto. Tais números demonstram a importância das atrações para a audiência do segmento esportivo nas empresas as quais pertencem, destacando a validade de serem pautados como objetos de estudo.

Assim, para adentrarmos as questões de gêneros, fizemos uma pergunta mais abrangente: na televisão aberta, quais jornalistas ou personalidades você admira ou reconhece como um/uma bom/boa profissional (no contexto esportivo)? Esse questionamento teve como objetivo conhecer os nomes, sejam de homens ou mulheres, de profissionais que a audiência do esporte considera como bons ou admira pessoalmente.

Tabela 12 – Jornalistas ou outros profissionais da área do jornalismo esportivo que o público admira ou reconhece como um/uma bom/boa profissional

MASCULINO	Quantidade	Percentual (%)	FEMININO	Quantidade	Percentual (%)
Caio Ribeiro	22	8,12%	Fernanda Gentil	29	10,70%
Denílson	12	4,43%	Renata Fan	27	9,96%
Ivan Moré	9	3,32%	Glenda Kozlowski	5	1,85%
Mauro Naves	8	2,95%	Juliana Sana	1	0,37%
Abel Neto	6	2,21%	Camila Silva	1	0,37%
Galvão Bueno	6	2,21%	Carol Barcellos	1	0,37%
Milton Leite	6	2,21%	Clara Albuquerque	1	0,37%
Felipe Andreoli	5	1,85%	Cristiane Dias	1	0,37%
Neto	5	1,85%	Michele Gianella	1	0,37%
Cléber Machado	4	1,48%	Monique Danello	1	0,37%
Tino Marcos	4	1,48%	Total Geral	68	25,09%
Andrei Kampff	3	1,11%			
Casagrande	3	1,11%			
Celso Unzelte	3	1,11%			
Flávio Canto	3	1,11%			
Juninho Pernambucano	3	1,11%			
Cássio Barco	2	0,74%			
Celso Cardoso	2	0,74%			
Mauro Beting	2	0,74%			
Reginaldo Leme	2	0,74%			
Régis Rösing	2	0,74%			
Alex Escobar	1	0,37%			
Alexandre Silvestre	1	0,37%			
Arnaldo Cesar Coelho	1	0,37%			
Bruno Vicari	1	0,37%			
Chico Garcia	1	0,37%			
Clayton Conservani	1	0,37%			
Fernando Fernandes	1	0,37%			
Flávio Prado	1	0,37%			
Luciano Burti	1	0,37%			
Luis Carlos Junior	1	0,37%			
Luis Roberto	1	0,37%			
Marcos Uchôa	1	0,37%			
Milton Neves	1	0,37%			
Nivaldo De Cillo	1	0,37%			
Nivaldo Prieto	1	0,37%			
Rivellino	1	0,37%			
Tadeu Schmidt	1	0,37%			
Téo José	1	0,37%			
Total Geral	130	47,97%			

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Além dos nomes apresentados, existiram respostas enquadradas nas categorias “não soube opinar” e “inválidas”. A primeira se refere a participantes que apresentaram opiniões como “nenhum específico” e a segunda engloba

respostas envolvendo profissionais da televisão fechada, jornalistas que não trabalham atualmente na televisão ou que não são da área do esporte, como o citado 12 vezes Tiago Leifert, jornalista que esteve à frente do Globo Esporte São Paulo de 2009 a 2015, mas, atualmente, apresenta um programa de entretenimento na Rede Globo.

Tabela 13 – Respostas não condizentes com a pesquisa

Não condizentes	Quantidade	Percentual (%)
Respostas inválidas	43	15,87%
Não soube opinar	30	11,07%
Total Geral	73	26,94%

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

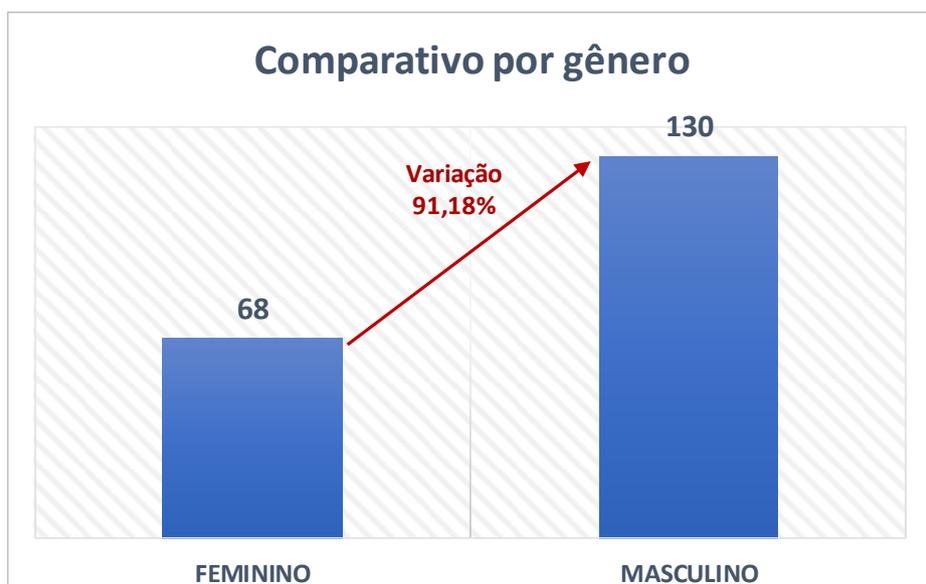
Fernanda Gentil, a líder conforme a tabela 1, é apresentadora do Esporte Espetacular desde 2016, exibido pela Rede Globo aos domingos, ao lado de Felipe Andreoli, mencionado cinco vezes. E Renata Fan, a apresentadora do Jogo Aberto, vem logo em seguida de Fernanda. Na liderança dos homens, está Caio Ribeiro, o ex-jogador que, além de ser comentarista do Globo Esporte São Paulo, também participa da transmissão ao vivo dos jogos de futebol da emissora. Em segundo lugar, Denílson, outro ex-jogador, é comentarista do Jogo Aberto da Band.

Assim, podemos perceber que os mais mencionados são pessoas de destaque dentro dos programas, que estão sempre presentes diante das câmeras. Assim como os demais, que são apresentadores e apresentadoras, repórteres e comentaristas, confirmando o fato que, na memória do público, estão aqueles que aparecem em suas telas.

Tendo em vista os dados, também é nítida a maior quantidade de homens do que de mulheres, apesar das duas primeiras posições em citação serem de mulheres. Isso significa os homens são 91,18% mais lembrados pelas pessoas em comparação com as mulheres. Além disso, a variedade de nomes femininos e masculinos também é menor: foram 39 homens e 10 mulheres.

Tabela 14 e gráfico 10 – Comparativo por gêneros (feminino x masculino)

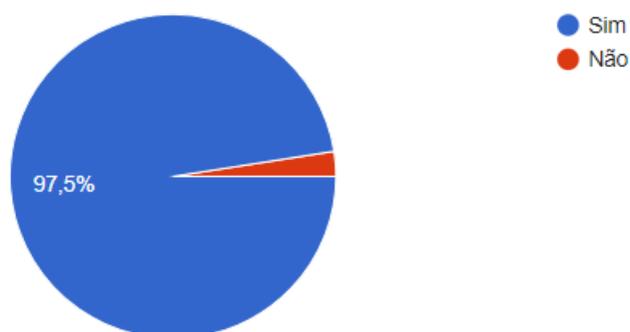
GÊNERO	Quantidade	Percentual (%)
FEMININO	68	33,84%
MASCULINO	130	66,16%
Total Geral	198	100,00%



Fonte: Elaborados pela autora, 2017.

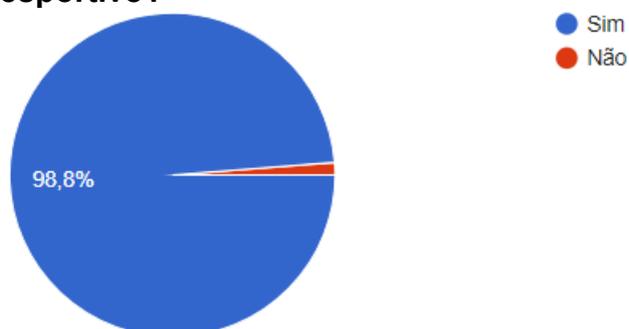
Para verificar a opinião dos telespectadores sobre a ocupação de espaço por mulheres, perguntamos, com as opções “sim” ou “não”, se achavam positivo uma mulher como apresentadora, repórter e comentarista de um programa esportivo. Com isso, buscamos verificar se a percepção dos telespectadores é a mesma das emissoras, que não possuem ou possuem poucas mulheres nesses postos. Além disso, ao propormos o termo “programa esportivo” não restringimos a cobertura de modalidades masculinas ou femininas, ou seja, seria um espaço no qual a mulher poderia atuar em todos os setores.

Gráfico 11 – Você considera positivo uma mulher como apresentadora de um programa esportivo?



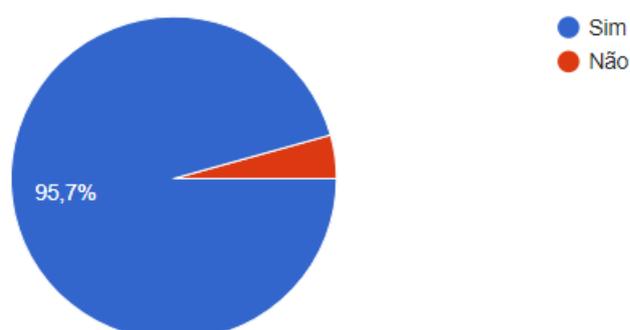
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Gráfico 12 - Você considera positivo uma mulher como repórter de um programa esportivo?



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Gráfico 13 – Você considera positivo uma mulher como comentarista de um programa esportivo?



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

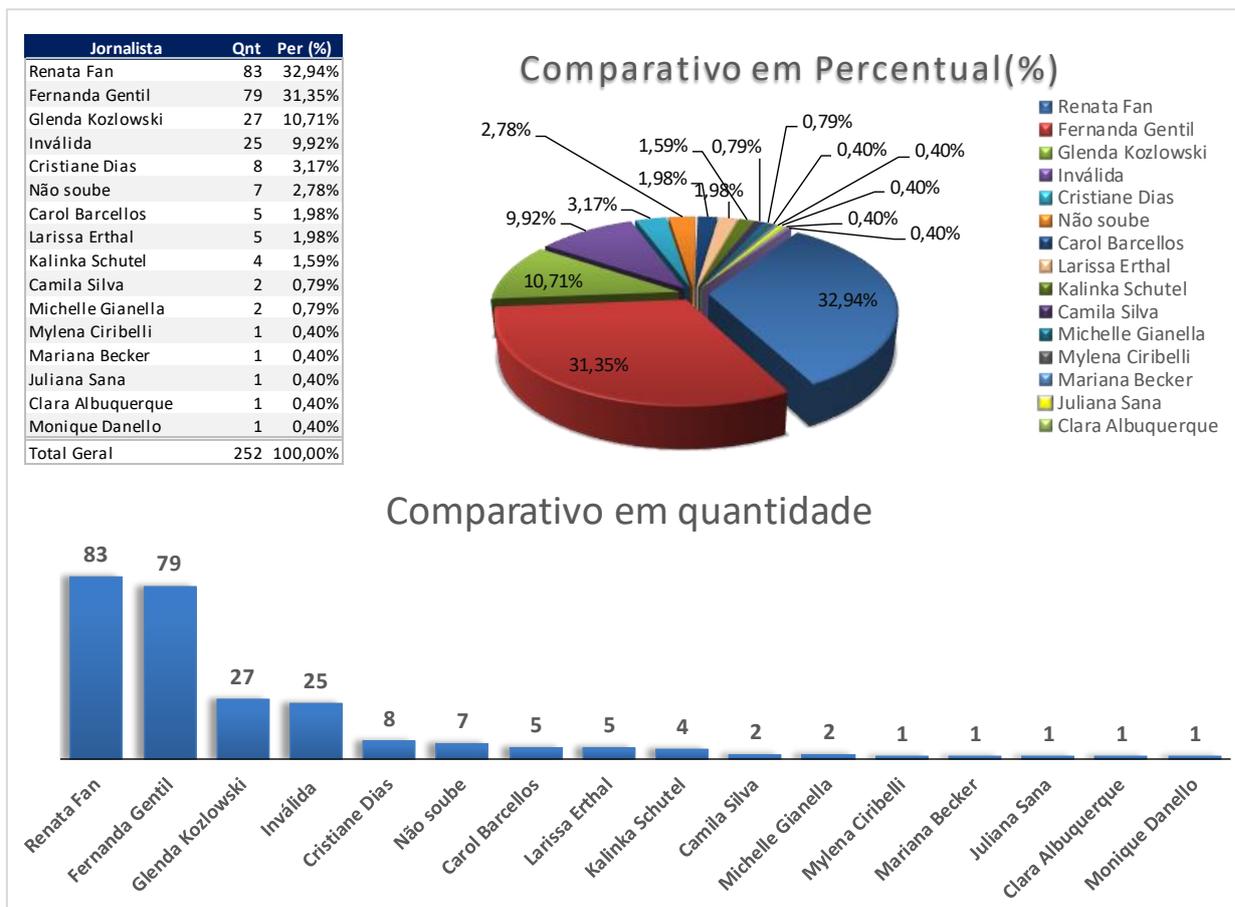
Por meio dos resultados, verificamos que a maioria dos voluntários que responderam ao questionário consideram positivo mulheres trabalhando em tais cargos: 97,5% aprovam a ocupação da posição de apresentadora, e apenas

quatro pessoas (2,5%) não concordam com tal situação; 98,8% optaram pelo sim para uma mulher no cargo de repórter, e dois voluntários (1,2%) não consideraram positivo; 95,7% julgam como algo assertivo uma figura feminina como comentarista, e o maior índice de rejeição, sete resultados (4,3%), não acreditam ser uma decisão benéfica.

Assim como acontece na realidade, uma vez que no Jogo Aberto e no Globo Esporte não existem mulheres nas funções de comentaristas, apesar da atuação de Renata Fan (a apresentadora), os comentários são a área em que as figuras femininas encontram respostas negativas e maiores dificuldades.

Por isso, para verificar se o público reconhece as mulheres que estão trabalhando na área, pedimos, em uma resposta dissertativa, que os voluntários citassem as figuras femininas na televisão aberta. Nesse caso, não era necessário admirar ou considerar uma boa profissional, uma vez que esse foi o caso da pergunta sete – ou seja, aquelas que são admiradas pelo seu trabalho já foram citadas. Sendo assim, o objetivo foi checar se as pessoas percebem essas mulheres e conseguem citá-las por seus nomes e atuações.

Tabela 15 e gráficos 14 (comparativo percentual) e 15 (comparativo em quantidade) – Enunciado: “Cite alguma (s) jornalista (s) mulher (es) que atue ou atuem na televisão aberta na área de esporte”



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Com base nos dados oferecidos, percebemos que Renata Fan foi citada por 83 pessoas (32,94%). Em seguida, está Fernanda Gentil, com 79 menções (31,35%). Glenda Kozlowski, a terceira colocada, com 27 indicações (10,71%) foi substituída no cargo de apresentadora por Gentil no Esporte Espetacular, da Rede Globo. Nos Jogos Olímpicos de 2016, Glenda foi a primeira mulher a fazer parte do time de locutores esportivos da emissora.

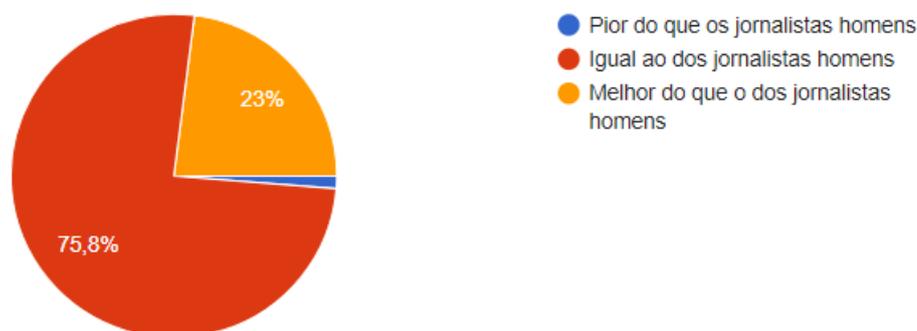
A categoria “inválida” diz respeito a respostas que não atenderam os propósitos da pesquisa, como jornalistas que trabalham na televisão fechada, caso de Fabíola Andrade (citada três vezes), ou que não atuam mais na área do esporte, como Paloma Tocci, da Band, mencionada quatro vezes. Já o “não soube” abrange colocações como “a loira do Globo Esporte” ou “não sei citar nomes”. Sendo assim, sete pessoas (2,78%) não souberam os nomes de

mulheres que trabalham no jornalismo esportivo, e 25 (9,92%) não mencionaram nomes condizentes com a proposta.

Dessa forma, notamos que, entre todas as emissoras da televisão aberta, o público soube citar apenas 14 nomes, sendo que cinco delas foram lembradas apenas uma vez – e, mais uma vez, todas elas aparecem na frente das câmeras, ou seja, o efeito da presença feminina nos bastidores não é sentido pelos telespectadores. Nessa citação, em que foram pedidos apenas nomes femininos, foram acrescentados, em quantidade, apenas 4 representantes em relação à tabela 11.

Diante das respostas, também buscamos averiguar as considerações dos voluntários sobre o desempenho das jornalistas mulheres se comparado ao dos homens, com possibilidade de assinalar as opções: pior, igual ou melhor.

Gráfico 16 – Comparação do desempenho das jornalistas citadas com o dos jornalistas que tradicionalmente fazem a cobertura esportiva.



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Para 75,8%, ou seja, a maioria, a atuação feminina é igual à dos homens. Além disso, 23% considera melhor. Tais informações, aliadas a dos gráficos 8, 9 e 10, seriam importantes para as emissoras que acreditam que o público seria contrário à participação feminina nos programas esportivos, uma vez que apenas 1,2% considera o trabalho das profissionais pior do que o dos homens.

Assim, após a finalização da análise do questionário – e de todo o decorrer do trabalho – passaremos às considerações finais para uma análise geral e posterior a todos os dados e investigações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo esportivo surgiu no Brasil na década de 1850, e, um século depois, o campo ainda era dominado por homens no país, com raras representantes femininas até, pelo menos, 1970. As raízes dessa questão estão intimamente ligadas à prática esportiva: como atletas, as mulheres também tiveram que lutar muito para conquistar seu espaço. Sendo assim, na cobertura jornalística esportiva, as negações e limitações tiveram que ser vencidas para que a atividade profissional fosse exercida por figuras femininas. No entanto, até os dias de hoje, as barreiras são notáveis.

Por esse motivo, o objetivo do presente trabalho foi verificar a presença da mulher nos programas esportivos da televisão aberta, tendo como foco o Jogo Aberto, da Band, e o Globo Esporte São Paulo, da TV Globo – duas atrações de grande relevância em um veículo tradicional para tal área do jornalismo. Além disso, também buscamos revelar quais são essas limitações e de que forma elas são percebidas pelo mercado de trabalho, além de trazer a opinião e percepção do público acerca do material produzido.

Nos capítulos 2 e 3, buscamos fazer uma revisão bibliográfica dos aspectos históricos que rondaram o jornalismo esportivo no mundo e no Brasil, visando entender como esse campo específico se desenvolveu e cresceu na sua relação com o rádio e com a televisão, tendo o futebol como fator preponderante em sua popularidade. Posteriormente, relacionamos o universo esportivo, desde o seu princípio, às questões de gênero, ou seja, à figura da mulher. Assim, pudemos concluir que as mulheres foram afastadas tanto da prática quanto da temática, e até mesmo “falsos” argumentos médicos foram usados para realizar tal desejo masculino. Dessa forma, quando o esporte se tornou pauta para a mídia, os homens também distanciaram as profissionais mulheres, uma vez que eram eles – e ainda são eles – que ocupam as posições de poder.

Feito esse panorama histórico sob a luz de teóricos que tratam do tema, no capítulo 5, buscamos a visão dos profissionais que formam os programas selecionados. Do Globo Esporte São Paulo, conversamos com: Carla Canteras, produtora do Departamento de Esportes da TV Globo de 2001 a 2010 e chefe de reportagem no Departamento de Esportes da TV Globo em São Paulo de 2010 a 2017 – a jornalista foi desligada da função dias após a entrevista; Cássio Barco, repórter da Rede Globo desde 2014, que atua como apresentador do

Globo Esporte São Paulo como substituto de Ivan Moré; Cida Santos, editora de texto do Globo Esporte São Paulo desde 2001 e Marco Aurélio Souza, repórter do Globo Esporte São Paulo que chegou em 2005 ao SporTV, canal fechado pertencente à Globo, mas já fazia matérias para a emissora e, em 2011, deixou as transmissões da tv por assinatura para atuar exclusivamente na Globo. No caso do Jogo Aberto, entrevistamos Charles Mills, diretor do programa desde 2014, e fomos até São Paulo, na sede da Bandeirantes, para assistir dos bastidores a um dia da atração e, ao final, conversar com Renata Fan, a primeira e única apresentadora do Jogo Aberto, desde fevereiro de 2007.

O conteúdo das entrevistas engloba opiniões de homens e mulheres que trabalham à frente das câmeras e nos bastidores, o que pôde oferecer diferentes perspectivas sobre o dia a dia no jornalismo esportivo das emissoras. Assim, ao compilarmos as falas dos seis entrevistados, percebemos temas em comum e analisamos, levando em conta autores importantes, como Pierre Bourdieu, os que se destacaram. Machismo, questões de estética, a relação entre a prática esportiva e o exercício jornalístico, além da leitura do presente baseada no passado foram tópicos abordados. Sobre o machismo, percebemos que o fenômeno existe, sim, e que ele é, muitas vezes, mascarado, por isso os homens que não o sofrem não o percebem e as mulheres preferem criar mecanismos de defesa para que esse tema não seja o foco de suas carreiras. O assunto beleza das jornalistas denuncia a forma como as mulheres estão cercadas de restrições por todos os lados: enquanto aquelas que se encaixam em padrões de beleza da sociedade são subestimadas e têm suas competências colocadas em dúvida – com muitas pessoas contestando suas posições, atribuindo-as, inclusive, a fatos que ultrapassam suas capacidades profissionais –, aquelas que não preenchem requisitos estéticos exigidos são deixadas de lado, “devido às exigências das câmeras”. Já para os homens, tais noções não são aplicadas, demonstrando a diferenciação baseada no gênero e mais uma barreira imposta à mulher e inexistente para o masculino.

Para os entrevistados, a posição atual da mulher é muito melhor com relação ao passado. E neste ponto detectamos uma problemática: em tempos mais antigos, as mulheres simplesmente não ocupavam espaço no jornalismo esportivo, então, qualquer participação seria positiva se relacionarmos ao

passado. Assim, sua atuação minoritária deve ser investigada e melhorada, e não um ponto de conformidade porque o cenário já foi pior.

Além disso, quando os entrevistados foram questionados sobre os motivos pelos quais as mulheres sofriam e sofrem pelo simples fato de serem mulheres, os profissionais demonstraram não entender as raízes históricas da dominação masculina e a importância de se discutir tais fatos para que tal cenário, de fato, possa ser transformado.

Em uma etapa posterior, apresentada no capítulo 6, analisamos cinco dias de cada programa, com tabelas para computar os dados de conteúdo e verificar de que forma a presença feminina se realiza nas atrações, levantamentos encontrados desde a tabela 1 até a tabela 10. Por meio desses dados foi possível concluir que o Jogo Aberto tem em Renata Fan uma figura importante e participativa, pioneira por ser a primeira mulher a comandar uma mesa-redonda e diferenciada por ser uma figura feminina que emite opiniões sobre esporte na televisão aberta – e, nesse aspecto, atua sempre ao lado de homens. Nas reportagens e na posição de comentaristas, a dominação ainda é masculina. Por meio dos dados levantados ao assistir os programas da semana selecionada e a montagem das tabelas, calculamos: foram exibidas 34 matérias ao todo, das quais 26 foram feitas por homens e 8 por mulheres. Já no Globo Esporte, as mulheres estão presentes apenas nos bastidores e, em questões de créditos, aparecem apenas em duas matérias (como produção e arte). Sendo assim, entre a apresentação, os comentários e as matérias (que foram 37), nenhuma mulher ocupou o espaço à frente das câmeras ou dos microfones.

Apesar do discurso de igualdade e de avanços, as análises de cada dia dos programas nos mostraram que as mulheres ainda são minoria e que o processo histórico de luta feminista que aconteceu até os dias de hoje não foi o suficiente para inserir a mulher nesse contexto, ainda permeado por ideais enraizados.

Por fim, no capítulo 6, apresentamos a resposta de um questionário com o público desses programas e percebemos que os nomes masculinos ainda são mais presentes nas citações da maioria, que também anunciou considerar igualitário o desempenho de homens e mulheres.

Sendo assim, percebemos que os efeitos da dominação masculina ainda estão presentes na sociedade atual e influenciando o trabalho de mulheres no

jornalismo esportivo, mostrando que será necessária muita luta além daquelas já travadas.

REFERÊNCIAS

- ANDÚJAR, Clara Sainz de Baranda. **Orígenes de la prensa diária deportiva: El Mundo Deportivo**. Artigo acadêmico. Universidad Carlos III de Madrid. Materiales para La Historia del Desporte, N° 11. Madrid, Espanha: 2013.
- BAGGIO, Luana Maia. **Representação da mulher no telejornalismo esportivo: a atuação da jornalista Renata Fan no programa Jogo Aberto da TV Bandeirantes**. Rio Grande do Sul, 2012.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica - História da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Ática, 1990
- BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARROS, Ciro. **Jornalismo Esportivo: nem mulheres nem fontes**. In: Apublica.org. Disponível em: < <http://apublica.org/2012/10/jornalismo-esportivo-nem-mulheres-nem-fontes/> >. Acesso em: 26 de novembro de 2017.
- BOLZAN, Laudia de Oliveira; OLIVEIRA, Carolina Santana de; MARQUES, Franciele. **Jogo de Damas: o jornalismo esportivo sem futebol**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – S. Cruz do Sul -RS: 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. **Mulheres no Jornalismo Esportivo: uma "visão além do alcance"?**. In: Movimento: revista da escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre: 2015.
- COAKLEY, Jay. **Sports in Society: Issues and Controversies**. New York: McGraw-Hill, 2007.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1 ed. São Paulo, SP: Contexto, 2003.
- CONTADOR, C.B; SILVA, L.H.Z; TODT, N.S. **Os Jogos Olímpicos sobre o olhar dos atletas brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho. Coletânea de Estudos Olímpicos, v.2, 2002.
- DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no Jornalismo Esportivo**. Rio de Janeiro, 2016.

Drumont, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo**. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 3, 1980. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108171>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2017.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2008.

FIRMINO, Carolina Bortoleto. **'Sou atleta, sou mulher': a representação feminina sob análise das modalidades mais noticiadas nas olimpíadas de Londres 2012**. 2014. 106 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. **Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia**. In: III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004.

GOMES, Paula Botelho. **Mulheres e desporto: qual a agenda pedagógica do século XXI?** In: III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo-USP, 2004.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo Esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessantes em desenvolver carreira política**. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bahia: 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MACEDO, Anabela Semanas. **O papel do jornalismo desportivo na hegemonia do futebol: Observações e reflexões de um estágio no diário desportivo O Jogo. Braga**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Minho, Braga, 2008 Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9515>>.

MATTOS, Rodrigo. **Veja quanto dinheiro a Globo ganha com o Brasileiro**. In: Uol Esporte. 2016. Disponível em <

<https://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2016/03/07/veja-quanto-dinheiro-a-globo-ganha-com-o-brasileiro/>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

MIRAGAYA, A. **A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão**. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em http://www.sportsinbrazil.com.br/artigos_papers/a_mulher_olimpica_1.pdf>. Acesso em: 26 de dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Ana Paula; OLIVEIRA, Nathalia Lainetti de. **A mulher no jornalismo esportivo**. Revista Observatório, [S.l.], v. 3, n. 5, 2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3326>>. Acesso em: 1 dezembro de 2017.

OLIVEIRA, Gilberto, CHEREM, Eduardo H.L, TUBINO, Manuel J.G. **A inserção histórica da mulher no esporte**. Revista brasileira de Ciência e Movimento. Rio de Janeiro, 2008.

PAIVA, Raquel. **Política: palavra feminina**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. **Mulheres jornalistas – A grande invasão**. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: 2010.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007

RIGHI, Anelise Farenzena. **As Donas da Bola – Inserção e Atuação das Mulheres no Jornalismo Esportivo Televisivo**. Santa Maria/RS: Comunicação Social/Centro Universitário Franciscano, 2006. Disponível em: <<http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/anelise-righi.pdf>>. Acesso em: 27 de novembro de 2017.

ROCHA FERREIRA, Maria Beatriz. **A mulher e esporte: uma abordagem histórica-antropológica**. In: V ENCONTRO de História do esporte, lazer e Educação Física. Coletânea. Maceió, 1997.

RODRIGUES, Jéssica Antunes de Lima. **Batom e chuteira: elas, o esporte e os programas esportivos**. 2014. 87. Monografia (Curso de Comunicação Social) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

SACCHITIELLO, Bárbara. **Canais esportivos se voltam às mulheres**. In: Meio e mensagem. São Paulo, 2016. Disponível em <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/10/05/canais-esportivos-voltam-atencao-para-as-mulheres.html>>. Acessado em 17 de novembro de 2017.

SILVA, Fernanda Mauricio. **Jornalismo esportivo como área específica na televisão: O pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-**

Bola, 2005. Trabalho apresentado ao NP 18 – Comunicação e Esporte, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

SILVEIRA, Nathalia Ely de. **Jornalismo Esportivo: Conceitos e práticas**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/22683>>

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazon. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

_____. **500 anos de legislação esportiva brasileira: do Brasil colônia ao início do século XXI**. Rio de Janeiro (RJ): Shape; 2002.

XAVIER, Ricardo (Rixa). **Almanaque da TV - 50 anos de memória e informação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

Fontes online

“Bate-papo UOL: Renata Fan fala sobre a estréia de ‘Jogo Aberto’, na Band”. In: Uol. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/ultnot/2007/02/07/ult4244u22.jhtm>>. Acesso em 17 de novembro de 2017.

“Conheça a trajetória da primeira jornalista de esportes do Brasil”. In: Portal Mídia e Esporte. Disponível em: <<http://www.portalmidiaesporte.com/2014/03/conheca-a-jornalista-regiani-ritter.html>>. Acessado em 17 de novembro de 2017.

“Isabela Scalabrine foi a primeira mulher a apresentar o Globo Esporte”. In: Globo Play – Globo Esporte MG. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2757664/>>. Acessado em 17 de novembro de 2017.

“Jogo Aberto realiza retrospectiva dos 10 anos de programa”. In: YouTube – Jogo Aberto. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WjQonU8yCUs>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

“Globo Esporte – Evolução”. In: Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/evolucao.htm>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

“Globo Esporte se consolida”. In: Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/globo-esporte-se-consolida.htm>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

“Globo Esporte – Esporte como entretenimento e interatividade”. In:

Memória Globo. Disponível em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/esporte-como-entretenimento-e-interatividade.htm>>.

Acesso em: 17 de novembro de 2017.

“Perfil de audiência”. In: Band.com.br. <Disponível em <http://www.band.uol.com.br/comercial/audiencia.asp>>.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM CARLA CANTERAS

Entrevista

Carla Canteras

Formada em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo.

Produtora do Departamento de Esportes da TV Globo de 2001 a 2010 e Chefe de Reportagem no Departamento de Esportes da TV Globo em São Paulo de 2010 a 2017.

Entrevista realizada no dia 12 de outubro de 2017.

Como você acredita que é o mercado de trabalho para a mulher como profissional no jornalismo esportivo, na televisão aberta brasileira, nos dias de hoje?

Quando você diz na televisão aberta brasileira você quer dizer que aparece na televisão ou não. Porque eu acho que tem uma grande diferença. Dentro do seu objeto de pesquisa você tem que colocar essas diferenças, entendeu? Porque, por exemplo, quando a gente fala em reportagem, de fato, não tem muitas mulheres, que fazem reportagem e tudo mais. Mas, nas redações, nós somos em muitas. Então, qual é a sua pergunta, para falar sobre o que?

Na verdade, a televisão aberta é só para diferenciar a Rede Globo e o Sportv, a Band e a ESPN. Televisão aberta nesse sentido, de Globo, Band, Record e SBT.

Mas você perguntou para mim como que eu vejo o mercado de trabalho para as mulheres. Aí eu só estou te falando que depende do que você quer falar. Porque, para mim, eu vejo, na equipe que eu trabalho, muito difícil para todo mundo, para você entrar, para homens e para mulheres. Acho que, e vou te falar que eu trabalho há 16 anos com esporte, vou falar para você 'eu nunca sofri preconceito', eu sofri. Não aqui na TV Globo. Eu sofri quando fui pedir emprego em um jornal porque, para trabalhar com esporte, o editor não deixou nem eu

fazer a prova porque era para ser setorista de clube e eu era mulher. Mas isso faz 17 anos. Então eu acho que algumas coisas já mudaram. A gente está em um mundo perfeito? Não, a gente não está em um mundo perfeito. A sociedade ainda não está perfeita. A gente continua andando na rua e os caras achando que podem mexer com a gente, como se a gente fosse um pedaço de carne pendurado. Então a sociedade não está perfeita.

Eu acho que as redações são um pouco do reflexo da sociedade ainda, entendeu? Acho que tem poucas mulheres, poucas mulheres que eu digo, assim, tem mais homens do que mulheres, mas acho que hoje nós já somos muitas. Entendeu? É isso. Mas a minha pergunta para você tinha sido porque você não pode avaliar, quando você fala da tevê, só repórter. Repórter, de fato, são poucas. A tevê não é feita só de repórter. O que aparece no vídeo é pouca gente. Nós somos em dez repórteres aqui em São Paulo, só a Globo. Vamos contar Globo e Sportv, em São Paulo, são 22 repórteres. E a redação tem 160 pessoas. Então, é 10 por cento. Dez por cento de pessoas que aparecem na televisão, da nossa equipe. O resto é tudo gente que faz as coisas acontecerem. Entre essas pessoas, tem muitas mulheres, a equipe de produção é formada 80% por mulheres. Por isso que eu acho que as coisas estão mudando muito. Eu acho que tem o mercado de trabalho, mas é um mercado restrito porque o mercado nosso é restrito, trabalhar em televisão é restrito. Não acho que a gente vive em mundo de sonhos, mas acho que já mudou muita coisa.

Acho que em alguns lugares, talvez na imprensa escrita, é mais difícil aceitar, tem um pouco do preconceito que a mulher não entende de futebol. Então, aí, a gente tem que ficar o tempo todo provando que entende de futebol. Eu gosto de futebol desde os oito anos de idade. Então, assim, tem isso, mas eu acho que tem que brigar pelo seu espaço.

Mas na produção a gente tem muita a gente, a equipe de edição, a pessoa que fecha o Globo Esporte de São Paulo, é uma mulher. E eu sou chefe de produção aqui do esporte, e chefe de reportagem. Então, assim, tem mulheres.

Essa é justamente uma das minhas perguntas. Porque na apresentação, na produção e até mesmo como repórteres, existe um número um pouco maior de jornalistas mulheres. E como comentaristas? Como você avalia a ocupação desses espaços pelas jornalistas mulheres?

Comentarista não é jornalista, necessariamente. Os comentaristas da TV Globo são todos ex-jogadores de futebol. No Sportv, a maioria é ex-jogador, ex-treinador. É isso, entendeu?

Então, tem muito pouco mulher comentando, mas tem muito pouco jornalista comentando. Aqui eu acho que se sustentam pessoas que já foram jogadores de futebol, treinadores de futebol. O que, na minha opinião, é melhor do que um jornalista comentando futebol.

E aí, assim, não ter mulheres comentando, eu acho que ainda não apareceu nenhuma que tivesse o perfil. E também, eu tenho uma opinião: eu acho que mulheres e homens veem o futebol de uma forma distinta. E cada um tem sua necessidade. O futebol é legal tanto sob o ponto de vista feminino, quanto masculino. E isso é bem a minha opinião. Algumas mulheres, quando tentaram ser comentaristas, tentaram falar como homem. E a gente não precisa, e aí a gente fica igual. E quando a gente fica igual, é diferente quando você tem um homem e uma mulher porque o jeito de comentar do homem, a gente não tem que ser igual, entendeu? A gente não precisa ficar no 'tatiqûês', no 'futebolês'. A gente pode falar de futebol, a gente pode falar de tática, de posicionamento, mas a gente não precisa falar como homem. Nós não somos homens. Entendeu? É isso. São pontos de vista diferentes.

Mas você acha que isso aconteceu por que? Porque, durante muito tempo, os homens predominaram no mercado de trabalho, e quando a mulher adentra essa área, ela quer fazer da mesma forma? Talvez para se encaixar? O que você acha?

Não, não acho. Eu acho que, de repente, esse era um modelo que sempre foi feito, e que, teoricamente, dava certo, e aí se foi seguindo modelos. E aí, quando você pega as pessoas que começam a fazer de um jeito diferente, e quando, também, as pessoas começam a querer o esporte, e consumir o esporte, o futebol, a notícia, de uma forma diferente, a gente muda a linguagem. Entendeu? Eu não acho.

O que eu quero te falar é assim: eu não estou falando que não existe preconceito. O que eu acho é que algumas coisas mudaram muito, de aumentar muito o número de mulheres trabalhando. Por exemplo, se o seu foco de pesquisa é o Globo Esporte, eu preciso te falar que 50% da equipe do Globo

Esporte é de mulheres. E se você quiser provar que existe preconceito e não existe mercado, eu acho que você não consegue. Eu acho que existe mercado, acho que o mercado é restrito? Acho. Mas eu acho que é um mercado restrito para homens e mulheres. Para homens é um pouquinho menos difícil. É menos difícil, e não mais fácil. O que eu quero dizer é que a realidade das redações, hoje em dia, de televisão, não é a mesma de 20 anos atrás. Eu trabalho na TV Globo há 16 anos e, quando eu entrei, tinha menos mulher. Mas, hoje, tem muita mulher.

Você comentou que, mesmo que as pessoas que estão na frente das câmeras sejam a minoria, são essas pessoas que o público, normalmente, conhece o rosto, reconhece nas ruas. E isso influencia na representatividade. Por que você acha que continua tendo menos mulheres na frente das câmeras como apresentadoras e repórteres?

Porque eu acho que eu acho que tem menos mulheres que gostam e que entendem de futebol e de esporte. Porque futebol, falar de futebol, falar de esporte, você tem que entender do que você está falando. É que nem quando você é comentarista de economia. Você tem que entender do que você fala. O erro de muitos canais de televisão é colocar as mulheres bonitas que não entendem um ovo de esporte.

Então, quando você faz reportagem, você tem que entender do que você fala. Quando você apresenta, você tem que ser bonita. Quando você faz reportagem, você tem que entender do assunto. E aí, talvez, talvez não, eu acho que tem menos mulheres que entendam do assunto com profundidade do que homens. É o que eu acho.

E você tem uma opinião formada sobre por que existem menos mulheres que entendem?

Porque, para mim, esporte é paixão, futebol é gostar. Você não assiste futebol se você não gosta. Não sei qual é o caso, se sua mãe gosta, se o seu pai gosta. Quem não gosta de futebol não fica duas horas na frente de uma televisão assistindo a um jogo de futebol. Quem não torce para algum time, não perde o tempo dele sentado e assistindo o time adversário. Então eu acho que é gostar.

Eu não tenho uma opinião formada, mas, para mim, eu ligo com paixão, e paixão não tem muita explicação. Então é isso, eu acho que tem mais homens

que entendem de esporte e de futebol do que mulheres. Agora, o porquê, não sei. Quantas amigas tuas que gostam de futebol?

Algumas; menos do que amigos.

Algumas, tipo, você conta, dez amigas suas... você já chamou alguma amiga sua para assistir futebol com você na sua casa?

Não.

Então eu acho que é um perfil das pessoas. Eu acho que mulheres se sentem menos atraídas e entendem menos. Não acho que tenha uma explicação. E eu acho que, para fazer reportagem de esporte, você tem que entender de esporte. Então, para trabalhar com esporte, você tem que entender de esporte. Seja homem ou seja mulher. Se aparecer um homem ou uma mulher e o homem entender mais de esporte, é o homem que deve ficar.

Como chefe de produção, você vê essa diferenciação do público, da emissora ou do mercado de trabalho em relação a essas mulheres e aos jornalistas? Você acredita que os homens preferam ver homens falando sobre futebol, ou não?

Não, não acho. Eu acho que os homens querem alguém que entenda e passe com clareza as coisas para eles. Homens e mulheres; querem que passe com clareza. Se é uma mulher que está me falando, beleza. Se é um homem que está me falando, beleza.

Você acha que não faz diferença?

Acho que não. Mas é uma opinião minha, eu acho que não faz diferença. Eu lido com muitas pessoas que gostam de futebol, e trabalho com pessoas que fazem futebol, trabalham na TV Globo há tantos anos, há muito mais tempo do que eu, e as pessoas não se ligam a quem é quem. Tirando o apresentador, que é um pouco mais conhecido, mas você anda na rua, ninguém mexe com você. Então não acho que essa seja uma grande diferenciação. Acho que as pessoas querem saber o que está sendo dito, não por quem está sendo dito.

E você, na sua experiência pessoal, você me contou desse acontecimento no jornal; essa foi a única experiência incômoda que você

já passou por ser uma mulher trabalhando nesse contexto do jornalismo esportivo?

Ah, eu acho que é. Tiveram outras, assim... é um ambiente extremamente masculino. Então as coisas, as piadas que você ouve, são piadas machistas; o jeito que você faz, o mundo em que você vive é um mundo que sempre foi muito mais masculino do que feminino. Mas, assim, incômodo... eu acho que eu não passei. Eu acho que trabalhar com esporte e trabalhar com uma quantidade maior de homens do que de mulheres, em determinados momentos, faz com que a gente fique menos “mimimi”. Quando a gente ouve uma piada machista, minha reação é sempre a mesma, é falar: ‘po, que maravilha, hein, pensa se a sua irmã estivesse ouvindo’.

Eu acho que a gente, que é mulher e trabalha em ambientes extremamente masculinos, a gente se defende das coisas ou cria mecanismos para fazer as pessoas perceberem que estão incomodando. Em determinados momentos, elas mudam e seguem.

No jornal foi a vez que mais me incomodei com isso, me fez mal. Mas talvez, se fosse hoje, aquele editor teria deixado eu, pelo menos, fazer o teste. Acho que a gente está um pouco melhor. Não estou falando que o mundo é bom, não. Mas as coisas estão um pouco diferentes. Porque eu acho que tiveram mulheres que provaram isso. Acho que tem mulheres no mercado de trabalho que provam isso.

Eu sou chefe de reportagem e chefe produção aqui, eu faço um trabalho que eu julgo bom, que eu sou reconhecida por ele. E o fato de eu ser mulher, o fato de existirem pessoas que têm postura, vai quebrando alguns preconceitos.

Se a gente falar do rádio, a Rádio Globo tem duas repórteres como as principais da rádio. São duas mulheres. Quando a gente tem pessoas assim, você vai quebrando paradigmas e muda as coisas. E acho que isso, vendo os anos passar, está menos. Não é um mundo perfeito, mas está menos.

Então você acha que, ainda hoje, as mulheres estão tentando combater esses conceitos pré-estabelecidos no passado e ainda se firmar no jornalismo esportivo?

Não foi isso que eu disse. Eu não acho que a mulher ainda tenha que se firmar. Eu acho que quem é competente se firma se é homem ou se é mulher. Para a mulher é um pouco mais difícil, mas que também já foi muito mais difícil. Eu não acho que as mulheres ainda precisam se firmar, não.

Eu sou extremamente respeitada pela minha categoria. Eu convivo com repórteres que são extremamente respeitadas pela categoria. Eu não acho que eu ainda preciso me firmar e ficar provando o tempo todo, não. Eu acho que a competência, por si só, já faz você ser aceita independente se é mulher ou se é homem. Acho que, talvez, é mais difícil você entrar; um pouco mais difícil. Mas, hoje em dia, é um pouco mais difícil, mas bem pouco.

Porque, quando você começa a conversar com alguém sobre esporte, futebol, mídias digitais, independentemente de ser mulher ou se é homem, você consegue convencer as pessoas. E eu acho também o modo de avaliar, quem avalia, quem contrata são pessoas que já não pensam como o editor que me disse não. A pessoa que me contratou não tinha nenhum desse tipo de preconceito; e as pessoas de outra geração, eu já tenho 20 anos de formada, quando muda essa geração, eu não penso, nem parecido, com o que aquele editor pensava. As pessoas que vão ficar no meu lugar quando eu sair, a tendência é que pense menos ainda. Eu acho que vai quebrando paradigmas. É um trabalho aos poucos? Eu acho que é um trabalho aos poucos.

Mas eu acho que não existe mais essa forma que se pintava antes. Se você ligar na ESPN, 50% da redação é mulher; no Sportv, to te falando que é mulher; na Fox eu não sei, mas acho que tem mulher pra caramba; a equipe do Esporte Interativo é chefiada por uma mulher. Então eu não acho mais que a mulher precisa se firmar. A gente não está nessa forma de 'ah, preciso provar'. Não. Eu acho que a mulher precisa ser boa como o homem precisa ser bom.

Você vê essa igualdade?

Quando a gente fala que a mulher precisa se firmar é um papel de coitadinha. Tem machismo? Tem machismo pra caralho. Não é isso que eu to falando, você me desculpa o palavrão. A gente lida, no dia a dia, com situações difíceis? Sim. Mas são situações que a gente lida na sociedade, e que eu acho que a gente tem que combater. Tem que combater falando, reclamando, xingando – xingando que eu digo, assim, reeducando. Tem que combater não

aceitando abusos, seja ele qual for. Eu não olho para nenhum homem como se ele estivesse pelado na rua, então ele não pode olhar para mim. Eu sou heterossexual e não faço isso. Então, acho que as pessoas têm que respeitar. A gente tem que exigir respeito e lutar o tempo todo.

Só que eu acho que quando a gente fala: 'ah, ainda não se firmou'. A gente tem pessoas supercompetentes trabalhando com esporte, e que estão mais do que firmadas; que trabalham bem e que são boas. Quando você fala que aparece, não aparece tanto. Mas, mesmo que apareça, tem algumas. Eu não acho que a gente precisa se firmar. A gente tem que ser forte como mulher e encarar as coisas como a gente tem que encarar no dia a dia.

Então você acha que essa relação entre mulher, esporte e jornalismo esportivo está estabelecida com o crescimento da presença feminina, com profissionais competentes e ao longo do tempo? Você acredita que essas são as variáveis que foram mudando: o tempo, a competência e a presença?

Acho. Eu acho que foi estabelecida. Quando eu entro em uma redação, na maior redação de esportes de São Paulo, que é aqui, e eu tenho 80% da produção constituída por mulheres, 50% da edição sendo mulheres, com duas chefes sendo mulheres, eu acho que a gente está estabelecida, que essa relação está estabelecida.

Não é mais surpreendente ter mulher jornalista esportiva. Isso era de 20 anos atrás, isso era lá com a Regiane Ritter, que, se você está estudando isso, você deve saber. Aliás, foi a primeira repórter do rádio, mulher, a fazer futebol. Ela foi surpreendente. Hoje, eu não sou surpresa. Alguém foi a surpresa no meu lugar e eu só estou aqui por causa da minha competência, do meu conhecimento. Eu acho que, hoje, uma jornalista esportiva mulher é uma coisa estabelecida, principalmente em tv, que é o seu foco.

Queria que você esclarecesse só mais uma coisa. A gente está falando dessa diferença na frente das câmeras e atrás das câmeras. E você falou que acha que tem menos mulheres nas frente das câmeras simplesmente porque as mulheres gostam menos.

Não é simplesmente. Você como jornalista sabe que 'simplesmente' é até pejorativo.

Sim, desculpe.

Tem que entender o que eu falei.

Eu quis dizer assim, que você acredita que seja um dos fatores. Que as mulheres gostam menos, então acontece que elas aparecem menos; e que os homens entendam mais, com mais profundidade. Mas, por exemplo, você está dizendo: você, as repórteres que estão aí, as mulheres da produção. Vocês entendem muito e estão aí. E por que, quando transpõe essa barreira das câmeras, você acha que tem essa diferença?

Olha, eu vou ser sincera. Quando a gente trabalha em televisão, nem todas as pessoas querem aparecer nas câmeras, na frente da televisão. Aliás, isso é muito pouca gente. Porque não é uma coisa, como posso dizer... tranquila. Para mim, por exemplo, eu nunca quis e nunca vou querer. E, das pessoas que trabalham comigo, quase nenhum quer.

A vida de repórter é bem complicada para se levar. É não ter horário, é não ter um monte de coisa. E eu acho que, assim, as pessoas que trabalham com isso não querem. As pessoas que trabalham aqui, uma ou duas acho que tentaram ser repórteres e voltaram atrás. Porque também, para ser repórter, precisa ser bom. Não é qualquer pessoa que é repórter. Precisa escrever bem, você precisa saber contar uma história. O repórter de tv conta uma história, não dá só o lead. E eu acho que as pessoas que trabalham aqui, talvez elas não tenham o perfil.

Uma coisa eu acho: as mulheres, na televisão, as que aparecem, são muito mais cobradas do que os homens com relação a beleza e estética. E isso é uma coisa que afasta muita gente de querer ser repórter. Isso é uma coisa ruim, que faz muita diferença e que ainda não mudou; e que eu acho que não vai mudar porque a mulher que aparece na televisão tem que ser bonita, tem que ter um estilo, de jeito, de aparecer. E dos homens não se exige tanto. Homem pode estar mais gordinho, o homem pode ser mais baixo, o homem pode estar grisalho. E isso é uma prova de que o machismo existe pra caramba. Porque eu acho que a mulher é muito cobrada pela estética. A mulher não pode envelhecer direito, e isso acho que é muito cobrado. E quando você está atrás das câmeras,

a sua vida é um pouco mais protegida nesse sentido. E eu acho que faz diferença.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM CÁSSIO BARCO

Entrevista

Cássio Barco

Formado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Santa Cecília

Repórter da Rede Globo desde 2014, atuou como apresentador do Globo Esporte São Paulo em eventuais oportunidades.

Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2017.

Como você acredita que é a realidade do mercado de trabalho para a mulher como profissional no jornalismo esportivo da televisão aberta nos dias de hoje?

Na televisão aberta ainda vejo muito menos mulheres diante da tela do que gostaria. Mas, em outras funções, como editoria e produção, a divisão é igual, isso quando os departamentos não são dominados por mulheres. No próprio Globo Esporte tivemos a Renata Cuppen, grande profissional, que era a 'voz da consciência' do Tiago (Leifert). Hoje, a Kariny Dias ocupa a posição dela muito bem também. Na edição de texto, a gente tem a Cida Santos, na produção a Giovanna Biotto, que também edita. A equipe não é tão grande, mas é bem dividida. O único lugar onde não temos mulheres é na edição de imagens.

Durante muito tempo, o jornalismo esportivo foi dominado por homens. Você considera esse meio machista, tratando-se de televisão aberta? Por quê?

Na minha visão, o problema não é nem tanto o meio, mas o público. Como mencionei na primeira pergunta, por trás das telas mulheres são metade, quando não maioria. No vídeo, atualmente, somos 10 repórteres do esporte da TV Globo em São Paulo, e só uma mulher, a Camila Silva. Infelizmente, o mundo ainda é machista, e isso reflete na nossa profissão.

Como apresentadoras, produtoras e repórteres, as mulheres possuem mais espaço no jornalismo esportivo da televisão aberta (quando

comparado ao passado)? E como comentaristas? Como você avalia a ocupação desses espaços pelas jornalistas?

Em relação ao passado, um espaço maior já foi conquistado, mas ainda longe do justo. Comentarista acredito que seja a posição mais difícil para uma mulher ocupar, porque é uma posição onde o profissional fica muito exposto. Comentaristas homens são alvos de críticas e agressões verbais de torcedores diariamente, algumas vezes apenas por dar uma opinião que faz sentido, mas foi contra o time dessa pessoa irritada. A mulher fica ainda mais exposta, por ser mulher, pelo preconceito da população.

As mulheres, na televisão aberta, ainda são minoria na editoria esportiva. Por qual motivo você acredita que isso aconteça?

Na editoria esporte, dentro da Globo, não são mais tão minoria. Na produção por exemplo, são maioria. Na edição é um empate técnico. Temos chefes mulheres. A Carla Canteras era minha chefe até ontem, foi mandada embora pelos cortes feitos pela empresa.

Como você vê o Globo Esporte nesse contexto, de mulheres jornalistas exercendo sua atividade profissional na editoria esportiva?

O que gosto de praticar é o jornalismo de entretenimento, o que não necessariamente significa 'fazer gracinha', mas mexer com as pessoas, com as emoções delas. Isso envolve encontrar histórias mais sensíveis, abordá-las com um ângulo mais humano. A visão feminina e esse cuidado com o material são essenciais. Não que elas tenham de ser responsáveis por isso. A troca é muito saudável. Nós, homens, também podemos apurar nosso lado 'feminino', tanto profissionalmente como pessoalmente.

O público masculino é maioria do programa? Você acredita que os homens prefiram ver homens a frente dos comentários esportivos na televisão? E o feminino?

Não tenho os dados de audiência para ser mais preciso nessa resposta, mas até onde sei não é uma maioria tão grande, e a proporção tem estado cada vez mais igual. Nós mesmos temos o cuidado de eliminar vícios de conversar

com o público no masculino, porque, quando aprendemos a fazer o que fazemos, 'futebol era coisa de menino'. Hoje não dá pra falar 'aí você, amigo, em casa', porque a gente sabe que quase metade desse público é de migas.. rs.

Você acredita que as mulheres ainda estão em um processo de combater conceitos pré-estabelecidos e se firmar nessa área do jornalismo?

Acho que sim, infelizmente, como em todas as outras áreas. No jornalismo esportivo, mulheres respeitadas pelo público precisam constantemente da provação constante do domínio das informações, por isso que acredito que as mulheres mais respeitadas do meio são setoristas.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM CHARLES MILLS

Entrevista

Charles Mills

Formado em Rádio e TV pela Universidade Metodista de São Paulo.

Diretor do Jogo Aberto, da TV Bandeirantes, desde 2014.

Entrevista realizada no dia 18 de novembro de 2017.

Como você acredita que é o mercado de trabalho para a mulher como profissional no jornalismo esportivo, da televisão aberta, nos dias de hoje?

Acho que cada dia que passa o espaço para as mulheres em programas esportivos é maior. Tanto na redação (edição, pesquisa, coordenação) quanto no vídeo. No jogo aberto, por exemplo, dos 10 profissionais que editam diretamente o programa no dia a dia, em São Paulo, 3 são mulheres. Nas ruas produzindo as matérias, 11 repórteres, com 3 mulheres trabalhando. Além claro, da Renata Fan, nossa apresentadora. Sem falar, das inúmeras mulheres que trabalham nas afiliadas da Band que produzem material para o PGM.

Durante muito tempo, o jornalismo esportivo foi dominado por homens; até os anos 70, praticamente não existiam mulheres na redação. Você considera esse meio machista, tratando-se de televisão aberta? Por quê?

Não considero o meio machista. Acho apenas que o interesse das mulheres em trabalhar e assistir o futebol aumentou e muitos nos últimos anos com o crescimento das transmissões de televisão e exemplos de mulheres dentro do meio. O público feminino pede mulheres trabalhando em televisão.

Como apresentadoras, produtoras e repórteres, as mulheres possuem mais espaço no jornalismo esportivo da televisão aberta. E como comentaristas? Como você avalia a ocupação desses espaços pelas jornalistas? Você acredita que a mulher pode ter o mesmo potencial que o

homem para emitir opiniões sobre futebol e ocupar o mesmo lugar de fala dos comentaristas?

Posso falar pelo Jogo Aberto que a Renata Fan não só apresenta o programa com o comenta qualquer assunto debatido. Acho que a mulher tem o mesmo potencial para emitir opiniões, se claro, tiver o conhecimento do assunto.

Pelo menos na frente das câmeras, as mulheres, na televisão aberta, ainda são minoria na editoria esportiva. Por qual motivo você acredita que isso aconteça?

Sim. Ainda são minoria pela procura do trabalho. A quantidade de homens buscando emprego em programas esportivos é muito maior.

Como você vê o Jogo Aberto nesse contexto, de mulheres jornalistas exercendo sua atividade profissional na editoria esportiva? Quantas mulheres existem na equipe toda?

Acho que o Jogo Aberto está na média dos outros programas. Temos 1 apresentadora, 3 editoras, 3 repórteres, e 1 pauteira. Além, é claro, da parte que cuida diretamente da imagem dos profissionais, (maquiagem, secretárias, etc...)

O público masculino é maioria do programa? Você acredita que os homens prefiram ver homens à frente dos comentários esportivos na televisão? E o feminino?

Sim. Não. Não.

As mulheres ainda estão buscando combater conceitos pré-estabelecidos e se firmar nessa área do jornalismo?

Sim. E a cada dia que passa estão conseguindo isso.

Sob a sua visão, qual a importância da Renata Fan para o jornalismo esportivo da Band e, especificamente, para o Jogo Aberto?

Essencial, verdadeira, pioneira e extremamente capacitada.

Você vê essa diferenciação do público com relação às jornalistas mulheres e aos jornalistas/comentaristas homens?

Não sei. Só acho que o público não tem muita escolha. Os homens nessa área ainda são maioria esmagadora.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM CIDA SANTOS

Entrevista

Cida Santos

Formada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero.

Editora de texto do Globo Esporte São Paulo desde 2001.

Entrevista realizada no dia 6 de outubro de 2017.

Como você acredita que é o mercado de trabalho para a mulher como profissional no jornalismo esportivo da televisão aberta nos dias de hoje?

Acho que, atualmente, a grande preocupação é o mercado para jornalistas e não só para as mulheres. Com a crise econômica, as empresas estão demitindo e cada vez se tem menos vagas nas redações. Perder o emprego, hoje, significa demorar muito mais tempo do que antigamente para conseguir uma vaga e, possivelmente, com salários mais achatados.

Sobre o mercado para mulheres, ainda há um domínio maior dos homens no jornalismo esportivo, mas já temos muitas mulheres nas redações e no comando. Na Globo, por exemplo, a editora executiva do Globo Esporte é uma mulher, Kariny Dias, e a chefe de reportagem é a Carla Canteras. Somadas as redações da Globo e do Sportv em São Paulo, somos, pelas minhas contas, 22 mulheres, um número bem representativo.

Durante muito tempo, o jornalismo esportivo foi dominado por homens. Você considera esse meio machista, tratando-se de televisão aberta? Por quê?

No geral, acredito que sim. Ainda se tem a ideia que os homens conheçam melhor o esporte, principalmente o futebol, talvez pelo histórico de meninos jogarem mais futebol que meninas, se bem que isso também está mudando.

Hoje, as novas gerações de mulheres praticam muito mais o futebol do que as gerações anteriores. Por outro lado, quando entrei na Folha de S. Paulo, no

final dos anos 80, eu era a única repórter mulher. Hoje, as redações têm muito mais mulheres. Houve uma evolução.

Como apresentadoras, produtoras e repórteres, as mulheres possuem mais espaço no jornalismo esportivo da televisão aberta? E como comentaristas? Como você avalia a ocupação desses espaços pelas jornalistas?

As mulheres têm mesmo mais espaço nessas funções de apresentadoras, produtoras e repórteres. Como comentaristas, acho que aí entra aquela questão: os homens praticam mais futebol desde a infância, o futebol masculino tem mais patrocínio, apoio e visibilidade do que o feminino. Logo, a ideia geral é que eles entendem mais, já que executaram as jogadas que aparecem nas partidas de futebol e, no geral, os ex-jogadores, que são maioria entre os comentaristas, são mais famosos do que as ex-jogadoras. Logo, rendem mais audiência e credibilidade nos seus comentários.

As mulheres, na televisão aberta, ainda são minoria na editoria esportiva. Por qual motivo você acredita que isso aconteça?

Acho que são anos e anos com um histórico de que futebol é mais coisa de homem do que de mulher. Nos outros esportes, geralmente, as mulheres têm mais chances de atuar, mas eles não têm o mesmo espaço que o futebol nas coberturas esportivas. Mas, ao longo dos anos, as mulheres ganharam mais espaço nas redações.

Como você vê o Globo Esporte nesse contexto, de mulheres jornalistas exercendo sua atividade profissional na editoria esportiva?

A editora executiva do Globo Esporte é uma mulher, a Kariny Dias. A chefe de reportagem é a Carla Canteras. Sou a única editora de texto mulher, mas temos quatro produtoras mulheres que trabalham para o Globo Esporte. Formamos um bom time. As artes do Globo Esporte também são feitas por uma mulher, a Daniela Anselmo.

O público masculino é maioria do programa? Você acredita que os homens preferam ver homens a frente dos comentários esportivos na televisão? E o feminino?

Difícil responder essa questão, mas são anos e anos dessa cultura masculina no futebol. Complicado mudar esses padrões. O que se observa é que nesse setor de opinião, o domínio masculino é muito grande. Não estou conseguindo nem lembrar agora o nome de uma mulher que, atualmente, trabalhe como comentarista em jogos de futebol masculino. Na reportagem também tem algumas mulheres. Mas o domínio é masculino. Na produção é o setor que percebo um número maior de mulheres.

As mulheres ainda estão buscando combater conceitos pré-estabelecidos e se firmar nessa área do jornalismo?

Sim, com certeza. Ainda é um mundo com domínio masculino e ainda se tem muita luta pela frente.

Você já passou por alguma situação incômoda por ser uma mulher trabalhando no jornalismo esportivo?

Não lembro de nada significativo. Há 16 anos, tempo que trabalho aqui no Globo Esporte, minha função é editora de texto. O meu trabalho é mais interno.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM MARCO AURÉLIO SOUZA

Entrevista

Marco Aurélio Souza

Formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Repórter do Globo Esporte São Paulo. Chegou em 2005 no SporTV, mas já fazia matérias para a Globo. Em 2011, deixou as transmissões do SporTV e passou a fazer trabalhar apenas na Globo.

Entrevista realizada no dia 5 de outubro de 2017.

Como você acredita que é a realidade do mercado de trabalho para a mulher como profissional no jornalismo esportivo da televisão aberta nos dias de hoje?

Muito boa. Na redação da Globo e do Sportv as mulheres são maioria. Dominam as funções de chefia, produção, edição de texto e logística.

Durante muito tempo, o jornalismo esportivo foi dominado por homens. Você considera esse meio machista, tratando-se de televisão aberta? Por quê?

Se existe machismo ele está fora das redações que eu frequentei e frequento. Imagino que sua pergunta está diretamente relacionada ao vídeo: apresentação e reportagem. Nesse ponto, as mulheres são minoria. Muito provavelmente, porque – na vida brasileira – as mulheres que crescem acompanhando futebol e indo aos estádios com os pais e irmãos são minoria. Para um menino isso é a coisa mais normal do mundo. Não consigo separar as coisas.

Como apresentadoras, produtoras e repórteres, as mulheres possuem mais espaço no jornalismo esportivo da televisão aberta (quando comparado ao passado)? E como comentaristas? Como você avalia a ocupação desses espaços pelas jornalistas?

Comei a trabalhar, em 2000, e o número de mulheres nas redações só aumenta. As mulheres são maioria nas faculdades de jornalismo, logo é até lógico esse crescimento. Tirando o futebol, nos esportes olímpicos, são muitas mulheres na função de comentarista. As ex-atletas dominam essa área.

As mulheres, na televisão aberta, ainda são minoria na editoria esportiva. Por qual motivo você acredita que isso aconteça?

Repito: as mulheres não são minoria nas redações que eu trabalho.

Como você vê o Globo Esporte nesse contexto, de mulheres jornalistas exercendo sua atividade profissional na editoria esportiva?

O CPE (Centro de Produção do Esporte) tem sete jornalistas. São seis mulheres e apenas um homem.

Na edição de texto do Globo Esporte são duas editoras tratando de matérias, na maioria, de futebol. Muitas reportagens que você vê são editadas por elas. A chefia de reportagem é ocupada por uma mulher. Sim, uma mulher cuida, diretamente, de todos os repórteres. E um último detalhe muito importante: o GESP tem dois editores-chefes, um homem e uma mulher.

O público masculino é maioria do programa? Você acredita que os homens prefiram ver homens a frente dos comentários esportivos na televisão? E o feminino?

Não tenho acesso a esses detalhes da audiência.

Acredito, sim, que o público masculino tenha dificuldade para aceitar uma mulher comentando futebol, pelos motivos que já descrevi na segunda resposta.

Não tenho essa informação.

Você acredita que as mulheres ainda estão em um processo de combater conceitos pré-estabelecidos e se firmar nessa área do jornalismo?

Olho aqui para os lados e só vejo mulheres. Trabalho com produtoras, por exemplo, desde que entrei na RBS, lá em POA, no meu primeiro emprego. As mulheres não são minoria, são maioria. O que pode criar uma impressão errada

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM RENATA FAN

Entrevista

Renata Fan

Formada em Direito pelo Instituto de Ensino Superior Santo Ângelo (IESA) e em Jornalismo pela Faculdades Integradas Alcântara Machado (FIAM) de São Paulo. É a apresentadora do programa Jogo Aberto, da TV Bandeirantes, desde fevereiro de 2007, data de estreia da atração.

Entrevista realizada no dia 31 de outubro de 2017, na TV Bandeirantes, em São Paulo.

Como você acredita que é o mercado de trabalho, hoje em dia, para a mulher como jornalista esportiva na televisão aberta?

O mercado de trabalho, hoje em dia, é muito mais fácil do que há 14 anos, quando eu comecei, onde a mulher, dentro dos programas esportivos, ela tinha uma figuração, era mais vista pela estética e não pelas opiniões emitidas. Isso nem era possível naquela época, e não porque as mulheres não tivessem condições, mas porque elas não tinham espaço. E isso foi acontecendo gradativamente.

E eu me sinto muito honrada de ter essa oportunidade, de ter a confiança de pessoas que acreditaram em mim, que confiaram no meu trabalho, que acharam que eu poderia sim falar sobre futebol. Primeiro, porque eu sempre amei o assunto, eu sempre amei o futebol. Eu não tenho condição nenhuma de jogar, eu não tenho condição nenhuma de ser uma atleta, mas sempre fui fissurada pelo jogo. Isso que, quando eu tinha 6 ou 7 anos, eu não tinha internet, não tinha pay-per-view, os jogos não passavam todos na televisão, você acompanhava mais o rádio também. Os recursos eram limitados.

Então, hoje, eu vejo que o mercado de trabalho é muito mais facilitado. Primeiro pela questão da tecnologia. Eu preciso saber qual jogador foi lateral esquerdo do Real Madrid em 1963. Você vai no Google, digita, tem a informação. Então, hoje, para debater, buscar informações, para poder também checar alguns dados é muito mais fácil. E eu acredito que, com isso, os profissionais

tiveram uma equivalência. Porque as mulheres, no começo, elas eram vistas como torcedoras porque o marido gostava, o namorado gostava, o irmão, o pai ou alguém próximo. E, hoje, elas têm muito mais personalidade para poder assistir a uma partida, analisar, ter uma opinião própria.

O que eu mais gosto na mídia esportiva é o debate, então eu sou uma debatedora. Agora, o mercado de trabalho, hoje, ele é ampliado porque as mulheres apresentam, elas são repórteres, elas são editoras. Eu ainda não vi uma mulher chefiando um departamento de esportes em televisão. Acho que é uma pena que ainda não tenhamos ninguém com esse olhar, com essa visão. Quem sabe no futuro, quem sabe até eu um dia não tenha essa coragem ou essa vontade.

Mas eu acho que qualquer coisa que você faz, lógico que a experiência é superimportante, mas o que mais é interessante hoje para você ter destaque é ser atualizada, ser corajosa, ser muito observadora, é ter um domínio enorme do futebol, não só nacional, mas estrangeiro também, e ser uma pessoa extremamente atenta, extremamente focada. E as mulheres são assim, os homens também. E eu não sou favorável a um universo com homens e mulheres separados, eu acho que, quando nós trabalhamos juntos, tudo é facilitado.

E por que você acha que, no passado, as mulheres eram subestimadas nessa área do jornalismo?

Primeiro porque, na condição de atleta, o futebol feminino, até hoje, ele ainda tem muito menos visibilidade, muito menos investimento, e não tem a propriedade do futebol masculino. Indo para a parte profissional, quando você não tem, de repente, mulheres expoentes, como a gente fala na Marta, na Marta, na Cristiane, na Maurine, na Formiga... e para por aí. A gente não tem grandes nomes. Então, as mulheres não trouxeram uma cultura do campo para dentro das redações ou para dentro do jornalismo esportivo. Elas tiveram que fazer isso como? Como eu fiz: sendo torcedoras. Quando você é torcedora, quando você é fanática, quando você é apaixonada, quando você é dedicada ao assunto, você vai criando uma memória esportiva, você vai criando os seus argumentos. Eu sempre fiz isso com os amigos do meu irmão, e eu era considerada uma intrusa.

Então, na verdade, eu acho que, quando você não tem um espaço vindo do próprio futebol, é difícil você ter uma chance no jornalismo esportivo. To falando isso em uma realidade passada. Hoje, quando as mulheres começaram a trabalhar, quando mostraram sua competência, mostraram o quanto elas são profissionais, o quanto, realmente, elas fazem a diferença, isso acabou ganhando espaço, abrindo um novo caminho para todas nós. E, na verdade, quando uma mulher tem sucesso, outra ganha oportunidade, outra vai ter a chance de mostrar algo novo, diferente. E eu nunca lutei por trabalhar somente no meio de mulheres. Eu jamais quis ter um programa só de mulheres. Eu acho que não tem cabimento. Eu acho que o legal é quando você tem mulheres e homens. Eu gostaria, talvez, de uma distribuição melhor. Mas sempre com a participação de todos. Eu acho que esse é o segredo. Agora, o respeito, a credibilidade, ela começa com quem você trabalha. Se, quem está trabalhando com você no dia a dia, não respeita suas opiniões, não acredita no que você fala e não concorda também com muitas coisas, você não vai ter a oportunidade de sequência.

No início da sua carreira, quando você teve suas primeiras oportunidades, você também era subestimada, você também já passou por situações que te incomodaram, de pessoas que duvidaram de você?

Passei, sim, porque eu comecei como assistente de palco, nos programas Terceiro Tempo e Debate Bola, da Record, ao lado do Milton Neves, que é um grande comunicador, que tem uma história muito bonita no jornalismo esportivo; um cara que não se fixou apenas na tv, mas também veio do rádio, um sucesso na internet, um publicitário. E, quando eu comecei com ele, eu era a questão figurativa da história, eu entregava os brindes para jogadores, treinadores, para os convidados do programa. Eu era aquela pessoa que fazia uma figuração; como se você tivesse um objeto bonito.

Só que, de repente, no dia a dia, convivendo com os debatedores, com os comentaristas, com o próprio Milton, com as pessoas que trabalhavam na redação, eles começaram também a me ouvir. Eles perceberam que eu não estava ali apenas para servir de mulher bonita. Tantas são, mulheres muito mais bonitas do que eu. Ah, ok, fui Miss Brasil. Mas é apenas um detalhe na vida. Você é Miss Brasil por um ano, aproveita muito bem esse período e depois outra

vai ter essa chance. E, na verdade, eu sempre gostei de futebol, eu sou formada em duas faculdades. Na época que eu comecei em televisão, eu já estava cursando jornalismo. Então, eu vejo que as pessoas que trabalharam comigo, foram elas que começaram a perceber que eu poderia ter uma chance, que eu poderia ter um espaço maior, que as minhas opiniões eram fundamentadas, que eu era atualizada, que eu acompanhava os jogos, que eu sabia arbitragem, os jogadores que participaram da partida, que eu tinha não só os dados técnicos do jogo, mas também uma opinião: eu poderia avaliar se foi pênalti ou não foi pênalti, se estava impedido ou não estava.

No dia a dia, quando você começa a conversar, e quando você começa a ter mais intimidade com os parceiros de trabalho, uma intimidade profissional, mas de convivência, você acaba mostrando para as pessoas o que você sabe, o que você gosta, o que você é capaz de fazer. E foi assim que eu comecei a crescer. Por incrível que pareça, nos bastidores, nesse dia a dia. E, de repente: 'ah, quem foi o jogador que participou, que fez o gol. Ah, não lembro'; 'Foi fulano'. 'Será, ela tá certa? Ah, tá certa'. Então, aos poucos. Isso não acontece do dia para a noite, você não chega em um lugar e já domina, já ganha o espaço. Foram três anos e meio até o convite para apresentar o Jogo Aberto. Então, começou assim: sendo ajudada e sendo respeitada pelos parceiros profissionais.

E você acha que é assim com todo mundo, essa dúvida, ou o fato de você ser mulher interferiu nessa questão?

Interfere porque, até que ponto... eu fui jogadora? Não. Eu fui Miss Brasil. Eu fui uma pessoa que, formada em Direito, mas o que o Direito tem a ver com o jornalismo? Talvez um tribunal, no STJD. Ponto. Então, eu não tinha um passado para corroborar uma experiência profissional. Eu tive que conquistar as coisas dessa maneira. E eu não acho nenhum problema, que, no início, as pessoas falavam: 'puxa, mas teve preconceito, teve desconfiança'. Lógico. Se você nunca fez nada do tipo, se você nunca foi uma pessoa que teve essa experiência antes, você vai ser cobrada por isso. Você é pioneira, você está começando em um lugar. Eu não acho nada absurdo, mas cabe a você ter paciência, ter também um discernimento de esperar e achar as melhores oportunidades. Encontrar o momento certo.

Hoje em dia, na frente das câmeras, as mulheres ainda são minoria – ao contrário do que acontece nas redações. Você acha que, como comentaristas, as mulheres também têm condições de ocupar esse espaço que ainda não é ocupado?

Sem dúvida. Agora, claro que, o que as pessoas esperam de um comentarista? O que você espera de um comentarista? Que ele possa analisar o jogo taticamente. Se você tiver essa condição porque você viu muitos jogos, porque você acompanha uma rotina no futebol, ok, você vai ter essa oportunidade. Se você jogou futebol um dia, se você tem a noção de como se comporta um atacante, um meio campista, um defensor, enfim, isso vai ajudar. Mas, normalmente, as mulheres não têm essa percepção prévia. Elas acabam ganhando isso porque, profissionalmente, você se obriga a ver o futebol de uma maneira diferente.

Quando eu comecei a ver futebol, eu via como torcedora. Eu via como alguém que era e continua sendo fanática. E agora eu tenho uma obrigação com o meu público de também analisar o futebol de uma maneira muito mais profissional, de uma maneira imparcial. Nem sempre é possível, e eu nem quero isso em todos os momentos. Eu acho que você tem espaço, sim, na mídia, para ser uma torcedora, para ser alguém apaixonado e para, de vez em quando, também perder a cabeça. Eu acho que isso acontece com todo mundo, não é? Nem sempre você vai ter as opiniões completas ou as melhores opiniões. Mas eu acho que nunca você pode ter o seu direito de dar opiniões retirado. Isso é errado.

Então eu vejo que as mulheres, hoje, se elas quiserem conquistar um espaço no vídeo; o vídeo te expõe muito mais, e eu não estou na tv fechada, eu não estou na tv a cabo, onde as pessoas buscam, talvez, uma qualidade maior, ou as pessoas têm, de repente, o dia inteiro para falar sobre futebol. Eu tenho duas horas de programa, em tv aberta, em um espaço extremamente popular, extremamente abrangente. Então, eu já passei por situações em que fui mal interpretada, que eu, de repente, tenha errado, que, de repente, não dei a melhor opinião. Mas o que é bacana no programa ao vivo e diário, praticamente diário, é que você tem a chance de retornar no outro dia, você tem a chance de refazer

alguma coisa que não foi bem ajustada. O problema é que a cobrança, um erro de uma mulher, ele é um erro que fica muito pesado.

As pessoas, hoje em dia, eu não acho mais que tem essa coisa de cobrar porque eu sou mulher apenas. Acho que isso sempre é velado. E eu percebo, sim, muito machismo. Não vou dizer que todos os homens são machistas. Eu percebo que tem mulheres também que não dão a credibilidade devida a uma mulher, que preferem fazê-lo em relação a um homem. Isso existe também. Não é só dos homens. Porque tem muita mulher que assim: 'ah, o que ela tá fazendo lá?', 'ah, aposto que ela teve gente que ajudou, teve influência'.

Eu nasci em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul, em uma cidade com 80 mil habitantes, talvez o censo hoje esteja, hoje, um pouquinho maior, mas por volta de 80 mil habitantes. Meu pai não tem influência nenhuma em televisão, não tem ninguém na família. Então, foi um começo de história difícil. Eu fui para Minas Gerais para fazer minha faculdade de jornalismo, depois vim para São Paulo. Então, eu tenho uma história de batalha, uma história de muita conscientização no que eu fiz. E agora, eu acho que os descuidos maiores acontecem agora, depois de tanto tempo, do que no início. Porque no início eu vivia me policiando. Eu era policiada pelas pessoas? Era. Mas a principal fiscal era eu mesma. Eu é que ficava: 'o que é que eu falei, como é que eu disse, deixa eu rever'. Hoje eu não revejo mais os programas, hoje eu não carrego essa culpa ou essa obrigação como eu tinha, como acontecia antes. Então, me sinto hoje mais livre. E quando você está mais livre, às vezes você relaxa também.

E você acredita que seja muito positivo a sua figura como representativa para as mulheres, para as mulheres que querem começar nessa profissão, que ligam a tv e veem lá uma mulher já consolidada? E falar sobre isso, falar que as mulheres também podem, que devem ter espaço, que precisam de oportunidades. Você acha que falar sobre isso e trazer esse tema das mulheres é relevante para o mercado de trabalho e para a sociedade?

Eu acho que a gente não deveria ainda estar discutindo se a mulher precisa ou não precisa espaço. Na minha opinião isso é algo que já aconteceu, as mulheres têm o seu espaço e é uma tendência natural que elas evoluam. Então, quando eu comecei a trabalhar, eu nunca imaginei que eu chegaria nessa

condição. Eu tinha esse sonho. Mas, primeiro, eu não tinha coragem de falar para um diretor ou para alguém que eu teria vontade de ter um programa.

E o que eu aprendi, no momento que eu recebi essa oportunidade da Band, que eu comecei o Jogo Aberto, e tem tantos programas esportivos muito legais na televisão brasileira, mas que já mudaram várias vezes de apresentadores, o Jogo Aberto continua com sua apresentadora original. Então, quando eu comecei, eu entendi que isso causava, sim, admiração, causava também uma espécie de norte de conduta para que outras mulheres também buscassem esse mesmo caminho. Mas eu também não sabia quanto tempo duraria. Seria uma aventura? Seria algo consolidado? E aí eu entendi que o mais difícil não é entrar em televisão, não é ter um programa comandado por uma mulher, mas a manutenção disso. Poderia ter durado seis meses, poderia ter durado menos, poderia ter durado um pouco mais. Mas o Jogo Aberto continua com mais espaço na grade da Band.

Hoje a Band acredita tanto em futebol que, mesmo perdendo os direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, ela tem mais um programa de futebol, com outra característica, com outro apresentador, com outra proposta. E a gente tem liberdade. E, hoje, eu não sou só apresentadora do Jogo Aberto. Para muitos que não sabem quem chega aqui cedo, junto com a equipe de redação, que é excelente; eu tenho uma equipe muito pequena de redação, mas eu sou muito presente. Hoje eu participo, eu opino, eu veto, eu tenho, hoje, uma ligação não só com os comentaristas, eu tenho mais ligação com quem está nos bastidores do que com quem aparece na televisão. Isso, realmente, me faz muito feliz, porque eu entendo que o grande ganho que eu tive na profissão foi compreender o processo completo.

O programa não começa às 11 da manhã, ele começa muito antes. À noite, hoje, com internet, com brincadeiras; a gente tem uma.. foi uma migração também porque, eu comecei apresentando sempre com aquela coisa, 'não, eu não posso errar, eu sou mulher, eu estou tendo essa chance, não posso decepcionar o público masculino e feminino'. Eu tinha muitas dúvidas, tinha, realmente, algumas batalhas para vencer. E, hoje, eu entendo que a melhor coisa do trabalho na mídia esportiva é quem trabalha em equipe e valoriza isso.

Eu tenho uma equipe sensacional na redação, eu tenho uma equipe de estética, de maquiagem, de cabelo, de figurino, de supervisão, que é essencial.

Eu tenho câmeras que são, realmente, diferenciados, que captam o espírito do programa. Eu tenho um bom assistente de estúdio, eu tenho pessoas que acabam colaborando nos bastidores; pessoas que, independentemente do que elas façam, elas não são mais nem menos, todas são importantes.

E fora os comentaristas. Eu descobri um grande parceiro, que o Denílson, que é uma pessoa do bem, um cara que tem experiência no futebol, que participou de duas Copas do Mundo, um cara que gosta do humor, gosta de um lado mais descontraído, mas que, na hora de falar sério, vai falar sério e vai opinar com sinceridade. Eu tenho o Ronaldo Giovanelli, ídolo do Corinthians, um cara que é fanático, que eu entendo bem porque eu também sou, e é superimportante para o programa. Tenho o Chico Garcia, um jornalista gaúcho, alguém que tem ótimos textos, e que sabe se expressar muito bem, e, além de tudo, além de ser repórter, também tem o curso de arbitragem.

Eu tenho o Paulo Roberto Martins, experiente, um cara respeitado na mídia, um cara com opiniões fortes e marcantes. Tem o Ulisses Costa, que é narrador, além de ser comentarista, e que é um cara que agrega muito. E o Héverton Guimarães, que agente descobriu em Minas Gerais e que, hoje, é uma parte superimportante; um cara super versátil e que chegou muito bem pro programa.

Então, eu trabalho em equipe. E, hoje, eu poderia dizer assim: o meu programa. Isso não existe. Eu sempre digo o Jogo Aberto, porque o Jogo Aberto é feito por todos. Eu sou, talvez, a ponta da cadeia, não é? O cartão de visitas do que é produzido por todos. Então minha responsabilidade é muito grande com o público, mas ela é enorme com as pessoas que trabalham comigo. Porque, de certa maneira, eu represento essas pessoas, represento uma filosofia que todos nós escolhemos.

Esse é segredo. Eu acho que a abordagem, se tem pessoas preconceituosas, pode ter um chefe preconceituoso, pode ter um editor preconceituoso, pode ter um torcedor, pode ter um jornalista de uma outra área. O preconceito, na verdade, ele não está dentro de uma redação, ele pode estar em qualquer lugar. Se você ficar pensando nisso, você não se desenvolve, você não é criativa, você não cresce e você não evolui.

E eu sou uma pessoa que já sofreu muito. Não com críticas; críticas são ótimas, desde que bem posicionadas e que ajudem para que você evolua e seja

uma profissional melhor. Mas críticas vazias, baseadas na condição de você ser uma mulher, de você nunca ter jogado futebol.

Por exemplo, eu comecei a trabalhar com salto alto, com maquiagem, com cabelo comprido. E eu continuo assim. Eu sofri muita pressão para cortar cabelo, para usar tênis. Eu falei: 'gente, eu não estou entrando em campo. Eu estou apresentando'. Isso não existia. 'Ah, mas você não pode usar um vestido muito sensual porque os homens vão olhar só para isso e não para o resto'. Se eles quiserem olhar só para isso, azar é deles. Porque eles vão estar perdendo comentários, vão estar perdendo a posição de uma pessoa que é uma debatedora.

Falando no público, você tem informação sobre se a maioria dos telespectadores são homens ou não aqui no Jogo Aberto. E se você recebe esse retorno também, tanto de homens, quanto de mulheres; tanto para o lado positivo, quanto para o lado negativo.

Olha, hoje em dia, você não avalia a abordagem de Ibope, de público, individualmente. Porque, em um domicílio, em uma sala, pode ter um homem, mas pode ter uma mulher também ao lado, pode ter outros homens ou outras mulheres. Mas eu acredito, isso não é um número certo, não é uma amostragem ou algo que eu tenha concreto, mas, pela minha experiência de 14 anos, é lógico que o público, a maioria é masculina. Isso eu não tenho dúvida. E é uma coisa até natural, porque os homens gostam de futebol, jogam futebol, tem mais espaço para o futebol masculino do que o feminino. E ainda é.

Mas eu vejo um crescimento enorme de mulheres, eu vejo crescimento considerável de mulheres interessadas pelo assunto. Mulheres que discute, que me abordam, e que gostam do programa porque também gostam de futebol. E tem muitas mulheres que começaram a gostar do programa porque acompanhavam com os outros homens; e, elas, quando os homens não estão em casa, ligam a televisão. É óbvio que no futebol o público ainda é maior para o lado masculino, mas não dá para você, hoje, não notar a presença feminina nesse esporte.

Você tem alguma opinião formada sobre por que as mulheres, teoricamente, têm menos interesse e tem essa cultura de que os homens

gostam mais de futebol? Já que o futebol surgiu no Brasil como um esporte pequeno e, aos poucos, foi ganhando espaço. Qual é essa ligação homem e mulher; porque um pratica mais, gosta mais, participa mais?

Na verdade, eu acho que é uma questão de raiz mesmo. Quem joga futebol, gosta de futebol, normalmente. Você não vê tantos homens interessados em moda. Mas as mulheres são preocupadas com a moda. Isso não significa que um homem possa se vestir bem, de repente, pesquisar sobre grifes, sobre o que está sendo usado. Eu acho que, quando você tem uma origem no assunto, você vai ter uma base maior em quem praticou a origem. E, hoje em dia, tem muitas mulheres que gostam de futebol, mas não amam futebol. De repente, gostam por uma série de contingências.

Mas, por exemplo, eu sou uma mulher que eu amo. Se eu tiver em casa, se meu time jogar, melhor ainda, mas, se não jogar, eu vou acompanhar também. E não é pelo lado profissional, é porque eu gosto mesmo. Eu vejo tudo o que é possível. Se eu estiver em casa e tiver um jogo, Campeonato Alemão, Campeonato Espanhol, Italiano, Inglês, o que seja, eu vou estar acompanhando. Porque eu gosto. Até porque eu nem falo muito sobre isso. A gente fala de Liga dos Campeões da Europa, tem uma parte dedicada para futebol internacional, mas não é a maior parte do nosso programa. E mesmo assim eu vejo.

Então, é uma coisa de interesse. O interesse por futebol vai ser igual por quem gosta de futebol, seja homem ou mulher. Então, não acho que você tenha que dizer que o homem se interesse mais, ou a mulher menos. Eu acho que a mulher que se interessa, ela se interessa da mesma maneira que o homem. Ela vai acompanhar, ela vai querer se inteirar.

Agora, é difícil você avaliar por que as pessoas se interessam, se é mais ou menos. Se há interesse, é óbvio. É o esporte mais popular do Brasil, e a gente tem programas sobre futebol; você fala que tem programa sobre esporte, mas a maior parte é dedicada para futebol. Então, eu não consigo, eu não consigo avaliar o mais ou o menos em relação a interesse feminino ou masculino.

É porque, por exemplo, o futebol masculino é muito mais natural, o feminino tem muito menos espaço. Mas isso foi uma coisa que foi construída ao longo dos anos, até pelas raízes do futebol no Brasil. E aí você acha que uma menina que, por exemplo, queira jogar futebol hoje, ou

quis no passado, vai ter a mesma abertura que um homem teve? Porque a gente liga a prática do esporte ao comentário. Mas a prática do esporte também é igual para os dois?

É que, assim, não necessariamente um ex-boleiro ou uma ex-boleira vai ter o dom de comentar. Porque não é só saber de futebol, você tem que saber se expressar. Se fosse assim, ninguém faria jornalismo. 'Ah, eu falo bem'. Mas você precisa melhorar a sua fala, melhorar o seu conhecimento, ter uma base. Então, não é todo mundo que tem um passado que realmente, vai, agora, fazer uma outra função. 'Ah, eu joguei futebol, então eu estou pronto para ser comentarista, para ser narrador'. Não. Uma coisa não depende da outra. Não necessariamente você vai ter esse futuro. Se você tiver uma base, ótimo, você vai ter matéria-prima para o seu trabalho. Mas, se você não tiver, nada impede que você construa uma carreira, que você faça faculdade, que você melhore suas opiniões.

Acho que, na verdade, depende da pessoa, da vocação que ela tem profissional. Porque eu não seria uma boa apresentadora de futebol se eu também não soubesse me expressar, se eu não soubesse conversar com as pessoas, se eu não soubesse direcionar assuntos. Enfim, tem uma série de coisas que levam a pessoa a ter sucesso em uma área. Então, acho que não é só, 'ah, porque é mulher, que não jogava, ou porque jogava...'

O futebol feminino, ele recebe premiação menor, ele ainda não tem o status. E até em quantidade. Qual é a quantidade de mulheres jogando e de homens jogando? Hoje não dá para comparar. E, às vezes, as pessoas não podem ser hipócritas. Às vezes é aquela história: você vê a mesma quantidade de jogos de mulheres do que de homens? Não, né? Então. Parte não de quem trabalha, mas acho que parte do interesse. Desse interesse geral. Se as mulheres, elas não têm tanto interesse, como você sugeriu, no futebol; os homens têm mais interesse, por que as mulheres não têm interesse em futebol feminino? Eu acho que, com o tempo, o futebol feminino vai ter, nem que seja uma obrigação, vai ter que ter espaço, oportunidade. Mas ainda é muito distante a realidade do futebol feminino e masculino.

Infelizmente, é uma coisa que você trabalha no programa... Eu não venho no Jogo Aberto e falo do que eu quero, senão eu falaria do Inter, que é o meu

time, 100% do tempo. A gente vem com uma pauta, com números do Ibope, você vem com uma série de coisas. Então, você não faz o programa... 'ah, mas fala muito do Corinthians'. Mas você trabalha em São Paulo, na capital paulista, é o time que tem mais torcida, como que você não vai falar do time? Mas se fala em outros também. Mas acho que essa não é a abordagem, acho que tem que entender o que a televisão pede.

Você acha que o futebol feminino sendo mais expoente vai ajudar as mulheres também como jornalistas?

Eu não consigo ver uma equação direta. Eu acho que o importante é que as pessoas estejam com a cabeça aberta para contratar jornalistas, para dar espaço, para dar oportunidade. O que é dar oportunidade? É dar tempo. Não adianta você colocar uma pessoa e testar em dois ou três meses; não vai ser a melhor jornalista do mundo.

E as pessoas estão abertas?

Eu acho que hoje estão. Hoje, eu vejo também que , nas faculdades de jornalismo... porque, assim, você não tem faculdade de jornalismo esportivo, você tem faculdade de jornalismo. Se você vai para o esporte, para o jornalismo puro, se você vai para uma área diferente, previsão do tempo, que seja, é uma decisão de cada um. Mas, hoje, você não entra na faculdade para ser uma jornalista esportiva. Pode ser o seu sonho, mas você pode mudar. Quando eu comecei com jornalismo, eu sempre gostei de futebol, mas eu não imaginava que eu trabalharia em um programa de futebol, porque eu não fiz a faculdade pensando especificamente nisso. E é bom nem pensar. Porque a faculdade vai te oferecer, como você sabe, outros caminhos outras hipóteses, e é legal você estar aberto a isso.